



ACADEMIA MILITAR

A Cooperação entre a Guarda Nacional Republicana e o Município de Sintra: O Programa Cinoterapia

Autor: Aspirante Inf GNR André Samuel Ginete Sobreira

Orientador: Professor Doutor José Fontes

Coorientador: Major de Inf GNR Marco André Costa Pinto

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, agosto de 2013



ACADEMIA MILITAR

A Cooperação entre a Guarda Nacional Republicana e o Município de Sintra: O Programa Cinoterapia

Autor: Aspirante Inf GNR André Samuel Ginete Sobreira

Orientador: Professor Doutor José Fontes

Coorientador: Major de Inf GNR Marco André Costa Pinto

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, agosto de 2013

Dedicatória

Aos meus pais, avós e irmã.

Agradecimentos

O presente Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada, devido à sua natureza, representa o culminar de exigentes desafios que apenas se poderão superar com o apoio de todos aqueles que acreditam em nós. Assim sendo, deixo aqui, publicamente, expressa a minha estima e consideração.

Ao Professor Doutor José Fontes, pela disponibilidade, pelos conselhos e pelos conhecimentos transmitidos, os quais foram fundamentais na elaboração do presente trabalho;

Ao Major Costa Pinto, pelo incansável apoio e ajuda, bem como pela vasta experiência profissional transmitida;

Ao Capitão Brito, que desde o início desta investigação, quando o projeto se encontrava na sua fase mais primitiva, foi incansável em me elucidar da realidade, que tão bem conhece;

À Professora Paula Nicolau, pelo precioso auxílio que, de forma voluntária e desinteressada, me facultou no decorrer das minhas visitas ao Agrupamento de Escolas Maria Alberta Menéres, bem como pela entrevista concedida e pela ajuda na distribuição e recolha dos questionários;

À Dr.^a Maria João Martins, pela entrevista e conhecimentos cedidos relativos à intervenção da Câmara Municipal de Sintra;

Ao Sargento-Ajudante António Silva; ao Primeiro-Sargento Hugo Andrade; e ao Cabo Rui Cortez, por me fornecerem dados essenciais, através de entrevistas, relativamente ao desenvolvimento técnico da cinoterapia;

Ao Tenente Coronel Moleirinho, enquanto diretor de curso, pelo apoio e pela constante disponibilidade durante o TPO;

À Academia Militar, por todos os esforços desenvolvidos no sentido da nossa formação, enquanto militares e seres humanos;

Aos meus pais, avós e irmã, pelo esforço, apoio e preocupação incondicional ao longo do curso, sem os quais, seria impossível concretizar este meu sonho;

Aos meus camaradas do 18.º Curso de Oficiais da Guarda Nacional Republicana da Academia Militar, pelo apoio, carinho e amizade ao longo dos últimos cinco anos, tal como pelo espírito de entreajuda e de partilha que me proporcionaram, os quais foram fundamentais para o meu enriquecimento profissional e pessoal.

A todos aqueles que, direta e indiretamente, colaboraram para a concretização do presente trabalho, nomeadamente a todos aqueles que responderam aos questionários, bem como aqueles que me apoiaram a nível emocional.

A todos vós, o meu muito obrigado!

Resumo

O presente Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada intitulado “A cooperação entre a Guarda Nacional Republicana e o município de Sintra: o programa cinoterapia”, tem como finalidade avaliar as consequências, as vantagens e a influência do programa cinoterapia desenvolvido pela Guarda no município de Sintra.

A cinoterapia surge como um novo recurso terapêutico que tem como elemento basilar a utilização de cães como ferramentas essenciais no tratamento físico, psíquico e emocional de pessoas com necessidades especiais. Profissionais das áreas da saúde e da educação utilizam a cinoterapia como um reforço, permitindo a estimulação e facilitação da reabilitação e reeducação do paciente.

Com o intuito de dar resposta aos objetivos enunciados anteriormente, formulou-se a seguinte questão central “Qual a influência do programa cinoterapia desenvolvido pela Guarda no município de Sintra?”, dando origem a várias questões de investigação, bem como a um conjunto de hipóteses. Com o objetivo de efetuar uma recolha de informações sobre a temática, foi efetuada uma revisão bibliográfica, complementada, através da realização de entrevistas e questionários, procurando dar resposta às questões supra referidas, materializadas nas conclusões e recomendações.

Concluiu-se que o programa cinoterapia se constitui como uma mais-valia no âmbito da cooperação entre a GNR e o Agrupamento de Escolas Maria Alberta Menéres, possibilitando a alunos com necessidades especiais o acesso a um tratamento através do recurso a cães, orientado de acordo com objetivos pré-estabelecidos por profissionais devidamente habilitados, não tendo qualquer tipo de custos acrescidos para estas instituições, de onde são originadas inúmeras vantagens para ambos, bem como resultados positivos para as crianças intervencionadas, tendo um grande impacto nestas, sobretudo, a nível comunicacional, social, clínico, escolar e cognitivo, materializando-se numa excelente forma de cooperação entre a GNR e o município, uma vez que daí são originados excelentes avanços na terapia, possibilitando a melhoria da qualidade de trabalho daqueles. A cinoterapia contribui ainda para a melhoria da imagem institucional da GNR junto da população, bem como para a formação e experiência dos militares e dos cães.

Palavras-chave: Cooperação; GNR; Município de Sintra; Cinoterapia.

Abstract

This Final Report of the Scientific Work for Applied Research, entitled "Cooperation between the Republican National Guard and the municipality of Sintra: the canine therapy program" is designed to assess the consequences, advantages and influence of this program in the work developed for the GNR in the municipality of Sintra.

Canine therapy has emerged as a new therapeutic instrument where the use of dogs is an essential tool to physical, mental and emotional treatment for people with special needs. Professionals in the areas of health and education use canine therapy as a reinforcement, allowing the stimulation and facilitation of rehabilitation and re-education of the patient.

In order to meet the objectives set out above, the following central question was formulated "What is the influence of the canine therapy program in the work developed for the GNR in the municipality of Sintra?", This gave rise to several research issues, as well as a set of hypotheses. Aiming to make a collection of information on the subject, a literature review was performed. Then, through interviews and questionnaires we sought to address the issues mentioned above, summarized in the conclusions and recommendations.

It was concluded that the canine therapy program is an asset in the cooperation between the GNR and the Group of Schools Maria Alberta Menéres, enabling students with special needs, access to treatment through the use of dogs, oriented according to objectives pre-established by fully qualified professionals, not having any added costs for these institutions. This treatment gives numerous advantages to both, as well as positive results on the children treated, having a great impact on these, especially at communicational, social, clinical, educational and cognitive levels and provides an excellent way for cooperation between the GNR and the municipality since there are excellent advances in this therapy, therefore improving the quality of the work of both. The canine therapy also contributes to the improvement of the institutional image of the GNR in the population, as well as to the training and experience of the military and the dogs.

Key-Words: Cooperation; GNR; Municipality of Sintra; Canine Therapy.

Índice geral

Dedicatória	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vi
Índice geral.....	vii
Índice de figuras	x
Índice de quadros	xi
Índice de tabelas	xii
Lista de apêndices e anexos.....	xiii
Lista de abreviaturas, siglas, acrónimos e símbolos	xiv
Epígrafe	xvi
Introdução	1
0.1. Enquadramento da investigação	1
0.2. Importância da investigação e justificação da sua escolha	1
0.3. Definição dos objetivos	2
0.4. Questão central e questões derivadas.....	3
0.5. Hipóteses.....	4
0.6. Metodologia	4
0.7. Enunciado da estrutura do trabalho.....	5
Capítulo 1 — Conceitos e Enquadramento do Poder Local e da GNR.....	7
1.1. A Administração Pública Portuguesa	7
1.1.1. A administração direta do Estado: as Forças de Segurança.....	7
1.1.1.1. A GNR e sua natureza, missão, dependência e estruturação	8
1.1.1.1.1. O Grupo de Intervenção Cinotécnico	9
1.1.2. A Administração autónoma do Estado: o Poder Local e as Autarquias Locais	10

1.1.2.1. O município	10
1.1.3. O dever de colaboração.....	11
 Capítulo 2 — Conceitos e Enquadramento do Processo de Socialização e das Dificuldades de Interação Social resultantes designadamente do Espetro do Autismo	12
2.1. Socialização e Cultura	12
2.2. O processo de socialização	13
2.3. Dificuldades resultantes do Espetro do Autismo	14
 Capítulo 3 — Conceitos e Enquadramento da Terapia Assistida por Animais	16
3.1. Introdução	16
3.2. A relação Homem-Animal.....	17
3.3. A Terapia Assistida por Animais.....	17
3.4. A seleção e saúde do animal	19
3.5. Os avanços e situação atual da TAA.....	20
 Capítulo 4 — Metodologia e Procedimentos	21
4.1. Introdução	21
4.2. Método de investigação	21
4.3. Procedimentos e técnicas	22
4.4. Entrevista	23
4.5. Questionário.....	25
4.6. Caraterização da amostra	26
4.6.1. Amostragem nas entrevistas	26
4.6.2. Amostragem nos questionários	27
 Capítulo 5 — Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados	28
5.1. Introdução	28
5.2. Discussão dos dados recolhidos com as entrevistas	28
5.3. Discussão dos dados recolhidos com os questionários	37

Capítulo 6 — Conclusões e Recomendações	51
6.1. Introdução	51
6.2. Verificação das hipóteses e resposta às questões derivadas	51
6.3. Reflexões finais.....	54
6.4. Limitações da investigação	55
6.5. Investigações futuras.....	55
 Bibliografia.....	 56
 Apêndices.....	 61
Apêndice A — Pedido de consulta dos dados pessoais das crianças do AGREMAM	62
A.1. Ofício de pedido de autorização para consulta do processo relativo aos dados pessoais dos alunos e respetiva avaliação	62
A.2. Ofício de resposta relativo ao pedido de autorização para consulta do processo relativo aos dados pessoais dos alunos e respetiva avaliação	63
Apêndice B — Modelo metodológico e estrutura do RCFTIA.....	64
B.1. Modelo metodológico	64
B.2. Estrutura RCFTIA	64
Apêndice C — Guião da entrevista.....	65
Apêndice D — Quadros de análise de conteúdo das entrevistas	69
Apêndice E — Questionário	77
Apêndice F — Resultados da análise dos questionários	80
 Anexos.....	 81
Anexo A — Estruturação da GNR.....	82
Anexo B — Protocolo de cooperação entre a GNR e o AGREMAM	83

Índice de figuras

Figura n.º 1 — Género dos inquiridos	39
Figura n.º 2 — Faixa etária dos inquiridos	39
Figura n.º 3 — Função desempenhada pelos inquiridos	39
Figura n.º 4 — Habilitações literárias dos inquiridos.....	40
Figura n.º 5 — Análise das respostas à A1.....	40
Figura n.º 6 — Análise das respostas à A2.....	41
Figura n.º 7 — Análise das respostas à A3.....	41
Figura n.º 8 — Análise das respostas à A4.....	42
Figura n.º 9 — Análise das respostas à A5.....	42
Figura n.º 10 — Análise das respostas à A6.....	43
Figura n.º 11 — Análise das respostas à A7.....	43
Figura n.º 12 — Análise das respostas à A8.....	43
Figura n.º 13 — Análise das respostas à A9.....	44
Figura n.º 14 — Análise das respostas à A10.....	44
Figura n.º 15 — Análise das respostas à A11.....	45
Figura n.º 16 — Análise das respostas à A12.....	45
Figura n.º 17 — Análise das respostas à A13.....	45
Figura n.º 18 — Análise das respostas à A14.....	46
Figura n.º 19 — Análise das respostas à A15.....	46
Figura n.º 20 — Análise das respostas à A16.....	46
Figura n.º 21 — Análise das respostas à A17.....	47
Figura n.º 22 — Análise das respostas à A18.....	47
Figura n.º 23 — Análise das respostas à A19.....	47
Figura n.º 24 — Modelo metodológico do RCFTIA.....	64
Figura n.º 25 — Estrutura RCFTIA.....	64
Figura n.º 26 — Estruturação da GNR	82

Índice de quadros

Quadro n.º 1 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q1.	29
Quadro n.º 2 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q2.	30
Quadro n.º 3 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q3.	31
Quadro n.º 4 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q4.	31
Quadro n.º 5 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q5.	32
Quadro n.º 6 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q6.	33
Quadro n.º 7 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q7.	34
Quadro n.º 8 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q8.	35
Quadro n.º 9 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q9.	35
Quadro n.º 10 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q10.	36
Quadro n.º 11 — Quadro de análise qualitativa das respostas à Q11.	37
Quadro n.º 12 — Teste Alfa de Cronbach.....	38
Quadro n.º 13 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q1.....	69
Quadro n.º 14 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q2.....	70
Quadro n.º 15 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q3.....	70
Quadro n.º 16 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q4.....	71
Quadro n.º 17 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q5.....	72
Quadro n.º 18 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q6.....	73
Quadro n.º 19 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q7.....	73
Quadro n.º 20 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q8.....	74
Quadro n.º 21 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q9.....	75
Quadro n.º 22 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q10.....	76
Quadro n.º 23 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q11.....	76

Índice de tabelas

Tabela n.º 1 — Entidades entrevistadas	27
Tabela n.º 2 — Correlação de Spearman.....	80
Tabela n.º 3 — Média das afirmações.....	80
Tabela n.º 4 — Teste de Friedman.	80

Lista de apêndices e anexos

Apêndices

Apêndice A	Pedido de consulta dos dados pessoais das crianças do AGREMAM
Apêndice B	Modelo metodológico e estrutura do RCFTIA
Apêndice C	Guião da entrevista
Apêndice D	Quadros de análise de conteúdo das entrevistas
Apêndice E	Questionário
Apêndice F	Resultados da análise dos questionários

Anexos

Anexo A	Estruturação da GNR
Anexo B	Protocolo de cooperação entre a GNR e o AGREMAM

Lista de abreviaturas, siglas, acrónimos e símbolos

A	Afirmação
AGREMAM	Agrupamento de Escolas Maria Alberta Menéres
AL	Autarquias Locais
AP	Administração Pública
APA	American Psychiatric Association
Art.º	Artigo
CDC	Companhia de Detecção Cinotécnica
CDF	Centro de Doutrina e Formação
CFC	Centro de Formação Cinotécnico
Cfr.	Confrontar
CIC	Companhia de Intervenção Cinotécnica
CMS	Câmara Municipal de Sintra
CRP	Constituição da República Portuguesa
DE	Direção de Ensino
E	Entrevistado
F	Frequência
GIC	Grupo de Intervenção Cinotécnico
GNR	Guarda Nacional Republicana
H	Hipótese
MAI	Ministro da Administração Interna
MDN	Ministro da Defesa Nacional
N	Número total de inquiridos
N.º	Número
NEP	Norma de Execução Permanente
OCS	Órgãos de Comunicação Social
OG	Ordem à Guarda
OMS	Organização Mundial de Saúde
PDC	Pelotões de Detecção Cinotécnica

PI	Pelotões de Intervenção
Q	Questão
QD	Questão Derivada
RCFTIA	Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
TAA	Terapia Assistida por Animais
UI	Unidade de Intervenção
= %	Aproximadamente igual

Epígrafe

*“A interação entre crianças e animais é inata,
pois não exige uma interação verbal, os
gestos, a curiosidade, (...) enfim (...) tem um
significado além de palavras”*

Jerson Dotti

Introdução

0.1. Enquadramento da investigação

A Academia Militar é um estabelecimento de ensino superior público universitário militar. Decorrente da adesão ao processo de Bolonha, que começaria a ser implementado formalmente a partir de novembro de 2003, ocorreu uma reestruturação dos cursos que ali eram ministrados.

Atualmente, no âmbito da estrutura curricular dos cursos de formação de Oficiais e destinados à aquisição do grau académico de *Mestre*, em *Ciências Militares* na especialidade de *Segurança*, é proposto aos alunos a elaboração de um RCFTIA.

O RCFTIA tem como objetivo, entre outros, contribuir para o desenvolvimento intelectual e profissional dos formandos, o que lhes permitirá, no futuro, integrar o corpo de Oficiais da GNR, contribuindo de forma ativa na prossecução da sua missão. A sua realização procura ainda o desenvolvimento de competências de investigação no âmbito das *Ciências Jurídicas e Sociais* e colocar em prática a metodologia inerente a um trabalho científico desta natureza, devendo, este, ser conciliado com temáticas de interesse institucional para a GNR.

Assim, surge o tema: “A cooperação entre a Guarda Nacional Republicana e o município de Sintra: o programa cinoterapia”.

0.2. Importância da investigação e justificação da sua escolha

A presente investigação tem como intuito o estudo de um caso concreto de colaboração entre a GNR e o município de Sintra, através da análise de um programa desenvolvido no âmbito de um protocolo¹ estabelecido entre a GNR e o AGREMAM. O estudo pretende verificar, dentro do enquadramento existente, a eficácia do mesmo, bem

¹ Vide o protocolo disponível no anexo B.

como os pontos fortes e fracos de modo a poder contribuir para um melhoramento do referido programa.

O tema, pela sua natureza, é atual e de grande relevância institucional, não apenas para o município, mas igualmente para a GNR de modo a enquadrar novos programas que eventualmente poderão surgir, dando operacionalidade ao princípio legal da colaboração que vincula a Guarda e outras instituições públicas, legitimado pela lei orgânica da GNR — Lei n.º 63/2007, de 6 de novembro.

A cinoterapia surge como um recurso terapêutico inovador que conta com o auxílio de cães. Geralmente, é utilizada para fins terapêuticos relacionados com crianças com problemas psicológicos, relacionamentos sociais problemáticos ou ainda distúrbios de aprendizagem. Aquela, não pressupõe apenas o contacto entre o cão e a criança, mas sim uma metodologia devidamente estruturada e com fundamentos sólidos, variando a utilização dos cães com a personalidade do visado.

Os cães são capazes de estabelecer uma comunicação recíproca que facilita o contacto interpessoal, obtendo-se resultados como menores níveis de agressividade e maiores desempenhos a nível social.

Este tipo de tratamento, nos moldes do referido protocolo, visa também poupar recursos, uma vez que é uma terapia que não envolve muitos custos, podendo contar com a participação de profissionais de outras áreas a fim de utilizar a cinoterapia para o tratamento de vários problemas.

Importa assim, com esta investigação, analisar o trabalho desenvolvido no âmbito do programa cinoterapia resultante da cooperação existente entre a GNR e o AGREMAM.

0.3. Definição dos objetivos

O presente trabalho tem como objetivo geral avaliar as consequências e a eficácia do programa cinoterapia resultante da cooperação da Guarda com o município de Sintra. Desta forma, foram elaborados objetivos específicos que consistirão em analisar a influência e as vantagens do referido programa, verificando se existem dificuldades inerentes à realização desta atividade e, em caso afirmativo, quais as respostas que podem ser dadas a fim de as solucionar. Por outro lado, a implementação com sucesso de um programa como este está em muito dependente do grau de implementação organizacional do mesmo. Assim sendo, revela-se fundamental perceber, nomeadamente, o grau de

envolvimento da GNR no projeto, a existência de formação complementar dos militares que participam na cinoterapia, bem como se estes estão afetos a outro tipo de serviços.

Caso a cooperação se revele residual ou inexistente, importa perceber os aspetos menos conseguidos e aqueles a melhorar, ou, no caso de ser bem-sucedida, será com certeza relevante promovê-la junto da instituição, para que, noutras localidades do país se possa optar pela sua implementação, o que constituiria uma mais-valia, não só para a Guarda, mas para toda a sociedade, dando também exequibilidade prática ao princípio da cooperação dos serviços públicos com a sociedade.

0.4. Questão central e questões derivadas

Em função dos objetivos traçados, enunciados anteriormente, formulámos como questão central: “Qual a influência do programa cinoterapia desenvolvido pela Guarda no município de Sintra?”.

Com o intuito de responder a esta questão de partida foram elaboradas as seguintes questões derivadas:

QD1 — Como e em que condições é realizada a cinoterapia?

QD2 — A GNR possui meios adequados para a prática de cinoterapia?

QD3 — Os militares afetos à prática de cinoterapia deveriam ter uma formação complementar?

QD4 — Qual o impacto do programa cinoterapia nos pais das crianças envolvidas na sua prática?

QD5 — Quais as vantagens do programa cinoterapia? E desvantagens?

QD6 — Qual o impacto do programa cinoterapia nas crianças?

QD7 — A prática da cinoterapia contribui para uma melhoria da imagem institucional da GNR?

QD8 — O programa cinoterapia contribui para a cooperação entre a GNR e o município de Sintra?

0.5. Hipóteses

As hipóteses traduzem o espírito de descoberta que caracteriza qualquer trabalho científico (Quivy e Campenhoudt, 2008). São desta forma, “ (...) proposições conjecturais que constituem respostas possíveis às questões de investigação” (Sarmento, 2008, p. 8). Assim, de acordo com as questões levantadas e os objetivos traçados, formularam-se as seguintes hipóteses:

H1 — A cinoterapia é efetuada em condições adequadas.

H2 — A GNR tem meios adequados para a prática de cinoterapia.

H3 — Os militares deveriam ter formação complementar para a prática de cinoterapia.

H4 — Os pais das crianças envolvidas no programa cinoterapia estão bastante satisfeitos.

H5 — O programa cinoterapia apresenta inúmeras vantagens.

H6 — O programa cinoterapia permite obter maiores níveis de socialização e comunicação.

H7 — A prática de cinoterapia contribui para a melhoria da imagem institucional da GNR.

H8 — O programa cinoterapia fomenta a cooperação entre a GNR e o município de Sintra.

0.6. Metodologia

O presente trabalho respeita a metodologia utilizada no âmbito da investigação em *Ciências Sociais*, adaptada às orientações específicas fornecidas pela Academia Militar² (2011), recorrendo, nas partes omissas, a outros manuais de metodologia.

De acordo com Sarmento (2008, p.3) a investigação surge como “o diagnóstico das necessidades de informação e selecção de variáveis relevantes sobre as quais se irão recolher, registar e analisar informações válidas e fiáveis”.

De acordo com o referido autor, o processo de investigação científica dividiu-se em três fases: exploratória, analítica e conclusiva. No que diz respeito à primeira, esta considera-se concluída com o presente capítulo. Quanto à fase analítica, e com a finalidade

² Cfr. com o disposto na NEP n.º 520/DE, de 30 de junho de 2011, da Academia Militar.

de alcançar os objetivos definidos para a investigação, começou-se por efetuar um levantamento do *Estado da Arte*, recorrendo à pesquisa e análise documentais em obras relacionadas com a temática. Foram também estabelecidos contactos com profissionais que detêm conhecimento na área em estudo, com o intuito de delinear uma estratégia para abordar o problema. Seguidamente, foi realizado um trabalho de campo, onde se procurou responder às questões, inicialmente formuladas, acerca do programa cinoterapia. Este incidiu na análise de dados recolhidos através de observação indireta e de técnicas qualitativas e quantitativas, tais como a entrevista e o questionário. A fase conclusiva materializa-se com o último capítulo, onde são tecidas algumas conclusões acerca de todo o trabalho realizado, bem como elencadas algumas recomendações relacionadas com o tema. No apêndice B.1., encontra-se uma esquematização do modelo metodológico utilizado na investigação.

Importa referir que, uma vez que a cláusula 9.^a do protocolo estabelecido entre a GNR e o AGREMAM, prevê a exigibilidade da confidencialidade de dados e informações relacionadas com atividades, planos, operações, resultados e metodologias adotadas, a não ser que exista prévio consentimento por escrito da outra parte, foi endereçado um ofício³ por correio eletrónico ao Senhor Diretor do Conselho Pedagógico do AGREMAM, a fim de o investigador ter acesso aos dados pessoais dos alunos, o qual foi respondido⁴ afirmativamente.

Durante a redação de todo o RCFTIA foram tidas em conta todas as alterações resultantes do novo acordo ortográfico. No entanto, importa salientar que as várias obras utilizadas, quando referenciadas através de citação direta, foram mantidas integralmente sem a respetiva adaptação.

0.7. Enunciado da estrutura do trabalho

A estrutura⁵ deste trabalho encontra-se dividida em três partes: a parte pré-textual, a textual e a pós-textual. A primeira é composta pelo que precede o texto, nomeadamente desde a capa até à epígrafe do trabalho. A parte pós-textual é composta pelo que procede o texto, isto é, pelos apêndices e anexos. No que diz respeito à parte textual, esta é

³ Vide o ofício de pedido disponível no apêndice A.1.

⁴ Vide o ofício de resposta disponível no apêndice A.2

⁵ Vide a estrutura do RCFTIA disponível no apêndice B.2.

constituída por uma introdução, na qual é efetuada a apresentação do tema e da sua pertinência, definidos os objetivos, as questões e hipóteses do trabalho, bem como a sua metodologia e estrutura, e por vários capítulos, os quais podem enquadrar duas partes distintas, mas que simultaneamente se complementam.

Uma primeira parte, com os capítulos 1, 2 e 3, materializa-se na revisão da literatura, onde são apresentados e relacionados alguns conceitos e definições sobre o tema, procurando-se efetuar um enquadramento teórico do trabalho. O primeiro capítulo visa, sobretudo, operacionalizar conceitos e enquadrar o município, enquanto entidade da Administração autónoma do Estado e a GNR, como força de segurança, apontando as suas principais missões e evidenciando o dever de colaboração com organismos públicos e privados, previsto em diversos diplomas legais, neste caso específico, através do GIC. O segundo capítulo tem como intuito dar ênfase ao papel da sociedade e do processo de socialização, enquanto elementos fundamentais na formação do ser humano, relacionando-os com as dificuldades da interação social resultantes do transtorno do espectro do autismo. No terceiro capítulo procura-se dar relevo à TAA, bem como às suas características e fundamentos, enquanto ferramenta essencial para fazer face às dificuldades enunciadas no capítulo anterior, de forma a promover a saúde social, emocional e cognitiva dos intervencionados, através do recurso a animais para benefício humano.

Uma segunda parte, de cariz prático, é constituída pelo capítulo 4, onde é exposto o método de abordagem ao problema, bem como as técnicas que permitiram a recolha dos dados, e pelo capítulo 5, visando a análise e a discussão de resultados à luz dos conceitos desenvolvidos na primeira parte, no sentido de dar resposta às perguntas de investigação e verificar as hipóteses formuladas. No final, no capítulo 6, são mencionadas as principais ilações obtidas no decorrer desta investigação, bem como algumas recomendações para investigações futuras.

Capítulo 1

Conceitos e Enquadramento do Poder Local e da GNR

“Grandes descobertas e progressos invariavelmente envolvem cooperação de várias mentes”

Alexander Graham Bell

1.1. A Administração Pública Portuguesa

Na Parte III do Título IX da CRP, estão plasmados os princípios fundamentais que regem a AP, nomeadamente nos seus artigos 266.º e 267.º. No que diz respeito ao primeiro artigo, a AP surge como um conceito objetivo e em termos de atividade, visando prosseguir o interesse público de forma imparcial e no respeito, designadamente, pelos princípios da constitucionalidade e da legalidade. No que concerne ao segundo artigo, e em matéria de organização, a AP surge como um conceito subjetivo, vinculando-se a princípios como os da desconcentração e da descentralização administrativas.

A AP compreende o reconhecimento e o diagnóstico das necessidades públicas e a obtenção e afetação dos recursos necessários à sua satisfação, representando, desta forma, a razão de ser da existência da mesma (Fontes, 2009).

De acordo com o previsto na alínea *d*) do art.º 199.º, a CRP prevê vários tipos de Administrações Públicas, sendo eles a Administração direta do Estado; a Administração indireta do Estado; a Administração autónoma do Estado e a Administração independente do Estado.

1.1.1. A administração direta do Estado: as Forças de Segurança

A Administração direta inclui, designadamente, todos os órgãos, serviços e estruturas que fazem parte da pessoa coletiva Estado e que dependem diretamente do Governo.

De acordo com Fontes (2009, p. 125), “a principal instituição jurídica que caracteriza a Administração directa do Estado é a hierarquia administrativa”, esta que se traduz numa relação jurídico-funcional entre dois sujeitos: o superior hierárquico e o subalterno. O referido autor afirma ainda que, aquela, é regulada e orientada pelos poderes de direcção, que consiste na faculdade do superior hierárquico emanar ordens vinculativas, sujeitas ao dever de obediência pelo subalterno; de controlo e de inspecção, garantindo competências de fiscalização; de supervisão, uma vez que estabelece a faculdade de revogar ou substituir os atos praticados; disciplinar, uma vez que atribui competências relacionadas com o estabelecimento de sanções e dispositivo de competência, que permite que o superior hierárquico disponha da competência dos seus subalternos, desde que esta não seja exclusiva.

Segundo o previsto na alínea *a*) do art.º 4.º, do Decreto-Lei n.º 126-B/2011, de 29 de dezembro, as forças de segurança integram a Administração directa do Estado, enquanto serviços centrais de natureza operacional.

1.1.1.1. A GNR e sua natureza, missão, dependência e estruturação

A GNR, de acordo com o n.º 1 do art.º 1.º da sua lei orgânica, Lei n.º 63/2007, de 6 de novembro, é “uma força de segurança de natureza militar, constituída por militares organizados num corpo especial de tropas e dotada de autonomia administrativa”. Aquela, tal como esclarece o n.º 2 do mesmo artigo, “tem por missão, no âmbito dos sistemas nacionais de segurança e protecção, assegurar a legalidade democrática, garantir a segurança interna e os direitos dos cidadãos, bem como colaborar na execução da política de defesa nacional, nos termos da Constituição e da lei”; missão esta que, de acordo com o manual de operações da GNR (1996), se desenrola nas seguintes áreas de atuação:

- Policial – compreendendo as missões de polícia criminal e de polícia administrativa (Geral e Específica);
- Apoio e socorro;
- Honorífica e de representação de Estado; e
- Militar.

No que diz respeito à sua dependência, a GNR, tal como vem explanado no art.º 2.º da mesma lei, depende do MAI e do MDN, sendo nesta última situação, nos casos

previstos nas Leis de Defesa Nacional e das Forças Armadas e do regime de estado de sítio e do estado de emergência.

Relativamente à sua estrutura geral, a Guarda compreende a estrutura de comando, as unidades e o estabelecimento de ensino (art.º 20.º, da Lei n.º 63/2007, de 6 de novembro). No que diz respeito às unidades⁶, é constituída pelos 20 Comandos Territoriais, pela Unidade de Controlo Costeiro, pela Unidade de Ação Fiscal, pela Unidade Nacional de Trânsito, pela Unidade de Segurança e Honras de Estado e pela UI. Por sua vez, esta última, tal como vem previsto no n.º 2 do art.º 44.º do referido diploma legal, articula-se em várias subunidades, entre as quais, uma com meios cinotécnicos.

1.1.1.1.1. O Grupo de Intervenção Cinotécnico

As origens do GIC remontam ao ano de 1956, quando o Comando Geral da GNR admitiu a possibilidade da estruturação de uma força constituída por cães treinados e capazes de dar resposta ao cumprimento da missão da GNR. Com o intuito de criar uma força dotada desta capacidade, o Comando Geral da GNR enviou, em 31 de dezembro de 1956, quatro militares para a congénere espanhola, Guardia Civil, a fim de frequentarem o curso de especialização na “*Escuela de Adiestramiento de Perros da Guardia Civil*”.

Após a constituição da força e dos vários nomes⁷ que lhe foram atribuídos ao longo dos anos, em 2008, dá-se a criação do GIC, integrado na UI, tal como a prevê a alínea d) do n.º 1 do art.º 9.º da Portaria n.º 1450/2008, de 16 dezembro.

Após a reestruturação da GNR, resultante da Lei n.º 63/2007, de 6 de novembro, foi necessário definir a organização interna das unidades, o que sucedeu com a publicação do Despacho n.º 77/08–OG, de 29 de dezembro. De acordo com o referido diploma o GIC passa a ser constituído por uma CIC, com três PI; uma CDC, com dois PDC, sendo um de deteção de odores químicos e outro de odores humanos; e um CFC, tendo como missão principal a formação de novos tratadores e canídeos da GNR.

Assim, e de acordo com o referido despacho, o GIC tem por missão efetuar o emprego operacional dos meios cinotécnicos, em missões atribuídas e em reforço às unidades; proceder à remonta de canídeos, à inspeção-técnica e à uniformização de

⁶ Vide a estrutura da GNR disponível no anexo A.

⁷ Designadamente Centro de Abastecimento de Cães Militares, em 1956; Centro de Instrução de Cães, em 1957 e Companhia Cinotécnica, em 1989.

procedimentos ao nível da valência cinotécnica, bem como assegurar, sob a supervisão do CDF, a instrução e a atualização cinotécnicas e outras ações de formação.

1.1.2. A Administração autónoma do Estado: o Poder Local e as Autarquias Locais

A Administração autónoma do Estado é composta por todas as entidades sujeitas aos poderes de tutela do Executivo, nomeadamente as AL que surgem como pessoas coletivas de Direito Público de base territorial e populacional.

O poder local compreende o conjunto das AL, das suas atribuições e competências e de como são exercidas num sistema político e administrativo concreto (Zbyszewski, 2006).

As AL, de acordo com o seu conceito constitucional previsto no art.º 235.º da CRP, são pessoas coletivas territoriais dotadas de órgãos representativos, que visam a prossecução de interesses próprios das respetivas populações.

Luís de Sá (2000) identifica quatro elementos essenciais constitutivos de uma AL, sendo eles o território, a população, os interesses comuns e os órgãos representativos democraticamente eleitos. Assim, não poderá haver um Estado sem a existência de AL, pois, estas estão ligadas intimamente ao funcionamento do regime democrático por estarem perto das populações e por os seus órgãos serem eleitos pelas mesmas (Zbyszewski, 2006).

Para Marcelo Rebelo de Sousa (1999), deve-se destacar o carácter associativo e a representatividade das AL, pois estas associam os cidadãos em torno de projetos de interesse comum e em certa medida conduzem à participação cívica.

A CRP estabelece, no seu art.º 236.º, a divisão administrativa, sendo o território continental constituído por freguesias, municípios e regiões administrativas e as Regiões Autónomas apenas pelas duas primeiras.

1.1.2.1. O município

O município, consagrado no capítulo III, do Título VIII, da Parte III da CRP, é definido como a AL que visa a prossecução dos interesses da população numa determinada circunscrição concelhia (Amaral, 2003).

As competências dos órgãos municipais, variam de acordo com a classificação do município, porém, os seus órgãos base e as suas funções primordiais estão previstas no art.º

250.º da CRP, sendo eles a Assembleia Municipal e a Câmara Municipal. No que diz respeito ao primeiro órgão, este funciona como um parlamento municipal por ter o papel de órgão deliberativo, enquanto que o segundo é o órgão executivo colegial, gestor permanente dos assuntos municipais e é composto pelo Presidente da Câmara e pelos Vereadores.

1.1.3. O dever de colaboração

A GNR mantém relações baseadas na colaboração entre instituições, estando legalmente previstas no artigo 6.º da sua lei orgânica. De acordo com o referido artigo a Guarda “ (...) coopera com (...) órgãos autárquicos e outros organismos, nos termos da lei”.

Também através da interpretação dos artigos 17.º e 18.º do mesmo diploma, é evidenciada a colaboração da Guarda com outros organismos, nomeadamente no que diz respeito à afetação de pessoal militar para a prestação de serviços, colaborando com entidades públicas ou privadas.

A GNR é também englobada, no âmbito da cooperação, por parcerias institucionais para a concretização dos processos de ensino-aprendizagem de crianças com necessidades especiais (art.º 30.º, do Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro). Assim, a Guarda colabora, no âmbito das suas competências, em programas de responsabilidade social com instituições de ensino, como é o caso da cinoterapia, também por exigência legal.

No âmbito dos dois diplomas supramencionados, promoveu-se a assinatura de um Protocolo⁸ de Cooperação entre a GNR e o AGREMAM (Mem Martins/Sintra), baseado pelos princípios de respeito mútuo, de reciprocidade e de liberdade de decisão de cada uma das partes quanto ao interesse, oportunidade e possibilidade de desenvolvimento de iniciativas específicas no que diz respeito à relação entre estas entidades. O projeto “Terapia a Quatro Patas”, promovido pela Câmara Municipal de Sintra, tem como objetivo a realização de sessões de cinoterapia junto de pessoas com necessidades especiais, designadamente crianças com perturbações do espectro do autismo, constituindo, desta forma, um recurso alternativo ao tratamento convencional.

⁸ Vide o protocolo disponível no anexo B.

Capítulo 2

Conceitos e Enquadramento do Processo de Socialização e das Dificuldades de Interação Social resultantes designadamente do Espetro do Autismo

“Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência”

Karl Marx

2.1. Socialização e Cultura

A sociedade tem um papel importante na formação do ser humano, uma vez que este deriva do ambiente em que esta é formada. Assim, a socialização é um resultado da integração, pois o indivíduo interioriza os modelos da sociedade em que vive através de um processo de transmissão cultural (Giner, 2010).

A definição anterior vai ao encontro de Rocher (1971), que define socialização como um processo através do qual, ao longo da vida, uma pessoa aprende e interioriza os elementos socioculturais do seu meio, integrando-os na sua personalidade através de agentes sociais significativos.

Desta forma, socialização caracteriza-se por um conjunto de processos sociais, através dos quais se desenvolve a consciência de normas e valores sociais, alcançando assim uma noção de “eu-social” (Durkheim, 1922 citado por Bouvier, 2005). No entanto, embora estes processos sejam particularmente significativos durante a infância e a adolescência do ser-humano, continuam presentes no resto da sua existência. Assim, nenhum indivíduo está imune às influências dos restantes em seu redor, modificando constantemente as suas atitudes e comportamentos durante todas as fases da sua vida (Giddens, 2001). De acordo com o referido autor, existem dois tipos de socialização, sendo estas a primária e a secundária. No que diz respeito ao primeiro tipo, este consiste em levar um indivíduo no sentido biológico a sentir-se parte de uma sociedade, onde aprende os valores fundamentais e as condutas básicas que lhe permitem comunicar com os outros agentes sociais ao mesmo tempo que adquire os primeiros conhecimentos.

Decorrente destas mudanças sociais e sistemas de valores, originam-se culturas diferentes e necessidades de adaptação a elas. Aqui, surge a socialização secundária, que consiste na aprendizagem necessária ao desempenho de novas funções da vida adulta que permite a integração num mundo social específico.

2.2. O processo de socialização

O processo de socialização é uma dinâmica da transmissão de cultura, onde os homens aprendem as regras e as práticas dos grupos sociais (Peter Worsley, 1983). As pessoas são socializadas através das próprias atividades em que participam. Se lhe associarmos a capacidade de desempenhar determinadas funções, como caminhar, conversar, aprender, pensar, ter consciência de si mesmo e tomar decisões racionais, entre outras, reconhece-se que essas resultam da interação com outras pessoas durante longos períodos de tempo (Abrantes, 2011).

O processo de socialização é duradouro, prolongando-se durante toda a vida; dinâmico, pois implica uma constante adaptação a novas situações de uma sociedade em mudança; global, no que diz respeito aos vários domínios da vida de cada indivíduo e interativo, uma vez que além de as pessoas se adaptarem à sociedade, também a podem influenciar e transformar (Abrantes, 2011). De acordo com Rocher (1971) existem três aspetos/fases fundamentais no processo de socialização, sendo eles, numa primeira fase a aquisição da cultura, seguida pela integração da cultura na personalidade e finalmente findada pela adaptação ao ambiente social.

A aquisição de cultura consiste num processo de obtenção de conhecimentos, ideologias, valores, formas de agir, pensar e sentir de determinados grupos e sociedades a que um indivíduo pertence ou projeta pertencer (Oliveira, Pais, Cabrito e Santos, 2006). Esta fase verifica-se com maior veemência na adolescência onde se dá uma socialização intensa, uma vez que as crianças criam uma pré-imagem e várias expectativas acerca da vida e do seu futuro (Berger e Luckman, 1998 citado por Abrantes, 2011). De acordo com Rocher (1971), a infância é, sem dúvida, o período em que o ser humano tem mais coisas a aprender e aquele em que se está mais apto a aprender com uma facilidade e uma rapidez que nunca mais terá no resto da vida.

A integração da cultura consiste, através da socialização, na assimilação de conhecimentos e atitudes na estrutura da personalidade psíquica de um sujeito (Oliveira *et al*, 2006). Porém, não é possível determinar esta integração, pois a medida é variável de pessoa para pessoa. Após o processo de assimilação da cultura e do sistema social na personalidade, torna-se uma regra de consciência, onde as maneiras de agir, pensar ou sentir se tornam normais na maneira de ser de um indivíduo (Rocher, 1971).

Depois da aquisição de determinados comportamentos e atitudes e da sua assimilação na personalidade de um indivíduo, surge uma terceira fase que consiste no processo de adaptação deste ao ambiente social. Esta fase é facilitada pelo facto de uma pessoa ter diversas coisas em comum com outras, promovendo assim a comunicação de sentimentos, a partilha de aspirações, gostos, necessidades e atividades, o que exalta um sentimento de pertença a uma coletividade onde todas se reconhecem como “nós” (Oliveira *et al*, 2006). Esta adaptação influencia a personalidade em profundidade, uma vez que se verifica a nível biológico, psico-motor, afetivo e mental (Rocher, 1971).

2.3. Dificuldades resultantes do Espectro do Autismo

De acordo com Gillberg (1990) citado por Fernandes (2010), podemos afirmar que o autismo é uma síndrome comportamental com múltiplas etiologias e com um distúrbio de desenvolvimento, caracterizado por um défice na interação social, com perturbações de linguagem e alterações de comportamento.

A noção de autismo está muito interligada com o espectro sintomatológico dependente do comportamento cognitivo de cada paciente (Fernandes, 2010). O mesmo autor reforça que o autismo não deve ser abordado como uma entidade única, mas sim como fazendo parte de um grupo de doenças, embora todas as patologias apresentem sintomas de défice cognitivo, manifestando-se na imaginação, na socialização e na comunicação do indivíduo.

Segundo Dunlap, Pierce e Kay (1999) citados por Fernandes (2010), o autismo consiste numa perturbação desenvolvível que afeta a capacidade de a pessoa comunicar, entender a linguagem, jogar e interagir com os outros, constituindo-se como uma síndrome que pode ser baseada nos padrões de comportamentos exibidos pelo paciente.

Não menosprezando o anteriormente referido, o conceito de autismo a adotar para efeitos do presente RCFTIA, consiste na presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal de interação social e de comunicação de um repertório muito restrito de atividades e interesses, que se manifestam de diversas formas, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade do indivíduo (American Psychiatric Association, 2002).

Atualmente, existem duas teorias que são as consideradas as mais atuais, sendo elas as teorias afetiva e cognitiva (Kanner, 1943 citado por Fernandes, 2010). A primeira considera que as pessoas autistas possuem limitações no que diz respeito ao estabelecimento de relações pessoais que envolvam afetos e que, conseqüentemente, aquelas se vão refletir na constituição da sociedade e na relação que se estabelece com esta. A segunda propõe que o autismo está intimamente relacionado com a capacidade cognitiva do indivíduo, o que fará com que haja alteração nos padrões pragmáticos do autista.

Assim, torna-se difícil construir um diagnóstico de autismo, uma vez que este engloba um grande número de patologias diferentes.

De acordo com a APA (2002), as características essenciais para identificar crianças que sofram de perturbações autistas são a presença anormal ou deficitária da interação e comunicação sociais.

A mesma associação refere ainda que a perturbação da interação social é visível e notória, levando a que a reciprocidade social ou emocional possa também estar ausente. Geralmente, estas crianças prescindem das relações pessoais, não tendo a noção da importante necessidade de relacionamento com os seus pares. Derivado desta ausência de relacionamento, surge a incapacidade comunicativa, afetando consideravelmente as suas faculdades verbais e não-verbais. Estas dificuldades na comunicação ocorrem em graus variados (Gadia, Tuchman e Rotta, 2004).

Existem também perturbações ao nível do jogo imaginativo, levando a que estas crianças se envolvam em jogos de imitação muito simples, ou então que sejam rotineiros e que ocorram normalmente de uma forma mecânica, resultando em comportamentos estereotipados (APA, 2002). Aquelas apresentam um vasto leque de sintomas comportamentais, que incluem a hiperatividade, agressividade, birras frequentes e restrições ao nível da atenção e da concentração.

Capítulo 3

Conceitos e Enquadramento da Terapia Assistida por Animais

“Não há critério seguro para distinguir o homem dos animais”

Fernando Pessoa

3.1. Introdução

Uma das grandes preocupações para a OMS é a qualidade de vida, uma vez que esta está diretamente relacionada com a saúde e, por sua vez, com a determinação do impacto pessoal, social e psicológico nas pessoas (Gashu, Marques, Ferreira e Matsutani, 2001).

Desde as antigas civilizações que existem relatos da utilização de animais para benefício humano (Dotti, 2005). O mesmo autor refere que um dos aspetos que fundamenta esses relatos são os registos históricos de representação da afetividade e relacionamento entre o homem e o animal, retratados através de símbolos e desenhos, uma vez que aquele último sempre foi tratado como um ser poderoso indicador de transmutação, proteção, sentimentos básicos humanos e até mesmo de evolução espiritual.

A utilização do estímulo sensorial tato aquando da presença e interação com animais pode reparar a autoestima e a sensibilidade de uma pessoa, bem como efetivar a reintegração na sociedade através da melhoria proporcionada pelo contacto social que o animal oferece (San, 2002 citado por Machado, Rocha, Santos e Piccinin, 2008).

Derivada desta relação harmoniosa é possível obter efeitos benéficos como o aumento de socialização; a diminuição de ansiedade, de *stress* e solidão; proporcionar sensação de conforto, bem-estar e troca de afeto (Medeiros, s.d).

3.2. A relação Homem-Animal

Segundo Hart (1985), a interação homem-animal começou por ser através de relações de predação, passando mais tarde para relações de domesticação, estas que foram conseguidas e asseguradas através do controlo de reprodução, da organização territorial e da alimentação.

As atribuições de cura e diagnóstico aos animais são bem mais antigas do que imaginamos. Becker (2003) relata a lenda de Asklépios, filho de Apolo, Deus do sol, considerado um grande médico que desenvolveu diversos templos de cura, por onde passeavam cobras e cães que lambiam as feridas dos pacientes.

Também no cristianismo existem relatos de ações curativas dos cães. De acordo com Marin e Bertuol (2009), aquando da *ressuscitação* de Lázaro por parte de Jesus, e após um cão lamber as suas feridas, estas cicatrizaram.

Tradicionalmente, esta relação é dividida em três períodos, sendo que, no último, começa a existir uma ideia de conceção ética do animal, passando este a ser considerado também distribuidor de benefícios psicossociais.

3.3. A Terapia Assistida por Animais

O primeiro relato da participação de animais em situações terapêuticas, na sociedade ocidental contemporânea, remonta ao final do século XVIII, em Inglaterra, quando foi criada a *York Retreat*, consistindo num centro de tratamento para pacientes com alterações mentais, e onde se utilizavam animais domésticos para os encorajar a vestir, movimentar e comunicar (Tuke, 1964).

A doença de um paciente constitui-se como um obstáculo, não só para ele, mas também para a sua família. Ao longo do tratamento, pelos mais diversos motivos, os pacientes podem alterar o seu comportamento, ficando mais agressivos, com desejo de fugir ou de se isolar, ou ainda, verificar-se a alteração do seu estado nutricional e a não recetividade orgânica ao tratamento.

De acordo com Silveira (1981) a TAA pode ser entendida como uma terapia onde o animal faz parte do tratamento, com objetivos claros e dirigidos, realizada em grupo ou individualmente, de forma a promover a saúde social e emocional do paciente. Também

Kaufmann (1997), a define como um processo terapêutico resultante de uma avaliação mental do paciente baseada na relação estabelecida entre este e o animal.

Segundo Bussotti, Leão, Chimentão e Silva (2005), a TAA é uma medida coadjuvante que proporciona benefícios emocionais e espirituais aos pacientes, aos seus familiares e à própria equipa de tratamento, reduzindo assim o impacto do stress gerado pela doença e pela hospitalização.

Assim, verificamos que existem inúmeras definições e conceitos que se aproximam uns dos outros, pelo que o conceito a adotar será o definido por Kobayashi, Ushiyama, Fakih, Robles, Carneiro e Carmagnani (2009), onde a TAA consiste numa intervenção direcionada, individualizada e com critérios específicos, contando com a participação do animal no processo de tratamento, sempre aplicada e supervisionada por profissionais de saúde e de educação, devidamente habilitados, sendo todo este processo documentado e avaliado periodicamente com o intuito de melhorar a função social, emocional e cognitiva dos pacientes.

Atualmente, a não-aceitação do valor terapêutico dos animais constitui-se como uma barreira por parte dos familiares, encarando-o como um tipo de intervenção inovador e de pouca credibilidade. Assim, e atendendo que a participação da família é fundamental, esta deve ser informada no que consiste a TAA, dando-lhe a conhecer as inúmeras experiências realizadas nesta área, bem como os benefícios que resultam da presença e interação com o animal.

A TAA pode ser aplicada às várias faixas etárias e em diversos locais como hospitais, casas de repouso, clínicas de reabilitação e escolas, utilizando tipos de animais que possam entrar em contacto com os pacientes sem lhes proporcionar perigo (Fila, 1991).

Para implementar a TAA, nomeadamente através de objetivos específicos, é necessário delinear o perfil do animal através de um médico veterinário e do respetivo tratador, tendo em conta a reação a brincadeiras e o grau de irritabilidade e de socialização, pelo que os animais que à partida sejam já potencialmente perigosos são desaconselháveis (Dotti, 2005).

Uma das variantes da TAA é a cinoterapia, em que todo o processo terapêutico é acompanhado por um cão. Este, e de acordo com Kobayashi *et al* (2009), é o animal mais adequado, uma vez que possui uma afeição natural pelas pessoas, responde positivamente ao toque e tem uma grande aceitação por parte das mesmas. No entanto, a sua participação depende do trabalho realizado pelos tratadores que devem, por um lado, ter formação

específica neste âmbito e, por outro, trabalhar em íntima colaboração com outros profissionais, de forma a garantir um desempenho adequado à realização de tarefas específicas pressupostas para cada um dos pacientes.

Estudos apontados por Vaccari e Almeida (2007) demonstram que as sessões de TAA realizadas com cães e crianças produzem resultados extremamente positivos, o que facilita a socialização, a distração durante procedimentos dolorosos e a lembrança de momentos felizes.

3.4. A seleção e saúde do animal

A escolha do animal é um fator fundamental que contribui para o sucesso dos objetivos da TAA. Segundo Flores (2009), todos os cães podem participar na TAA desde que possuam um temperamento adequado e realizem os testes e exames necessários.

Um animal de terapias é um animal com treino específico, treinado para se integrar num programa terapêutico ou educativo como uma ferramenta ao serviço de um profissional, de modo a proporcionar o estímulo necessário para que sejam alcançados os objetivos terapêuticos de uma forma mais rápida (Bocalan, 2013).

Após a seleção do cão, tendo como critérios espécie, raça, sexo, idade, tamanho, aptidão e temperamento devem ainda ser distribuídos conforme a população alvo a abranger. Isto é, caso sejam crianças não debilitadas, devem ser utilizados cães maiores e mais ativos. No entanto, caso sejam idosos ou crianças debilitadas devem ser utilizados cães menores e mais calmos.

Apesar de estes serem os critérios base para determinar a escolha do cão, o principal pré-requisito de um animal será demonstrar um comportamento fiável, controlado, previsível e que inspire confiança ao paciente (Campos, 2009). Por outro lado, devem ser afastados os animais que demonstrem comportamentos de rivalidade e de competição na presença de outros, bem como animais portadores de doenças, tendo sempre em conta que de uma má seleção podem resultar acidentes (Klein, 2007).

A plena saúde física do animal é também um aspeto essencial, visando não só um bom desempenho e o seu bem-estar, mas também a garantia de que não haverá transmissão de doenças nem a contaminação dos locais de realização da TAA (Oliva, 2004). O mesmo autor refere que qualquer sintoma de doença que possa vir a ser um risco para o paciente deve ser motivo para o afastamento temporário ou definitivo das atividades de TAA.

Afirma ainda que os animais devem ser testados quanto ao seu comportamento, obediência, socialização e aptidão passando por reavaliações constantes.

3.5. Os avanços e situação atual da TAA

Atualmente a utilização da TAA tem demonstrado efeitos fisiológicos positivos nas pessoas que interagem com os animais.

Recentemente na Europa e nos Estados Unidos da América, foi comprovado que famílias com animais de estimação têm menos despesas com a saúde do que famílias sem animais, sendo que no caso das primeiras, existe uma melhoria de autoestima, diminuição de problemas cardiovasculares, de *stress* e de depressões (Pletsch, 2010). O mesmo autor afirma que estudos verificados nos locais anteriormente referidos, apontam para uma redução do tempo de recuperação das doenças e um aumento do tempo de vida.

De acordo com Flores (2009), Johannes Odendaal e Susan Lehmann constataram que existe uma mudança benéfica que ocorre nas endorfinas beta, phenilatalamina, prolactina, dopamina e ocitocina apenas com uma interação de quinze minutos, contribuindo para uma sensação de felicidade.

Profissionais envolvidos na área de medicina veterinária da Universidade Estadual de São Paulo, evidenciaram que o contacto com animais provoca uma melhoria ao nível dos batimentos cardíacos dos idosos (Uyehara, 2004).

Também as crianças que possuem animais domésticos em casa desenvolvem mais rapidamente as suas habilidades cognitivas e sócio comportamentais (Venturoli, 2004 citado por Alves, Rocha, Fernandes, Castro e Paraíso, s.d).

Em Portugal, a TAA começa a ter um grande impacto na comunidade científica, nomeadamente no seu emprego para tratamento de crianças com autismo ou trissomia 21, bem como no acompanhamento de idosos e de adultos com diversos problemas, quer físicos quer psicológicos (Porto e Cassol, 2007).

No entanto, e apesar de todos estes benefícios, existem bons profissionais na área da saúde que se interessam pelo tema, mas que não têm conhecimento sobre animais, sendo que por outro lado, existem profissionais de medicina veterinária que conhecem os animais mas que pouco sabem sobre o ser humano (Machado *et al*, 2008).

Capítulo 4

Metodologia e Procedimentos

4.1. Introdução

Na revisão da literatura, anteriormente exposta, foram salientadas algumas considerações e abordagens relativas à temática do programa cinoterapia, resultante da cooperação entre a GNR e o AGREMAM, tendo-se procurado referir os principais autores acerca daquela.

Efetuada a abordagem teórica, importa agora, proceder à investigação de campo, tendo como intuito responder às questões enunciadas no início do trabalho. Desta forma, tentar-se-ão apurar quais as vantagens do programa cinoterapia, bem como a sua influência no trabalho resultante da cooperação entre as instituições suprareferidas e no comportamento das crianças visadas por aquele.

No presente capítulo, expor-se-á a metodologia de investigação, a caracterização da amostra e a apresentação dos instrumentos e técnicas que estiveram subjacentes ao estudo.

4.2. Método de investigação

Uma investigação científica pressupõe que se façam observações diretas ou indiretas para que se possa compreender o fenómeno a estudar. Uma das formas de se realizar essas observações, consiste na recolha de dados, verificada numa pesquisa de campo (Hill e Hill, 2012). Vamos, através do método mais adequado, recolher, registar e analisar informações válidas e fiáveis, para que possamos responder às questões inicialmente elencadas (Sarmiento, 2008). Esse método deve ser especificado como um plano lógico criado pelo investigador com vista a obter uma resposta para um determinado problema (Fortin, 2009).

De acordo com Sarmiento (2008), um investigador necessita de fazer um diagnóstico prévio das informações e das variáveis a analisar. Desta forma, o presente trabalho foi

encarado e desenvolvido pelo método hipotético-dedutivo, o qual se inicia pela percepção de uma lacuna de conhecimentos, que leva à formulação de hipóteses. Posteriormente, através do processo dedutivo verificar-se-á se essas hipóteses são verdadeiras ou não (Carvalho, 2009).

Com o intuito de refutar ou confirmar essas hipóteses privilegiou-se a observação indireta, uma vez que, com a finalidade de alcançar as informações pretendidas, o investigador se dirigiu a entidades e a pessoas, sendo que estas lhas facultaram, não havendo por parte daquele uma observação direta dos comportamentos e reações objeto de estudo (Quivy e Campenhoudt, 2008).

Face aos objetivos definidos, recorreremos a dois métodos de investigação. Inicialmente, foi utilizado um método qualitativo, através da realização de entrevistas, permitindo ao investigador obter elementos de reflexão e informações muito ricos e matizados (Quivy e Campenhoudt, 2008).

Em complemento, foi utilizado um método quantitativo, que se efetivou através da aplicação de inquéritos por questionário, tendo a vantagem de permitir a obtenção de dados com grande objetividade. Pode-se ainda classificar o presente RCFTIA como um estudo de caso, uma vez que explora um “(...) fenómeno, limitado no tempo e na acção, onde o investigador recolhe informação detalhada” (Sousa e Baptista, 2011, p. 64). Desta forma, “proporciona uma oportunidade para estudar, de forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspecto de um problema em pouco tempo” (Bell, 2010, p. 23).

4.3. Procedimentos e técnicas

O método hipotético-dedutivo só se pode revelar adequado se forem empregues os procedimentos e técnicas adequadas. Desta forma, inicialmente, optou-se por uma pesquisa bibliográfica em diversas bibliotecas, estabelecimentos de ensino e na UI da GNR, com o intuito de sustentar teoricamente o trabalho de campo que se iria desenvolver.

Com a finalidade de se confirmarem as hipóteses levantadas e dar resposta às questões formuladas na investigação, houve necessidade de recorrer a técnicas qualitativas e quantitativas de recolha de informação tais como a entrevista e o questionário.

O questionário, de acordo com Ghiglione e Matalon (2001), é considerado uma das melhores formas de verificar hipóteses, paralelamente à entrevista que, de acordo com

Quivy e Campenhoudt (2008), confere ao investigador a possibilidade de aceder a dados com um grau máximo de autenticidade e de profundidade.

4.4. Entrevista

A recolha de informação, através desta técnica, decorreu no período de 24 de março a 4 de maio de 2013, na sede do GIC na Escola da Guarda, no AGREMAM em Sintra e na CMS. O seu tratamento e análise deu-se *a posteriori*, fazendo uso do programa *Microsoft Office Word 2010*, com idioma em português. Desta forma, pudemos estudar com detalhe a mensagem de uma comunicação escrita, oral ou visual, tendo como objetivo analisar, categorizar e organizar a informação obtida, através de processos comunicacionais com os entrevistados (Bardin, 2008).

A entrevista define-se como sendo uma forma de recolha de informações através de conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas cuidadosamente selecionadas, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspetiva dos objetivos da investigação (Ketele citado por Sousa e Baptista, 2011).

As entrevistas têm por objetivo recolher o conhecimento dos sujeitos que, pelas funções que desempenham, têm um papel decisivo no que respeita ao desenvolvimento da cinoterapia. No entanto, optámos por alargar o leque de sujeitos, ampliando as entrevistas a profissionais pertencentes a diversas entidades públicas que, no seu dia-a-dia, lidam de perto com este grupo, uma vez que, segundo Guerra (2006), para garantir uma abordagem real da investigação, tendo em conta as variações necessárias, torna-se fundamental assegurar a presença da diversidade dos sujeitos.

De forma a alcançar a referida informação, foi elaborado um guião⁹, constituído por onze questões (Q1 a Q11) através do *Microsoft Office Word 2010*, onde se procurou “(...) produzir ou registar as informações requeridas pelas hipóteses e prescritas pelos indicadores” (Quivy e Campenhoudt, 2008, p.164).

Inicialmente, foi entregue uma “carta de apresentação”¹⁰ a cada entrevistado com o intuito de dar conhecimento do objetivo e do enquadramento da entrevista, sendo ainda elucidado o contributo fundamental da sua parte e em que medida se revelaria importante.

⁹ Vide o guião da entrevista disponível no apêndice C.

¹⁰ Vide a carta de apresentação disponível no apêndice C.

Após o devido consentimento, as entrevistas foram gravadas, de forma a possibilitar as suas posteriores transcrição e análise, permitindo manter a fiabilidade das respostas que, de outra forma, não se conseguiria. Foi utilizado um equipamento *Sony Xperia Arc S*, nomeadamente através de uma aplicação *android record it*.

A entrevista teve por base uma tipologia semi-diretiva, uma vez que o “ (...) entrevistado responde às perguntas do guião, mas também pode falar sobre outros assuntos relacionados” (Sarmiento, 2008, p. 18).

Durante toda a entrevista, tentou-se direcionar o entrevistado para as questões que pretendíamos ver respondidas, de forma informal e natural quanto possível, assemelhando-se a uma simples conversa, sem deixar que aquele afetasse o seu conteúdo (Sousa e Baptista, 2011).

Depois de finalizadas e devidamente analisadas, foram transcritas a escrito por meio do programa *Microsoft Office Word 2010*, sendo posteriormente dadas a conhecer aos entrevistados, com o intuito de corrigir eventuais inexatidões.

Neste sentido, as entrevistas foram essenciais para que os entrevistados acrescentassem profundidade à investigação, de forma a se ter conhecimento da opinião concreta daqueles sobre determinados assuntos.

A redução dos dados através de codificação é o passo mais sensível e consiste em transformar várias expressões, em conceitos específicos, através de comparações entre as respostas dos diferentes entrevistados (Sousa e Baptista, 2011). De acordo com o autor citado, a interpretação de dados consiste em descrever o resultado da codificação supra referida, bem como compreender esse resultado e a frequência com que o mesmo surge nas entrevistas, tal como o tipo de entrevistado em que mais se verificam determinadas respostas.

No que diz respeito ao tratamento da informação recolhida, recorreu-se à técnica de análise de conteúdo, elaborando-se grelhas de análise de respostas, permitindo, de acordo com Carmo e Ferreira (2008), efetuar uma análise objetiva e sistemática, tendo por finalidade a sua interpretação e sua comparação.

4.5. Questionário

A razão pela qual se escolheu a aplicação de questionários prende-se com o facto de ser possível quantificar os dados analisados e de se possibilitar efetivar uma correlação de análise (Quivy e Campenhoudt, 2008). O objetivo de um questionário, segundo os mesmos autores, é obter informação relacionada com as mais diversas áreas, desde pessoais a profissionais, ou qualquer outro tema, que tenha interesse para o investigador.

Foi utilizado um questionário de administração direta, uma vez que este foi distribuído para que fosse o próprio inquirido a preenchê-lo, pois estamos perante uma investigação do âmbito social. Desta forma, e uma vez que o investigador e os inquiridos não interagem em situação presencial, podem-se obter respostas espontâneas, sem qualquer influência da presença daquele (Carmo e Ferreira, 2008).

Foi utilizado um questionário com dois instrumentos, constituindo um total de vinte e três questões de resposta fechada, elaborado através do programa *Microsoft Office Word 2010*.

No que diz respeito ao primeiro instrumento, consiste num questionário sociodemográfico, tendo como finalidade a obtenção de alguns dados pessoais e profissionais. O segundo é o questionário presente no Apêndice E, elaborado pelo investigador e constituído por dezanove questões (A1 a A19).

Foi utilizada uma escala ordinal, nomeadamente a escala de Likert, uma vez que admite uma ordenação numérica das suas categorias, ou seja, das respostas alternativas, estabelecendo uma relação de ordem entre elas (Hill e Hill, 2012). Foi atribuído um número a cada categoria para codificar as respostas, não implicando estas diferenças em quantidades, mas servindo apenas para identificar a categoria qualitativa. A escala vai desde o valor 1 (discordo totalmente) até ao valor 5 (concordo totalmente). O principal objetivo deste questionário é verificar a influência e a eficácia do programa cinoterapia, tanto nos visados como na cooperação entre a GNR e o AGREMAM. Assim, quanto maior for o valor obtido nos fatores supramencionados, maior será a influência do programa cinoterapia.

As questões realizadas são diretas e foram elaboradas de acordo com os objetivos traçados para o programa cinoterapia, aquando da celebração do protocolo entre a GNR e o AGREMAM.

Com a finalidade de efetuar a verificação final do questionário, foi realizado um estudo piloto, compreendido entre o período de 1 a 15 de março de 2013, envolvendo alguns aspirantes do XVIII curso de oficiais da GNR, tendo-se concluído que estes compreenderam o conteúdo do questionário. Segundo Hill e Hill (2012), é proveitoso, quando o tema envolva recolha de factos sobre instituições, efetuar um estudo piloto, com o intuito de obter uma opinião sobre a clareza e a compreensão do mesmo.

A recolha de informação, através da técnica do questionário, decorreu no período de 24 de março a 4 de maio de 2013, no AGREMAM em Sintra.

Após a recolha dos questionários, os dados obtidos foram introduzidos no *SPSS 20.0 for Windows*, a fim de se obter análises necessárias para a realização deste trabalho.

4.6. Caraterização da amostra

No desenvolvimento de um RCFTIA torna-se necessário definir um grupo de pessoas que contribuam com informações pertinentes.

Uma amostra, de acordo com Freixo (2011), é um conjunto de sujeitos retirados da população estudada, através de diversas operações que permitem escolher um grupo ou elemento representativo da população.

4.6.1. Amostragem nas entrevistas

No que diz respeito às entrevistas, pretendeu-se obter uma representatividade social, ao contrário de uma representatividade estatística (Guerra, 2006). O objetivo acaba por ser uma descrição e interpretação dos dados.

O método de amostragem utilizado, no caso das entrevistas, foi o não probabilístico, onde a seleção da amostra é consciente e não aleatória (Afonso, 2005).

A técnica utilizada consistiu numa seleção racional, onde os elementos da população foram escolhidos pelos objetivos do presente estudo, pelas suas caraterísticas, pela proximidade e ligação que, por questões profissionais, existe com a TAA que é desenvolvida no AGREMAM (Freixo, 2011).

As entrevistas foram realizadas com as entidades explanadas na tabela n.º 1, que é apresentada de seguida, nomeadamente com militares da Guarda e com outras entidades públicas, segundo a ordem pela qual foram entrevistadas.

Tabela n.º 1 — Entidades entrevistadas

Entrevista n.º	Nome	Cargo	Local Trabalho/Unidade
E1	Marco André Costa Pinto	Major - Comandante do GIC	UI/GNR
E2	Gonçalo Mendes Brito	Capitão - Comandante da CDC e do CFC (oficial responsável pelo programa cinoterapia)	UI/GNR
E3	António Silva	Sargento-Ajudante - Coordenador programa cinoterapia	UI/GNR
E4	Hugo Andrade	Primeiro-Sargento - Coordenador programa cinoterapia	UI/GNR
E5	Rui Cortez	Cabo - Tratador cinotécnico, interveniente direto no programa cinoterapia	UI/GNR
E6	Paula Nicolau	Professora de Educação Especial e Coordenadora do programa cinoterapia	AGREMAM
E7	Maria João Ferreira Martins	Chefe de Divisão de Educação	CMS

4.6.2. Amostragem nos questionários

Por vezes, torna-se inviável recolher e analisar dados de todo um universo, quer por escassez de tempo, quer por falta de recursos, sendo necessário recorrer apenas a uma amostra desse (Hill e Hill, 2012).

Através do recurso a questionários, foram inquiridos os técnicos, professores e pais das crianças visadas pelo programa cinoterapia, uma vez que são estes que, contactam diariamente com aquelas e acabam por ter influência direta na terapia. Com este questionário pretendeu-se analisar a perceção das consequências e vantagens deste programa por parte das entidades referidas anteriormente.

Estando o questionário centrado numa perceção, foram elaboradas questões nesse sentido. São questões com cinco alternativas de resposta, o que se revela suficiente quando se solicita uma opinião, neste caso sobre a concordância com a pergunta, em que o sujeito responde a um só item variável (Hill e Hill, 2012).

A amostra em estudo e, simultaneamente, a população, é constituída por 46 pessoas, das quais 3 são técnicos, 7 são professores e 36 são pais das crianças.

Capítulo 5

Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados

5.1. Introdução

No presente capítulo, serão apresentados, analisados e discutidos os resultados do trabalho empírico, nomeadamente, os resultados obtidos através da análise do conteúdo das entrevistas e dos questionários.

A análise das entrevistas e dos questionários é um procedimento crucial para alcançar os objetivos do trabalho, procurando através deste processo validar ou não as hipóteses que foram elencadas na introdução.

Juntando todas as respostas dos sete entrevistados por pergunta, ou seja, analisando cada resposta a cada pergunta, foram constituídos quadros de análise de conteúdo, com as menções mais importantes das respostas dos entrevistados, bem como a análise quantitativa das mesmas.

Para o tratamento da informação recolhida através dos questionários foram utilizados os programas *Microsoft Office Excel* e *SPSS 20.0 for Windows*, de onde se retiraram vários tipos de dados, apresentados, em quadros, tabelas, figuras e texto corrido.

5.2. Discussão dos dados recolhidos com as entrevistas

No presente subcapítulo irão ser exibidos os resultados das sete entrevistas realizadas com base no guião que se encontra no apêndice C. No entanto, apenas se irá colocar a informação mais relevante para o estudo em causa, de forma a alcançar os objetivos do trabalho, procurando-se através deste processo confirmar ou não as hipóteses elencadas inicialmente.

No que diz respeito à análise das entrevistas, esta compreendeu três fases: a transcrição das respostas gravadas; a agregação dos aspetos mais importantes de cada resposta, e, a triagem e tratamento das ideias chave, atribuindo uma percentagem de repetição a cada resposta.

Para isso, foram elaborados quadros de análise de conteúdo com as ideias mais importantes de cada resposta, por pergunta, e quadros com a análise quantitativa das mesmas, que a seguir são apresentados. No entanto, os quadros de análise de conteúdo, devido à sua dimensão, foram colocados no apêndice D, onde podem ser consultados.

Q1 — De que forma foi regulamentada a prática da cinoterapia, em termos técnicos, pela GNR em geral e no Grupo de Intervenção Cinotécnico (GIC) em particular? Como e em que condições é realizada a cinoterapia?

Quadro n.º 1 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q1.

Ideias chave	E1	E2	E3	E4	E5	E6	F	≈ %
- Celebração de protocolo	X	X	X	X	X	X	6	100
- Procura-se rentabilizar recursos	X	X			X	X	4	67
- Conta com a presença de especialistas da área da saúde e da educação	X	X	X		X	X	5	83
- Realizada semanalmente, em função da atividade operacional	X		X	X		X	4	67
- Procura-se a adaptação de objetivos ao tipo de paciente		X	X	X		X	4	67

A Q1 tem como objetivo perceber o estabelecimento do programa cinoterapia, bem como analisar e avaliar as condições em que é realizado.

De acordo com os quadros n.º 1 e n.º 13¹¹, verificamos que o programa foi estabelecido através de um protocolo, celebrado entre a GNR e o AGREMAM, tal como sugerem todos os entrevistados. Atualmente, o programa é realizado juntamente com especialistas da área da educação e da saúde (E1, E2, E3, E5 e E6). É realizado semanalmente, de acordo com o serviço operacional (E1, E3, E4 e E6), onde se procura rentabilizar recursos, utilizando cães que já não têm muita atividade e vão ficando afastados daquele (E1, E2, E5 e E6).

¹¹ Vide o quadro n.º 13 disponível no apêndice D.

A prática da cinoterapia é regulada e orientada em função dos objetivos traçados e necessários a cada paciente (E2, E3, E4 e E6), pelo que se considera TAA, definida no subcapítulo 3.3.

Q2 — No que diz respeito aos meios disponíveis para a cinoterapia, quer humanos, quer materiais e animais, o que lhe apraz dizer?

Quadro n.º 2 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q2.

Ideias chave	E1	E2	E3	E4	E5	E6	F	≈ %
- Necessidade de aquisição de meios materiais para fazer face a novos objetivos	X	X		X	X	X	5	83
- Seleção de cães calmos, equilibrados e sociáveis		X	X	X	X		4	67
- Aproveitamento de cães em final de carreira		X	X	X	X		4	67
- Necessidade de maior número de meios humanos afetos à cinoterapia		X	X			X	3	50

A Q2 tem como intuito avaliar a adequabilidade dos meios do GIC e verificar se existe alguma carência destes, bem como perceber como é realizada a seleção dos cães intervenientes na terapia.

De acordo com os quadros n.º 2 e n.º 14¹², existe uma necessidade em termos de materiais, com a finalidade de construir novos exercícios visando outros tipos de objetivos que se vão adequando à constante evolução dos pacientes (E1, E2, E4, E5 e E6).

Tendo como referência os E2, E3 e E6, a terapia deveria ser alargada a um maior número de militares.

Quanto à seleção dos cães e de acordo com o desenvolvido no capítulo 3, esta está intimamente relacionada com características como a serenidade, equilíbrio mental e socialização (E2, E3, E4 e E5), que vão ao encontro das características que os cães em final de carreira apresentam (E2, E3, E4 e E5).

Q3 — No seu entendimento haveria alguma vantagem em os militares envolvidos terem uma formação complementar para a prática de cinoterapia?

¹² Vide o quadro n.º 14 disponível no apêndice D.

Quadro n.º 3 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q3.

Ideias Chave	E1	E2	E3	E4	E5	E6	F	≈ %
- Resposta Concordante	X	X	X	X	X	X	6	100
- Resposta Discordante							0	0
- Não é estritamente necessário	X	X	X				3	50
- Enriquecimento pessoal e de conhecimento ao nível das patologias e interação com os visados	X	X	X	X	X	X	6	100
- Adequação dos exercícios às necessidades das sessões, melhorando a qualidade da TAA	X	X	X	X	X	X	6	100

A Q3 pretende verificar se uma formação complementar nesta área, por parte dos militares, traria alguns benefícios para a qualidade do serviço desempenhado pela GNR.

Tendo como referência os quadros n.º 3 e n.º 15¹³, podemos verificar que todos os entrevistados concordam com a frequência de uma formação complementar, apontando como principais razões o enriquecimento pessoal e o conhecimento ao nível das patologias e da interação com as crianças, bem como uma melhor adaptação dos exercícios às necessidades das sessões, melhorando, assim, a qualidade do serviço desempenhado.

De qualquer forma, não se considera estritamente necessário a realização deste tipo de formação, uma vez que, neste momento, os militares têm aquilo que é necessário para realizar cinoterapia (E1, E2 e E3).

Q4 — Os militares que acompanham as sessões de cinoterapia não recebem qualquer tipo de compensação e são todos voluntários. Na sua opinião, o que é que motiva os militares para esta atividade?

Quadro n.º 4 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q4.

Ideias chave	E1	E2	E3	E4	E5	E6	F	≈ %
- Resultado na evolução dos visados e contribuição para a melhoria da qualidade de vida das crianças	X	X	X	X	X	X	6	100
- Realização pessoal e profissional	X	X	X	X	X	X	6	100
- Reconhecimento do trabalho		X					1	17

A Q4, e tendo em conta que estamos a falar de um serviço público, tem como finalidade perceber quais os aspetos que motivam os militares para a prática de cinoterapia.

¹³ Vide o quadro n.º 15 disponível no apêndice D.

Assim, e de acordo com os quadros n.º 4 e n.º 16¹⁴, podemos observar que todos os entrevistados apontam os resultados obtidos na evolução dos intervencionados e a melhoria da qualidade de vida destes, bem como a sua própria realização pessoal e profissional, como formas de motivação.

Apenas o E2 afirma que o reconhecimento público do seu trabalho também é a base da sua motivação.

Q5 — Todos sabemos que é importante uma imagem sólida e de confiança nas Forças e Serviços de Segurança. Entende que esta prática contribui para essa imagem? De que forma?

Quadro n.º 5 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q5.

Ideias chave	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	F	≈ %
- Resposta Concordante	X	X	X	X	X	X	X	7	100
- Resposta Discordante								0	0
- Visibilidade da Guarda através de uma atividade de cariz social fora do âmbito operacional	X	X	X	X	X		X	6	86
- Mais credibilidade na TAA			X	X		X		3	43
- Relação próxima, humana e de confiança com a população			X	X	X	X	X	5	71

A Q5 tem como intuito perceber se a prática da cinoterapia contribui para a melhoria da imagem institucional da GNR, bem como de que forma.

Assim, e de acordo com os quadros n.º 5 e n.º 17¹⁵, podemos verificar que todos os entrevistados concordam que a referida prática contribui para uma imagem sólida e de confiança da GNR.

De forma mais específica, garante maior visibilidade perante uma atividade de cariz social (E1, E2, E3, E4, E5 e E7), trazendo mais credibilidade no trabalho desenvolvido ao longo das sessões de cinoterapia (E3, E4 e E6).

Este tipo de atividade promove uma relação próxima, humana e de confiança com a sociedade (E3, E4, E5, E6 e E7).

¹⁴ Vide o quadro n.º 16 disponível no apêndice D.

¹⁵ Vide o quadro n.º 17 disponível no apêndice D.

Q6 — Quais as vantagens da prática da cinoterapia pela GNR? E desvantagens?

Quadro n.º 6 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q6.

Ideias chave	E1	E2	E3	E4	E5	E6	F	≈ %
Vantagens								
- Melhoria da imagem institucional junto da população	X			X	X	X	4	67
- Benefícios para o ensino especial	X		X	X		X	4	67
- TAA a custo zero	X	X					2	33
- Rentabilização dos binómios		X					1	17
- Formação e experiência dos militares e dos binómios	X	X	X		X	X	5	83
Desvantagens								
- Afastar os cães do serviço operacional		X					1	17
- Serviço desgastante por parte dos militares e dos binómios			X				1	17

A Q6 tem como finalidade enumerar as vantagens e desvantagens resultantes da prática de cinoterapia. O quadro n.º 6 apresenta a relação das vantagens mais referidas pelos entrevistados no quadro n.º 18¹⁶.

Desta forma, verificamos algumas vantagens como a melhoria da imagem institucional da GNR junto da população (E1, E4, E5 e E6), trazendo benefícios para o ensino especial (E1, E3, E4 e E6) e possibilitando a prática de cinoterapia a custo zero (E1 e E2).

Por outro lado, é uma forma de rentabilizar e formar os cães e os militares, no sentido de lhes proporcionar e alargar o leque de experiências nesta área (E1 E2, E3, E5 e E6).

No que diz respeito às desvantagens, apenas se pode considerar o afastamento dos cães do serviço operacional (E2), bem como o serviço desgastante que é levado a cabo pelos militares (E3).

Q7 — Na sua opinião, como é vista a cinoterapia por parte dos pais e encarregados de educação? Qual o impacto que esta tem nas crianças visadas? Já é possível verificar alterações no desempenho das crianças e jovens intervencionados? A que níveis?

¹⁶ Vide o quadro n.º 18 disponível no apêndice D.

Quadro n.º 7 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q7.

Ideias chave	E1	E2	E3	E4	E5	E6	F	≈ %
- Ferramenta que proporciona resultados muito positivos	X	X	X	X	X	X	6	100
- A cinoterapia é agradecida e reconhecida publicamente pelos pais	X	X	X	X			4	67
- Pais despreocupados com o trabalho realizado através da TAA	X		X				2	33
- Impacto muito significativo	X	X	X	X	X	X	6	100
- Resposta concordante	X	X	X	X	X	X	6	100
- Resposta discordante							0	0
Alterações								
- Comunicação	X	X	X	X	X	X	6	100
- Socialização	X	X	X	X	X	X	6	100
- Saúde	X	X	X			X	4	67
- Estabilização	X	X	X			X	4	67
- Escolar			X			X	2	33
- Cognitiva				X		X	2	33

No quadro n.º 7 e n.º 19¹⁷ são apresentadas, respetivamente, as ideias chave as e as ideias mais importantes, da Q7. Esta tem como objetivo elucidar a forma de como a cinoterapia é vista pelos encarregados de educação, assim como analisar o impacto verificado nas crianças visadas, nomeadamente através das alterações a vários níveis que, de seguida, são apresentados.

A cinoterapia, enquanto TAA, tem produzido resultados bastante positivos (E1, E2, E3, E4, E5 e E6), o que tem levado a um reconhecimento público pela maioria dos pais, nomeadamente através dos OCS (E1, E2, E3 e E4). No entanto, também existem aqueles que não têm qualquer consideração (E1 e E3).

De acordo com todos os inquiridos, o impacto da cinoterapia nas crianças tem sido muito significativo, nomeadamente, ao nível da comunicação (E1, E2, E3, E4, E5 e E6); da socialização (E1, E2, E3, E4, E5 e E6); da saúde (E1, E2, E3 e E6); da estabilização de estereotipias (E1, E2, E3 e E6); escolar (E3 e E6) e cognitivo (E4 e E6).

Q8 — Entende que a cinoterapia é uma mais-valia para a cooperação entre a GNR e o Agrupamento de Escolas Maria Alberta Menéres? Como?

¹⁷ Vide o quadro n.º 19 disponível no apêndice D.

Quadro n.º 8 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q8.

Ideias chave	E1	E2	E3	E4	E5	E6	F	≈ %
- Resposta concordante	X	X	X	X	X	X	6	100
- Resposta discordante							0	0
- Produz resultados positivos para ambos	X	X	X	X			4	67
- Existe uma forte ligação, interação e cooperação		X		X		X	3	50
- Possibilita o desenvolvimento de novos projetos e atividades		X				X	2	33
- Permite melhoria da qualidade de trabalho de ambos	X	X	X	X			4	67
- Visibilidade da GNR e do município			X	X	X	X	4	67

À Q8, a totalidade dos entrevistados respondeu de forma concordante, considerando o programa cinoterapia uma mais-valia para a cooperação entre a GNR e o AGREMAM, uma vez que produz resultados muito positivos para ambos (E1, E2, E3 e E4). Neste momento, existe uma grande ligação e interação entre as duas entidades supra referidas (E2, E4 e E6), facilitando o desenvolvimento de novos projetos e atividades (E2 e E6). Possibilita, ainda, a melhoria da qualidade de trabalho de ambos (E1, E2, E3 e E4) e uma maior visibilidade da GNR e do município (E3, E4, E5 e E6). O resumo das ideias consideradas mais importantes, são apresentadas no quadro n.º 20¹⁸.

Q9 — É a favor de que a GNR continue a proporcionar este tipo de atividade às pessoas que dela necessitam? Assim sendo, tem alguma proposta no sentido de rentabilizar esta prática, ou outras medidas a implementar com o intuito de desenvolver a cinoterapia na GNR permitindo o acesso ao maior número de utentes possível?

Quadro n.º 9 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q9.

Ideias chave	E1	E2	E3	E4	E5	E6	F	≈ %
- Resposta concordante	X	X	X	X	X	X	6	100
- Resposta discordante							0	0
- No futuro, alargamento a outros pontos do país por intermédio das secções cinotécnicas dos Comandos Territoriais	X	X	X	X	X		5	83
- Jornadas de formação específica		X	X	X	X		4	67
- Rentabilizar meios humanos e animais	X	X			X	X	4	67
- Aumentar a qualidade do serviço		X		X		X	3	50

¹⁸ Vide o quadro n.º 20 disponível no apêndice D.

A Q9 visa, sobretudo, analisar e verificar a percepção da necessidade que esta atividade representa para as pessoas. Tendo em conta os quadros n.º 9 e n.º 21¹⁹, todos os entrevistados partilham da mesma opinião, no sentido de continuar a realizar este tipo de atividade. Um eventual alargamento a outros pontos do território nacional, através das secções cinotécnicas dos Comandos Territoriais em cada distrito (E1, E2, E3, E4 e E5), constitui-se como uma medida a implementar no sentido de desenvolver a cinoterapia, tal como a realização de jornadas de formação específica no âmbito daquela, uma vez que serão uma mais-valia e originarão resultados muito positivos, elevando a cinoterapia, desenvolvida pelo GIC, a um patamar que nenhuma associação ou organização não-governamental ainda conseguiu atingir (E2, E3, E4 e E5). Isto, através da partilha de conhecimento prático, da parte dos tratadores cinotécnicos e teórico, da parte dos técnicos e terapeutas.

Por outro lado, outra forma de rentabilização dos meios humanos e animais, passará pela utilização de cães e de militares em final de carreira que apenas se dediquem à cinoterapia (E1, E2, E5 e E6), o que possibilitará, simultaneamente, aumentar a qualidade da terapia (E2, E4 e E6).

Q10 — Que tipo de relação foi criada entre o Agrupamento de Escolas Maria Alberta Menéres (Mem Martins/Sintra) e a GNR e o município de Sintra? Este tipo de cooperação já foi solicitado por outras entidades?

Quadro n.º 10 — Quadro de análise quantitativa das respostas à Q10.

Ideias chave	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	F	≈ %
- CMS financiou projeto	X	X		X	X	X	X	6	86
- Relação próxima e de confiança			X	X	X	X		4	57
- Cooperação solicitada por outras entidades	X	X	X			X	X	5	71

Quadro n.º 10 e n.º 22²⁰, sistematizam as respostas dadas à Q10, que procura dar resposta ao tipo de interação que foi sendo criada entre a GNR, o AGREMAM e o município de Sintra.

¹⁹ Vide o quadro n.º 21 disponível no apêndice D.

²⁰ Vide o quadro n.º 22 disponível no apêndice D.

Assim, a CMS intervém no financiamento do projeto, sendo o estabelecimento do protocolo efetuado entre a GNR e o AGREMAM (E1, E2, E3, E5, E6 e E7). Foi estabelecida uma relação próxima e de confiança (E3, E4, E5 e E6).

Este tipo de cooperação foi já solicitado por outras entidades (E1, E2, E3, E6 e E7).

Q11 — Além do que foi dito, tem mais alguma coisa a acrescentar sobre este assunto?

Quadro n.º 11 — Quadro de análise qualitativa das respostas à Q11.

E	Além do que foi dito, tem mais alguma coisa a acrescentar sobre este assunto?
1	- “É uma coisa de que me orgulho muito, de ter conseguido dar este passo, espero que em breve consiga alargar o programa a outras comunidades que precisem desta ajuda. Para já irá sempre ao encontro do ensino especial público”.
3	- “É continuar. Dentro das nossas possibilidades, até melhorar, por que estamos a realizar um bom trabalho (...) sentimo-nos muito felizes com o trabalho que realizamos. Sabemos que podemos fazer felizes algumas crianças (...)”.
6	- “Sei que a Polícia de Segurança Pública já tentou avançar com este tipo de projeto, mas que ainda não conseguiu. A Escola Segura da GNR tem contactos regulares e frequentes com a nossa Escola”. - “Numa das vezes, a PSP (...) entrou em contacto comigo, isto porque queria saber informações acerca de como o projeto se desenvolve, por querer dar resposta a solicitações de outras Escolas dentro do mesmo âmbito”. - “Em relação à cinoterapia, é importante realizar um trabalho em equipa e ter já uma base de trabalho, tendo em conta o conhecimento teórico dos professores e conhecimento técnico dos tratadores cinotécnicos. O trabalho em equipa tem sido espectacular”. - “Comparando com a cinoterapia realizada por particulares e pela GNR, penso que temos agora uma parte relacional muito mais importante. Conseguimos criar uma ligação muito mais próxima com os miúdos. Antes apenas tínhamos um cão e agora temos muitos mais. A disponibilidade e a variedade são muito mais amplas. Também no número de alunos, conseguimos obter uma diferença abismal, alargando o número de intervencionados de quatro para vinte”.

5.3. Discussão dos dados recolhidos com os questionários

No tratamento dos dados recolhidos pelos questionários foram utilizados métodos sugeridos por Hill e Hill (2012).

Nesta análise foram utilizados meios informáticos como o *Microsoft Office Excel 2010* e o *SPSS 20.0 for Windows*, revelando-se de grande utilidade e importância no tratamento dos dados recolhidos através dos questionários e na sustentação dos objetivos traçados no início do trabalho, por intermédio de dados matemáticos irrefutáveis, de forma a selecionar e tirar conclusões determinantes na análise e discussão de resultados.

Os resultados obtidos da análise serão apresentados em tabelas e figuras representativos, provenientes de uma análise estatística, com a respetiva análise textual. Inicialmente, serão apresentados os principais indicadores de análise estatística como a média, o desvio padrão, a variância, os valores mínimo e máximo e a percentagem.

De seguida, será apresentada uma ligeira anotação explicativa de alguns dos conceitos estatísticos referidos anteriormente. A média é um valor de tendência central que nos mostra onde se concentram as respostas da amostra ou população. O Desvio Padrão é uma medida de dispersão que mostra o quanto de variação ou "dispersão" existe em relação à média. É um valor sempre positivo, sendo 0 o valor mínimo indicando que não existe variabilidade, ou seja, que todos os valores são iguais à média e, quanto maior for, maior será a dispersão dos dados. A variância é uma medida de dispersão estatística, que indica o quão longe, em geral, os valores da amostra se encontram do valor da média.

Foi efetuado o teste de Spearman, o teste de Friedman e a ordenação das afirmações, com a finalidade de obter o grau de importância destas, cuja explicação optámos por disponibilizar no final do presente subcapítulo, com o intuito de ter uma melhor projeção visual dos dados, uma vez que já é possível relacionar aquelas.

As respostas ao questionário possuem uma escala ordinal que permitiu aos inquiridos responder consoante o seu grau de concordância à referida afirmação. As respostas dos inquiridos tiveram a seguinte valorização: 1 para “Discordo Totalmente (DT)”; 2 para “Discordo (D)”; 3 para “Nem Discordo/Nem Concordo (NC/ND)”; 4 para “Concordo (C)”; 5 para “Concordo Totalmente (CT)”.

No entanto, antes de passar à avaliação dos resultados obtidos nos questionários torna-se necessário analisar se estes são ou não consistentes, isto é, se estes possuem a fiabilidade adequada para serem realizados. Esta análise permite também avaliar se todos os itens do questionário possuem a mesma qualidade.

Para testar a fiabilidade do questionário foi efetuado o teste “Alfa de Cronbach (α)”. Este teste mede a relação entre as respostas do questionário e as respostas dadas pelos inquiridos, apresentando uma correlação média entre as perguntas. O valor de α varia entre 0 e 1. Obtivemos um valor de α igual a 0,848 para 19 perguntas existentes no questionário com uma escala de 1 a 5. Isto remete-nos a afirmar que o questionário possui uma *boa* fiabilidade (Hill e Hill, 2012).

Quadro n.º 12 — Teste Alfa de Cronbach

Alfa de Cronbach	N de itens
,848	19

De seguida serão apresentados os **dados sociodemográficos** dos inquiridos, segundo, e de acordo com as respostas dos mesmos.

De acordo com a figura n.º 1 os inquiridos são compostos por 22 pessoas do sexo masculino e 24 do sexo feminino, correspondendo a números percentuais de 47.8 % e 52.2%, respetivamente. Apesar de não significativo, temos um maior número de inquiridos do sexo feminino.

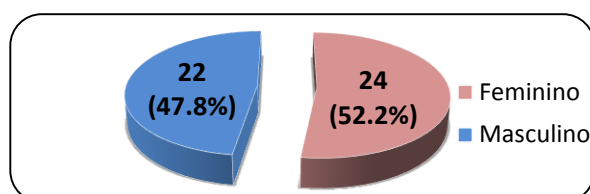


Figura n.º 1 — Género dos inquiridos

A faixa etária dos inquiridos é divergente. Temos como idade mínima os 25 anos e idade máxima os 68 anos. Através da figura n.º 2 verificamos que o maior volume de inquiridos insere-se nas idades entre os 36 e os 55 anos.

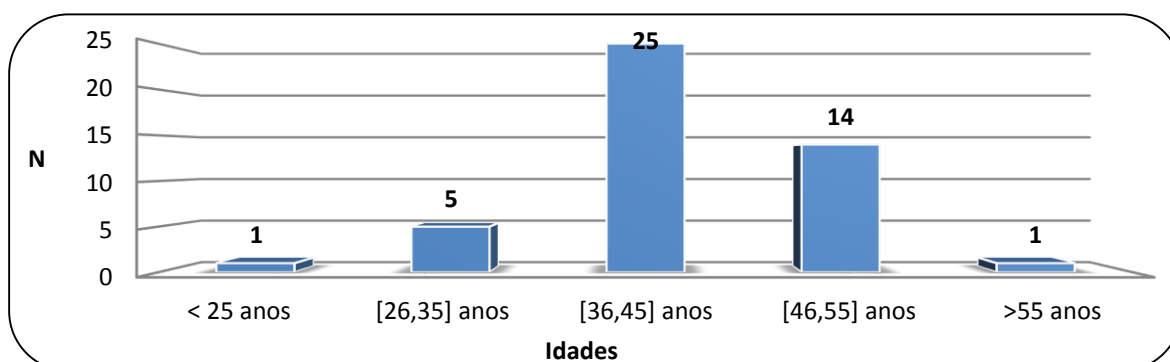


Figura n.º 2 — Faixa etária dos inquiridos

A figura n.º 3 expõe o número de inquiridos referentes a cada função.

Dos 46 inquiridos, existem 3 técnicos, 36 familiares (Pai/Mãe) e 7 professores, correspondendo, respetivamente, a 6.5%, 78.3% e 15.2% da população.

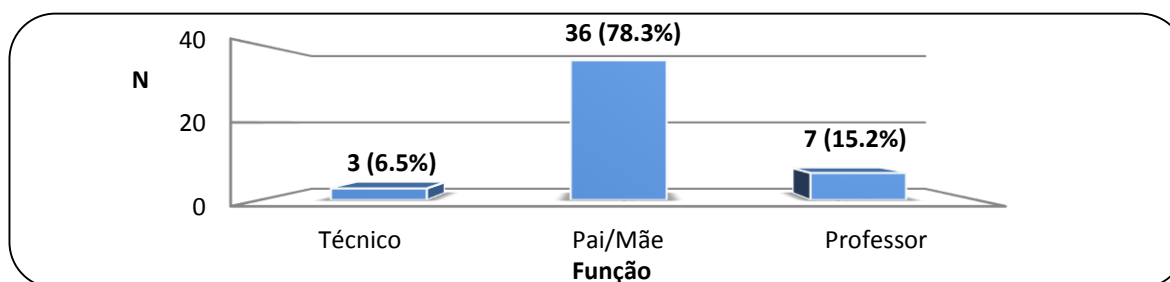


Figura n.º 3 — Função desempenhada pelos inquiridos

Por fim, as habilitações literárias dos inquiridos permitem ter uma noção do nível de instrução dos mesmos. Daqueles, 10.9% têm o 4^o ano; 32.6% têm o 9^o ano; 21.7% têm o 12^o ano; 23.9% têm uma *Licenciatura* e 10.9% têm o grau académico de *Mestre*. A figura seguinte ilustra, de forma visual o comportamento destes valores.

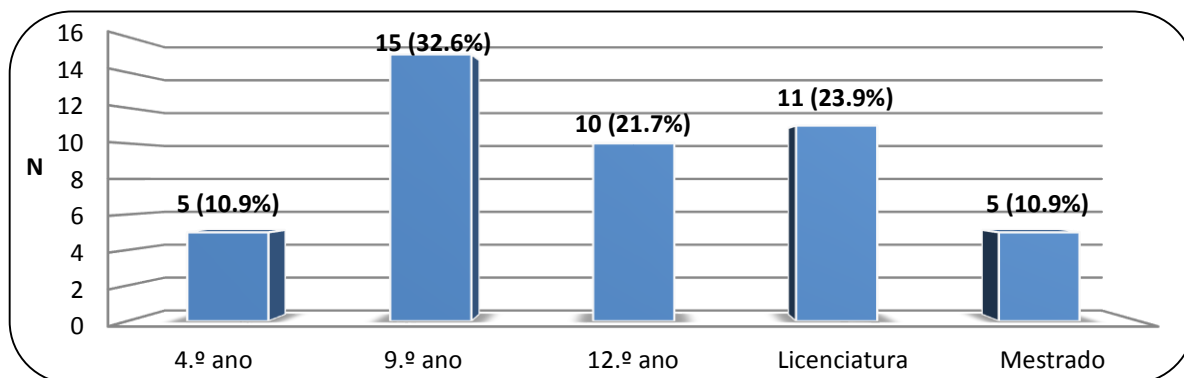


Figura n.º 4 — Habilitações literárias dos inquiridos

Posteriormente será efetuada uma análise mais detalhada acerca das afirmações do questionário, com a finalidade de obter uma relação das respostas mais e menos frequentes e aquelas que obtiveram melhores níveis de resposta, sendo apresentada primeiramente a análise descritiva, seguida da respetiva figura percentual.

A A1 — “As instituições apostam na cinoterapia em prol dos seus utentes” — apresenta um valor de média **3,46**, no entanto, através da figura percentual n.º 5 observamos que o nível de resposta *NC/ND* foi o que teve maior afluência. Não foi registada nenhuma resposta de nível *DT*. Desta forma, concluímos que os inquiridos — **45.7%** — são imparciais quanto ao facto de as instituições apostarem na cinoterapia em prol dos seus utentes.

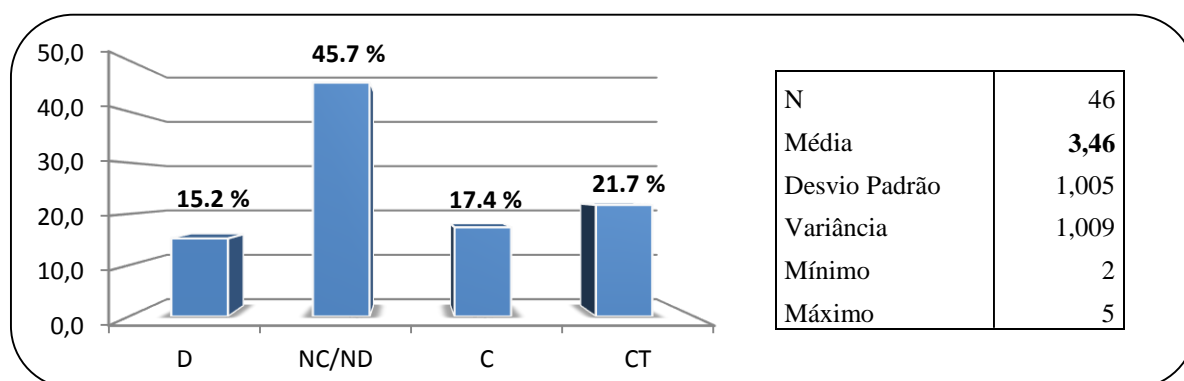


Figura n.º 5 — Análise das respostas à A1.

A **A2** — “A cinoterapia é uma terapia de fácil alcance por parte das instituições” — apresenta respostas entre os níveis *D* e *CT*, não havendo qualquer resposta de nível *DT*. A resposta *D* obteve mais de **60%** de afluência por parte dos inquiridos. No entanto, a média de **2,93** refuta este facto. Novamente, os inquiridos são imparciais ao pensarem que a cinoterapia é uma terapia de fácil alcance por parte das instituições.

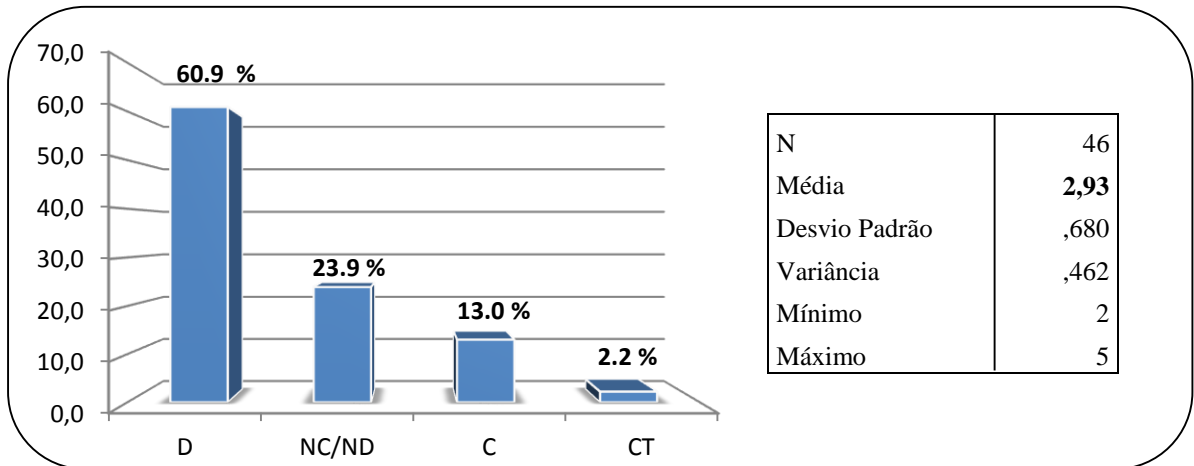


Figura n.º 6 — Análise das respostas à A2.

Relativamente à **A3**, — “A cinoterapia enquanto elemento diferenciador é uma mais-valia para as instituições” — esta apresenta apenas os níveis de resposta *NC/ND*, *C* e *CT*. Positivamente, a resposta *CT* obteve mais de metade dos resultados obtidos, juntamente com a resposta *C* perfazendo quase **90%**. Este facto confirma que os inquiridos acham que o programa cinoterapia é realmente uma mais-valia para as instituições.

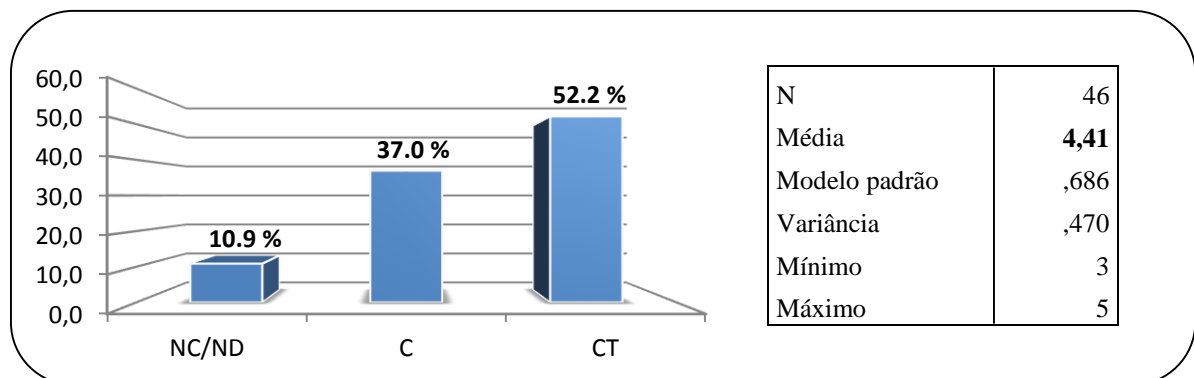


Figura n.º 7 — Análise das respostas à A3.

As respostas à **A4** — “Os resultados que a cinoterapia pode originar são positivos” — mostram que, seguramente, os inquiridos têm confiança nos resultados que o programa pode gerar. Estes — **100%** — mostram, claramente, a maioria das respostas nos níveis **C** e **CT**.

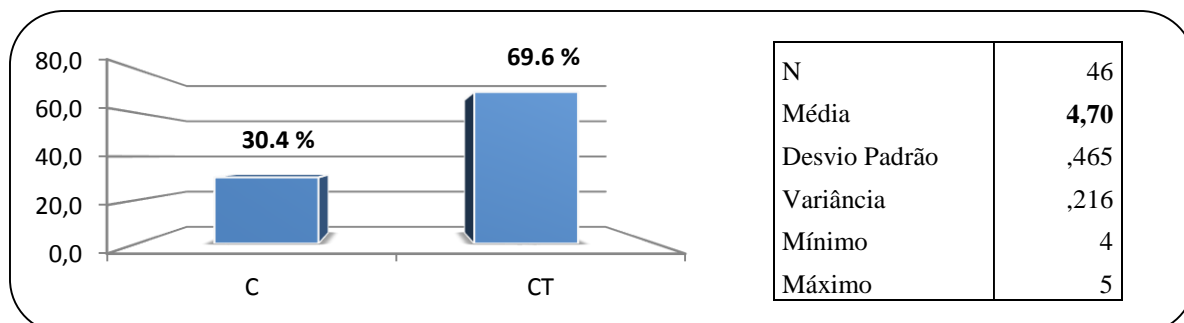


Figura n.º 8 — Análise das respostas à A4.

A **A5** — “A cinoterapia desenvolvida pela GNR é efetuada em condições adequadas” — faz referência às condições em que a GNR desenvolve o programa cinoterapia. As respostas dos inquiridos variaram entre o nível **D** e o nível **CT**. Conclui-se que o programa cinoterapia é realizado em condições adequadas, uma vez que as respostas de nível **C** e **CT** resultam em quase **60%** destas. A média revela que as respostas de maior incidência dizem respeito ao nível **C**.

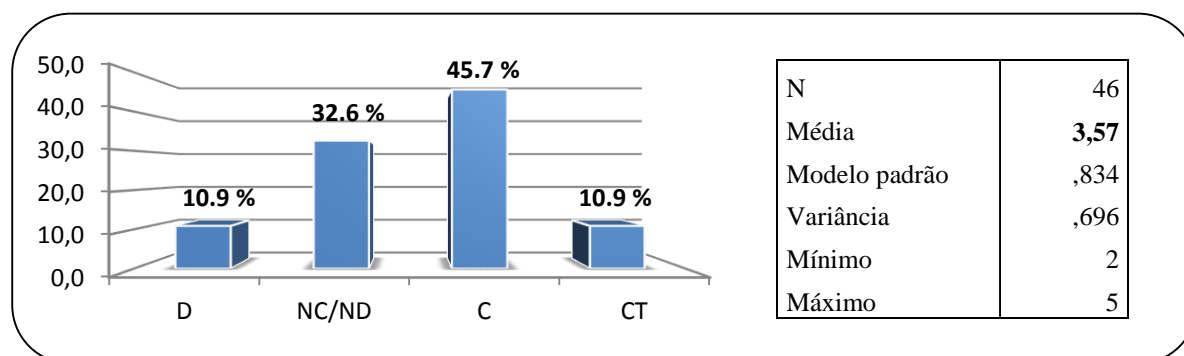


Figura n.º 9 — Análise das respostas à A5.

A **A6** — “A cinoterapia contribui para um melhoramento de saúde” — adverte para a importância do programa em termos clínicos, ou seja, se está na origem do melhoramento de saúde dos pacientes. Praticamente, as respostas foram todas positivas sendo que mais de **75%** dos inquiridos concorda com a afirmação.

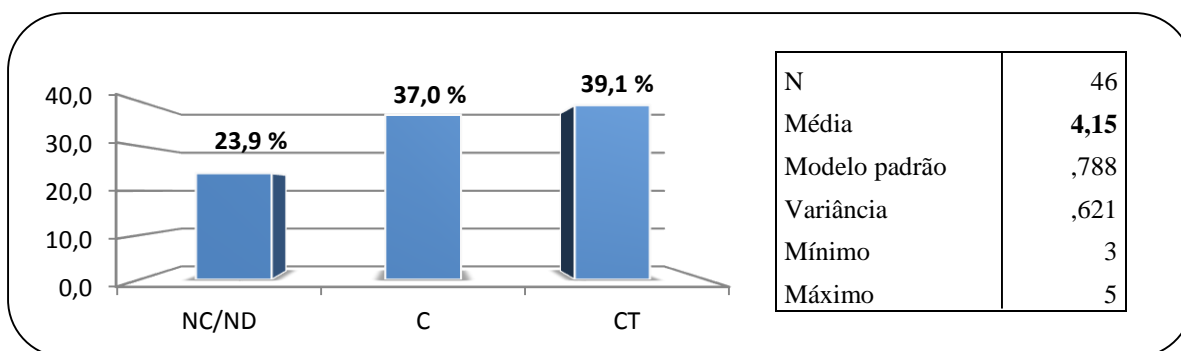


Figura n.º 10 — Análise das respostas à A6.

A A7 — “A cinoterapia contribui para um melhor desempenho escolar, estimulando o desenvolvimento cognitivo” — obteve respostas entre o nível *D* e o nível *CT*. A grande incidência de respostas dos inquiridos, ocorre nos dois níveis mais altos com 37% para *C* e 41.3% para *CT*. Isto indica que mais de 78% dos inquiridos concorda que o programa cinoterapia contribui para um melhor desempenho escolar, estimulando o desenvolvimento cognitivo.

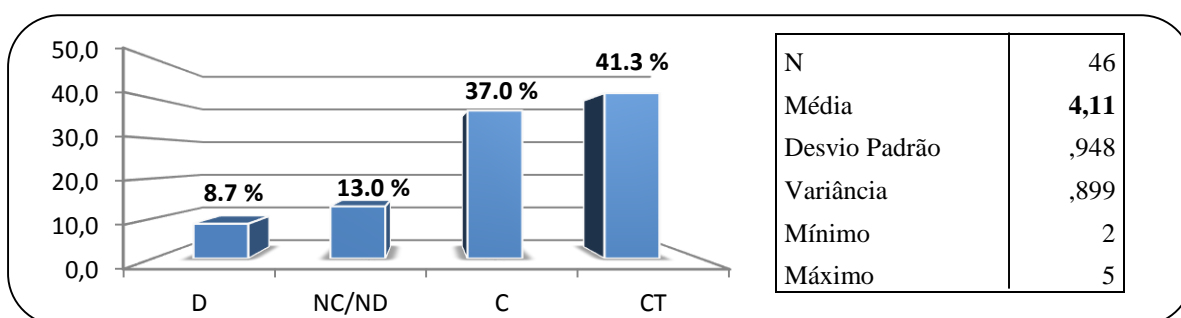


Figura n.º 11 — Análise das respostas à A7.

A A8 — “A cinoterapia contribui para a adequação do comportamento” — mostra que todos os inquiridos — 100% — concordam efetivamente que a cinoterapia contribui para a estabilização do comportamento dos visados. A média de respostas é de 4,67, o que indica que maioritariamente as respostas foram de níveis *C* e *CT*.

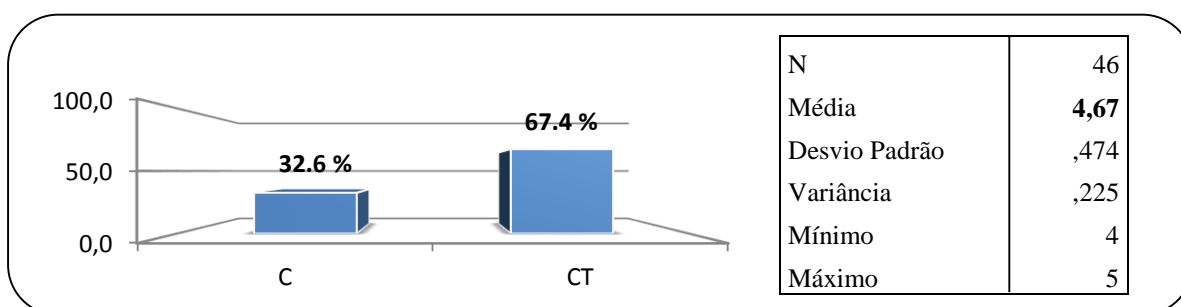


Figura n.º 12 — Análise das respostas à A8.

A **A9** — “A cinoterapia contribui para um aumento da socialização” — é de alguma importância, pois indica se o programa está a promover melhorias nos pacientes a nível social. De acordo com as respostas dos inquiridos — **87%** —, o programa cinoterapia tem alterações positivas, com uma média de **4,46**, correspondente a repostas de níveis **C** e **CT**.

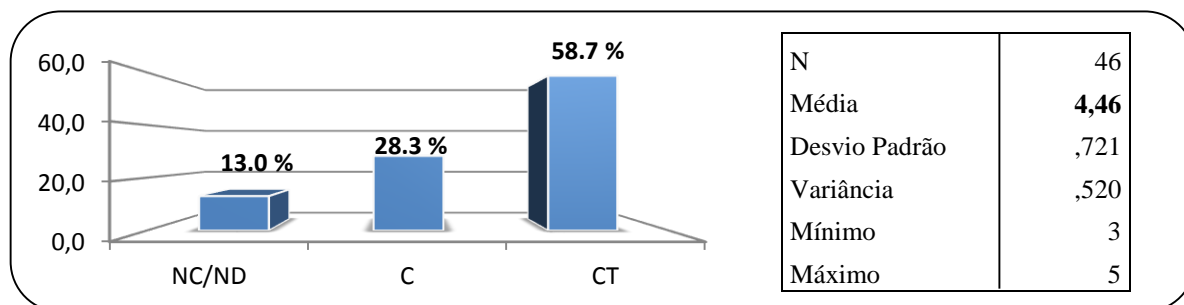


Figura n.º 13 — Análise das respostas à A9.

À **A10** — “A cinoterapia contribui para um aumento da comunicação” — os inquiridos responderam maioritariamente que concordam — **76.1%** — que após uma intervenção através de sessões de cinoterapia os visados melhoraram substancialmente a comunicação, obtendo-se uma média de **4,33**.

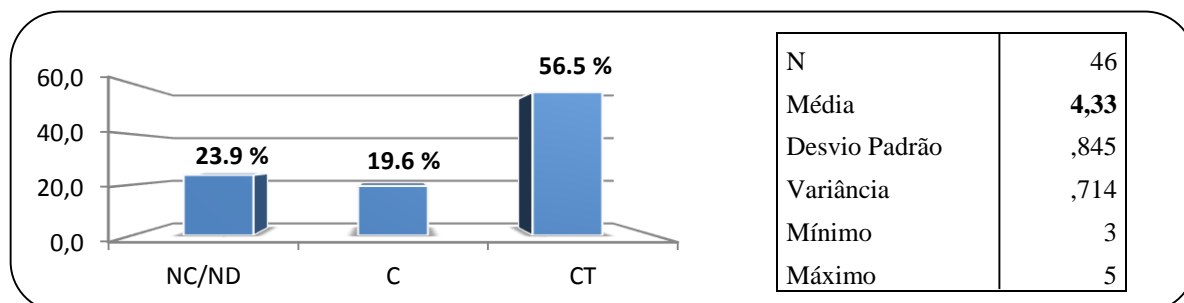


Figura n.º 14 — Análise das respostas à A10.

As respostas à **A11** — “Os pais e encarregados de educação verificam vantagens na participação dos seus educandos nas sessões de cinoterapia” — mostram que os pais estão muito satisfeitos com a participação dos seus educandos no programa, pois foram obtidas exclusivamente as respostas positivas de nível **C** e **CT**, obtendo-se uma média de respostas **4,63**.

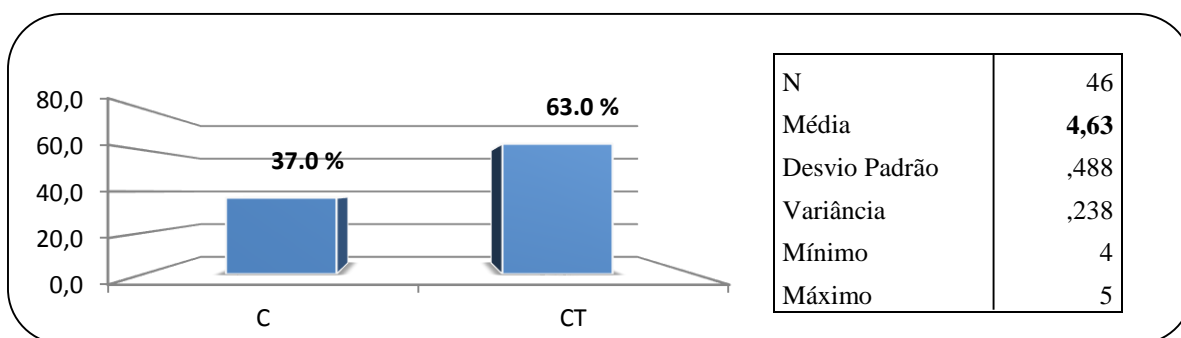


Figura n.º 15 — Análise das respostas à A11.

No que diz respeito à A12 — “A GNR deveria apostar numa formação complementar dos seus militares para a prática de cinoterapia” — os inquiridos, maioritariamente, — **97.8%** — responderam que os militares deveriam apostar numa formação que promovesse o melhoramento das atividades do programa.

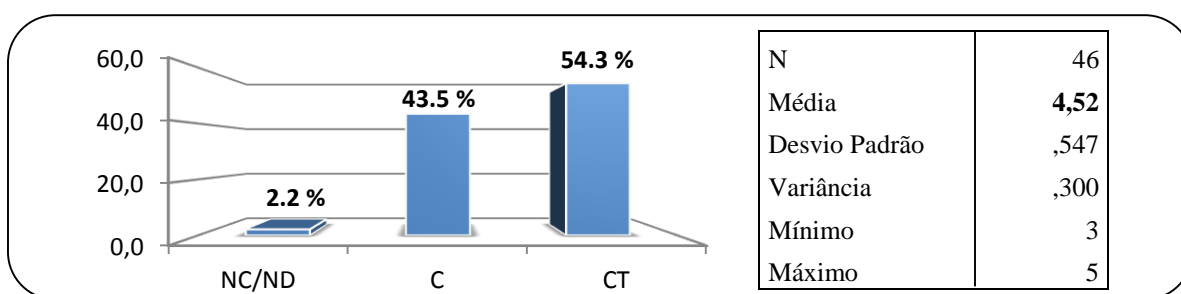


Figura n.º 16 — Análise das respostas à A12.

A A13 — “A relação criada entre o militar da GNR e a criança/jovem, do ponto de vista reabilitacional, é importante” — faz referência à importância de uma relação afetiva criada entre o militar e o paciente na obtenção de resultados. Quase **90%** dos inquiridos considera importante esta relação, no sentido de obter melhoramentos por parte dos pacientes.

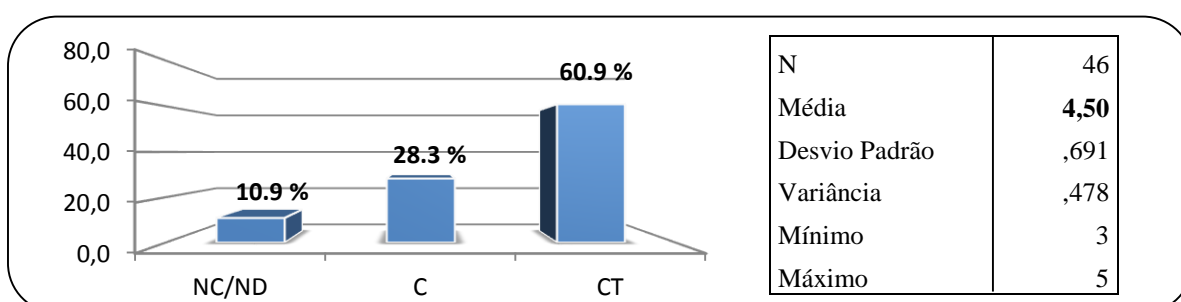


Figura n.º 17 — Análise das respostas à A13.

A **A14** — “A cinoterapia, enquanto atividade, influencia positivamente a imagem institucional da GNR” — obteve respostas entre os níveis *D* e *CT*, sendo que mais de metade dos inquiridos — **78.2%** — respondeu que o programa cinoterapia influencia positivamente a imagem institucional da GNR.

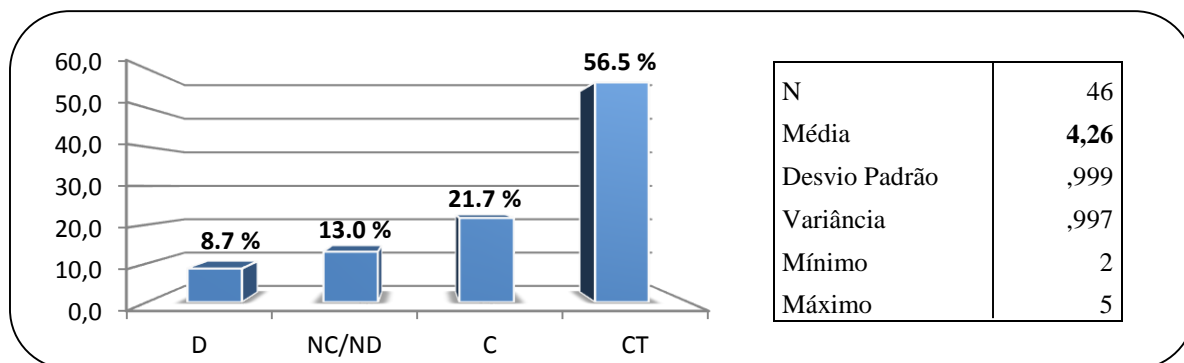


Figura n.º 18 — Análise das respostas à A14.

A **A15** — “A cinoterapia, enquanto atividade, influencia positivamente a imagem do município de Sintra” — obteve respostas praticamente de todos os níveis, à exceção do nível *DT*. Cerca de **44%** dos inquiridos concordam totalmente que este programa influencia de forma positiva a imagem do município, enquanto que outros **44%** não têm uma opinião formada.

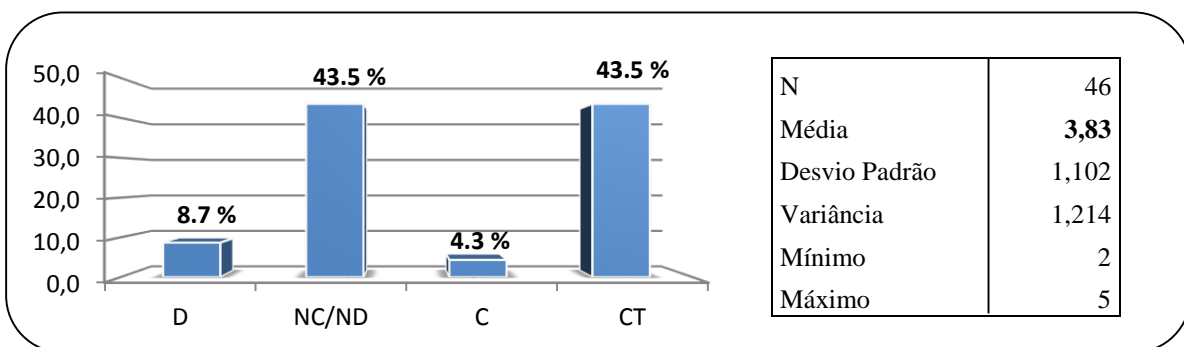


Figura n.º 19 — Análise das respostas à A15.

A totalidade dos inquiridos — **100%** — concorda com a **A16** — “Deveriam ser criadas parcerias entre a GNR e outras instituições de forma a rentabilizar a cinoterapia” —, obtendo-se uma média de **4,63**.

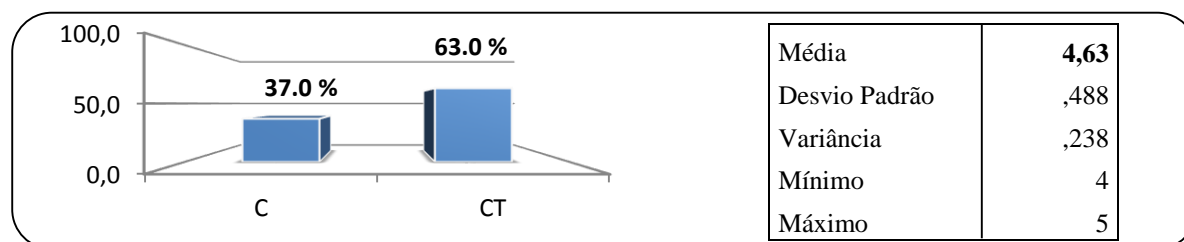


Figura n.º 20 — Análise das respostas à A16.

A **A17** — “A cinoterapia permite reduzir padrões estereotipados de comportamento” — obteve uma média de **4,57**. Cerca de **96%** dos inquiridos concorda que o programa melhora estes comportamentos.

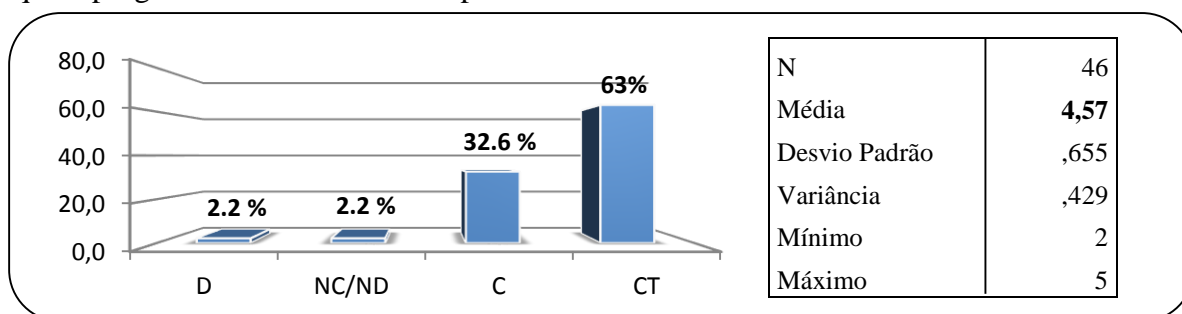


Figura n.º 21 — Análise das respostas à A17.

A **A18** — “A cinoterapia permite melhorar a gestão dos afetos e das emoções das crianças e jovens envolvidos” — permite obter respostas no sentido de saber se o programa cinoterapia contribui para a estabilização dos visados ao nível das emoções. A totalidade dos inquiridos, equivalente a **100%**, concorda com esta afirmação. A média obtida foi **4,67**.

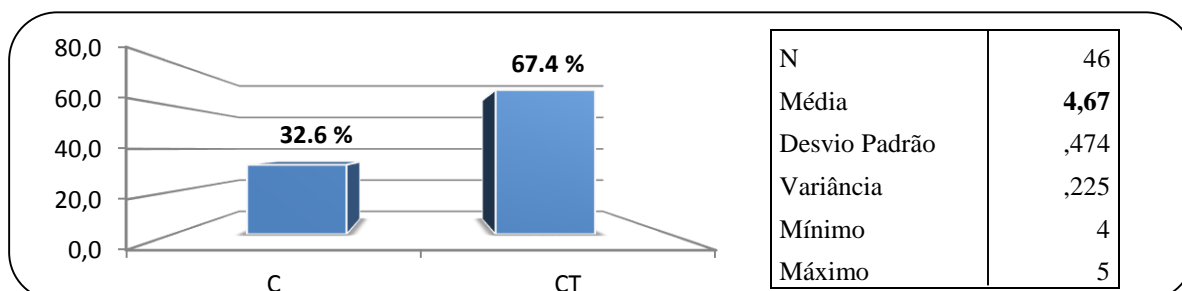


Figura n.º 22 — Análise das respostas à A18.

Finalmente, a **A19** — “A cinoterapia permite estimular a integração sensorial” — obteve uma média de **4,52**.

A totalidade dos inquiridos — **100%** — concorda que o programa é levado a cabo de forma positiva para este efeito.

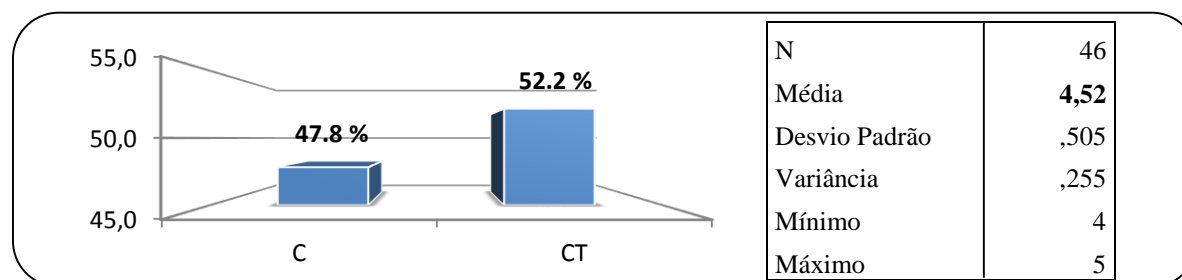


Figura n.º 23 — Análise das respostas à A19.

De acordo com as tabelas disponíveis no apêndice F, e tal como referido anteriormente, foi efetuada uma análise da relação entre as afirmações do questionário através do Coeficiente de Correlação de Spearman. O coeficiente ρ de Spearman mede a intensidade da relação entre as afirmações de um questionário.

A tabela n.º 2²¹ mostra diversos resultados e comportamentos. A diagonal da tabela tem o valor perfeito de correlação (igual a 1), pois indica a correlação da afirmação com ela própria. Os valores a vermelho indicam uma *muito má* correlação entre as afirmações em questão. Os valores a amarelo indicam uma *fraca* correlação, mostrando que as afirmações que estão em correspondência estão debilmente correlacionadas. Os valores a azul e verde escuro indicam as melhores correlações, sendo estas *moderadas* e *muito boas*, respetivamente. Existem também afirmações a roxo que não possuem qualquer tipo de correlação. Observa-se, maioritariamente, relações *moderadas* a *muito boas*, sugerindo que a maioria das afirmações estão relacionadas entre elas.

O questionário é constituído por 19 afirmações, todas elas relacionadas com a eficácia do programa cinoterapia. As afirmações do inquérito foram efetuadas e ordenadas de forma aleatória. Através das respostas dos inquiridos pretende-se obter uma ordenação no grupo de afirmações apresentadas de forma a que, a partir dessa ordenação, se possa reorganizar as questões pelo ranking de importância e retirar algumas conclusões relevantes. Na tabela n.º 3²², a ordenação é efetuada segundo a média, obtida de cada afirmação e ordenada de forma decrescente, no entanto, calcularam-se médias de igual valor e para as colocar numa ordem recorreu-se a um critério de desempate. Fez-se uso do desvio padrão para distinguir as médias de igual valor, colocando em primeiro lugar aquele que apresentasse menor desvio padrão, uma vez que quanto menor for, menos dispersos e mais precisos serão os dados. O teste de Friedman²³, para além de nos informar se as afirmações têm, ou não, a mesma importância, vai facilitar a nova ordenação, pois vai atribuir um *valor de importância* a cada pergunta através das respostas dadas pelos inquiridos. Obtém-se assim, uma eventual reorganização das afirmações, permitindo até a criação de grupos distintos de perguntas relacionadas tema a tema.

²¹ Vide a correlação de Spearman disponível no apêndice F.

²² Vide a ordenação das médias das afirmações disponível no apêndice F.

²³ Vide a tabela n.º 4 disponível no apêndice F.

De seguida, será apresentado o teste de Spearman, consistindo numa análise das afirmações que apresentam maiores níveis de correlação.

As **A3** e **A4** obtiveram uma correlação de **0,745**, permitindo concluir que a cinoterapia é uma mais-valia para as instituições, uma vez que origina resultados muito positivos. Também a **A14** está intimamente correlacionada com a **A3**. Mediante uma correlação de **0,661** podemos afirmar que, sendo a cinoterapia um elemento diferenciador para ambas as instituições, contribui positivamente para a imagem institucional da GNR.

A **A4** está, direta e indiretamente, relacionada com a maioria das outras afirmações, uma vez que a cinoterapia gera resultados muito positivos. Destaca-se a correlação obtida com a **A7 (0,709)**, podendo-se concluir que a cinoterapia contribui para um melhor desempenho escolar, estimulando o desenvolvimento cognitivo.

A **A5** apresenta correlações de **0,643** e **0,710** com as **A8** e **A18**, respetivamente, uma vez que se a cinoterapia for efetuada nas condições adequadas, promoverá inúmeros resultados como a adequação do comportamento e a melhoria da gestão de afetos e de emoções dos visados.

A **A6** está fortemente relacionada com as afirmações números **7, 9 e 10** com correlações de **0,692, 0,738 e 0,817**, bem como a **A9** com a **A7** com uma correlação de **0,663**. A **A8** está consideravelmente relacionada com as afirmações números **9, 11, 18 e 19** com as respetivas correlações de **0,614, 0,620, 0,802 e 0,634**. Existe também uma forte relação entre a **A9** e as afirmações números **10, 18 e 19**, com correlações de **0,879, 0,614 e 0,775**. Todas as afirmações referidas no presente parágrafo, estão intimamente correlacionadas, uma vez que todas elas correspondem a resultados obtidos através do recurso à cinoterapia tais como contribuir para a adequação do comportamento; para um melhoramento de saúde; para um aumento da socialização; para um melhor desempenho escolar, estimulando o desenvolvimento cognitivo; para um aumento da comunicação; para estimular a integração sensorial e para a melhoria da gestão dos afetos e das emoções.

Também as **A14** e **A12** apresentam uma correlação elevada de **0,773**, verificando-se assim que uma formação complementar poderia estar na origem da melhoria da imagem institucional da GNR.

A **A13** apresenta correlações elevadas tais como **0,839** e **0,700** com as afirmações **A14** e **A15**, respetivamente, uma vez que a relação criada com a sociedade no âmbito da cinoterapia contribui para a visibilidade, neste caso, da GNR e do município.

Finalmente, a **A19** apresenta correlações de **0,727** e **0,706** com as afirmações números **18** e **17**, verificando-se o contributo da estimulação sensorial para a redução dos comportamentos estereotipados.

Conclusões Gerais sobre os Inquiridos

Através dos questionários, foi possível perceber a abrangência da cinoterapia. Recorrendo à interpretação das tabelas n.º 3 e n.º 4, disponíveis no apêndice F, podemos retirar algumas conclusões que a seguir são apresentadas.

Além de ser uma terapia que origina vantagens e resultados muito positivos do ponto de vista reabilitacional, é também uma mais-valia que, por ser de difícil alcance por parte das instituições de uma forma autónoma, marca a diferença de quem as pode oferecer.

Foi confirmado que a cinoterapia é realizada em boas condições e promove a melhoria da imagem institucional da GNR, valorizando a sua componente humana e solidária.

Por outro lado, ficou claro que a GNR deveria apostar numa formação complementar dos seus militares, com o intuito de adquirir mais conhecimento ao nível das patologias e da interação com as crianças, bem como adaptar os exercícios às necessidades das sessões, melhorando, assim, a qualidade da cinoterapia.

Os resultados mostram também que a GNR deveria apostar na criação de parcerias com outras instituições de forma a promover e a rentabilizar a cinoterapia.

No geral, os inquiridos têm a noção da importância do programa cinoterapia para o desenvolvimento dos seus educandos em diversos aspetos tais como ao nível da saúde, do desempenho escolar, da adequação do comportamento, da redução de padrões estereotipados e do desenvolvimento cognitivo, do aumento da socialização, da estimulação da integração sensorial e da comunicação, bem como da melhoria dos seus comportamentos, sensações e da gestão dos afetos e emoções.

Capítulo 6

Conclusões e Recomendações

6.1. Introdução

O presente RCFTIA procurou avaliar as consequências, a influência e a eficácia do programa cinoterapia resultante da cooperação da Guarda com o município de Sintra, tendo como intuito responder à questão central “Qual a influência do programa cinoterapia desenvolvido pela Guarda no município de Sintra?”. Após a recolha da informação teórica sobre a temática em questão e do tratamento dos dados recolhidos através das entrevistas e dos questionários, obtiveram-se as respostas às questões central e derivadas.

Desta forma, neste capítulo procurar-se-á proceder à verificação/refutação das hipóteses formuladas anteriormente, com a consequente resposta às perguntas de investigação, bem como à exposição das reflexões finais a que o autor chegou e das limitações sentidas ao longo da elaboração de todo o trabalho. No final serão apresentadas algumas propostas para investigações futuras.

6.2. Verificação das hipóteses e resposta às questões derivadas

As respostas às questões de investigação serão dadas tendo em conta os resultados obtidos a partir da parte teórica, das entrevistas e dos questionários, confirmando ou refutando as hipóteses pré-estabelecidas. Assim, estas podem ser totalmente validadas a partir de 75% ou mais de 4 valores de média; parcialmente validadas entre 50% e 75% ou entre 3 e 4 valores de média; e refutadas se inferiores a 50% ou 3 valores de média.

A **H1 confirma-se parcialmente**. Esta hipótese é confirmada pela A5 do questionário, bem como pela Q1 da entrevista, uma vez que se obteve uma média de 3,57 e 67% dos entrevistados afirmam que a cinoterapia cumpre os pressupostos definidos por Kobayashi *et al* (2009) no subcapítulo 3.3., para ser considerada uma TAA desenvolvida nas condições adequadas. Assim, a **QD1** tem como resposta: A cinoterapia é realizada semanalmente em função da atividade operacional, com a presença de especialistas da área da saúde e da educação, procurando rentabilizar recursos dando utilização a cães que vão

ficando afastados do serviço ativo, onde se prima, fundamentalmente, pela regulação e orientação daquela em função dos objetivos traçados e necessários a cada paciente.

A **H2 confirma-se parcialmente**, tendo como fundamento a Q2 da entrevista. De acordo com 83% dos entrevistados, existe uma necessidade de aquisição de novos meios materiais, com a finalidade de construir novos objetivos que se vão adequando à constante evolução dos pacientes, bem como 50% afirmam existir uma carência de efetivo afeto à cinoterapia. Assim, a **QD2**, e não menosprezando o anteriormente referido, tem uma resposta afirmativa, uma vez que, no presente, os meios do GIC vão sendo suficientes, sendo cumpridos os critérios adequados para a seleção dos cães, tendo em conta características como a serenidade, o equilíbrio mental e a socialização, tal como referido no subcapítulo 3.4. por Campos (2009), aproveitando, assim, para rentabilizar recursos, uma vez que os cães em final de carreira apresentam essas mesmas características.

A **H3 confirma-se totalmente**. De acordo com as respostas à Q3 da entrevista e à A12 do questionário, 100% dos entrevistados verificam existir vantagens com a frequência de uma formação complementar por parte dos militares, tal como sugere a média de 4,52 obtida na afirmação referida. No entanto, e segundo 50% dos entrevistados, não é estritamente necessário para que sejam cumpridos os objetivos a que a GNR se propôs. À semelhança da questão anterior, a **QD3** tem uma resposta afirmativa, tendo como fundamento o conhecimento ao nível das patologias e da interação com os visados, a fim de promover uma melhor adequação dos exercícios desenvolvidos às necessidades das sessões, melhorando a qualidade do serviço desempenhado, tal como referido por Kobayashi *et al* (2009) no subcapítulo 3.3.

A **H4 confirma-se totalmente**, tal como sugerem as respostas à Q7 da entrevista, uma vez que 100% dos entrevistados responderam que a cinoterapia é uma ferramenta que origina resultados muito positivos, promovendo um impacto muito significativo nas pessoas envolvidas, tal como sugerido por Vaccari e Almeida (2007) no subcapítulo 3.3. Assim, como resposta à **QD4**, a cinoterapia apresenta um impacto muito considerável nos pais das crianças, o que tem levado a um reconhecimento público pela maioria daqueles, inclusive através dos OCS. Apesar disso, também existem aqueles que não têm qualquer reconhecimento ou consideração pelo trabalho desenvolvido.

A **H5 confirma-se totalmente**. Esta hipótese é confirmada pelas respostas à A11 do questionário, que apresenta uma média de 4,63. Cerca de 76 % dos inquiridos concordam que existem inúmeras vantagens resultantes da cinoterapia. Assim, e de acordo

com as respostas à Q6 da entrevista, podemos responder à **QD5**, apresentando como vantagens a melhoria da imagem institucional da GNR junto da população, proporcionando benefícios para o ensino especial, bem como possibilitando a prática de cinoterapia a custo zero para as instituições. Por outro lado, é uma forma de adquirir formação e experiência para os militares e para os binómios. As únicas desvantagens referidas, embora com uma representatividade muito reduzida, foram o afastamento dos cães do serviço operacional, bem como o serviço desgastante que é levado a cabo pelos militares.

A **H6 confirma-se totalmente**, uma vez que acaba por ir ao encontro da H4. De acordo com a Q7 da entrevista, 100% dos entrevistados afirmam existir um impacto muito significativo nas crianças. Também as A4, A6, A7, A8, A9, A10, A17, A18 e A19 do questionário, apresentaram respostas com médias de 4,70; 4,15; 4,11; 4,67; 4,46; 4,33; 4,57; 4,67 e 4,52; respetivamente. Assim, à **QD6** obtivemos o seguinte: o impacto que a cinoterapia apresenta nas crianças revela-se ao nível da saúde, do desempenho escolar, da adequação do comportamento, da redução de padrões estereotipados, do desenvolvimento cognitivo, do aumento da socialização, da estimulação da integração sensorial, da comunicação e da melhoria dos seus comportamentos, sensações, afetos e emoções, tal como afirma Vaccari e Almeida (2007) no subcapítulo 3.3.

A **H7 confirma-se totalmente**. Tendo em conta as respostas à Q5 da entrevista, 86% dos entrevistados concordam que a cinoterapia contribui para a melhoria da imagem institucional da GNR. Também a A14 do questionário confirma esse facto, apresentando uma média de 4,26, onde cerca de 78% dos inquiridos responderam concordar com a referida melhoria. Assim, e respondendo à **QD7**, a cinoterapia permite adquirir visibilidade por parte da GNR, através de uma atividade de cariz social fora do âmbito operacional, trazendo mais credibilidade ao trabalho desenvolvido ao longo das sessões de cinoterapia, promovendo assim uma relação próxima, humana e de confiança com a sociedade.

A **H8 confirma-se totalmente**. Segundo as respostas à Q8 da entrevista, 100% dos entrevistados concordam que a cinoterapia é uma mais-valia para a cooperação entre a GNR e o município de Sintra. Assim, a resposta à **QD8** é uma resposta afirmativa, uma vez que produz resultados muito positivos para ambos, possibilitando a melhoria da qualidade de trabalho da GNR e do AGREMAM, bem como a promoção da visibilidade destes. Atualmente, existe uma forte interação e cooperação, permitindo que no futuro sejam mais facilmente desenvolvidos novos projetos e atividades, como refere Marcelo Rebelo de Sousa (1999) no subcapítulo 1.1.2.

6.3. Reflexões finais

Resultante da investigação levada a cabo, consideramos que o objetivo do trabalho foi alcançado, concluindo que este programa é uma tradução prática da imposição legal de cooperação entre a AP e uma entidade pública. Assim, respondendo à questão central elencada inicialmente, verifica-se que o programa cinoterapia constitui-se como uma mais-valia no âmbito da cooperação entre a GNR e o AGREMAM, possibilitando a crianças com necessidades especiais, o acesso a um tratamento/acompanhamento das suas patologias através do recurso a cães, orientado de acordo com objetivos pré-estabelecidos por profissionais da área da saúde e da educação, não tendo qualquer tipo de custos acrescidos para estas instituições, de onde são originadas inúmeras vantagens para ambos, bem como resultados positivos para as crianças intervencionadas.

É uma temática ainda pouco divulgada em Portugal, mas que se encontra em profundo desenvolvimento e aperfeiçoamento.

Este tipo de atividade acaba por ter repercussões significativas e muito positivas a nível social, contribuindo para uma imagem sólida e de confiança da GNR, criando-se assim uma relação próxima e muito humana.

Existe, de momento, um planeamento com vista à frequência de uma formação complementar por parte dos militares afetos à cinoterapia, através de jornadas de formação, que irão contar com a presença de pais, terapeutas e tratadores cinotécnicos, no sentido de promover a troca de ideias e formar grupos de trabalho, dando vários contributos e experiências com o intuito de rentabilizar a cinoterapia. Esta formação visa, sobretudo, imprimir mais conhecimento e maior cruzamento e interligação do trabalho desenvolvido, tendo como finalidade fornecer aos militares mais ferramentas para poderem adequar os exercícios desenvolvidos às necessidades das sessões.

Existem outras entidades, entre as quais outras forças de segurança que estão a tentar avançar com este tipo de projeto. Desta forma, a GNR tem a oportunidade e a capacidade, enquanto pioneira, de colocar o trabalho desenvolvido pelo GIC num patamar ainda não alcançado por nenhuma instituição ou organização não-governamental em Portugal, tornando-se um exemplo e uma referência a nível nacional.

A comparação entre o trabalho desenvolvido pela GNR e por particulares é bastante díspar. A GNR consegue obter uma parte relacional muito mais significativa, traduzindo-se numa ligação mais próxima com as crianças e em resultados muito mais positivos, fruto da

disponibilidade e variedade de meios da Guarda. Existe a ambição de que a cinoterapia se alargue a outras instituições, no entanto, torna-se necessário estabelecer as condições adequadas, melhorando cada vez mais o trabalho desenvolvido.

6.4. Limitações da investigação

Inicialmente, existiu uma clara falta de conhecimento do investigador na área, que acabou por ser colmatada durante a revisão bibliográfica.

Também a formação em instrumentos e técnicas de recolha de dados por parte do investigador se revelou limitada, levando a que fosse necessário recorrer a uma formação extra Academia Militar, nomeadamente, no que diz respeito ao tratamento estatístico dos dados recolhidos através dos questionários.

Por fim o limite de páginas estabelecido tornou-se numa das limitações mais consideráveis, uma vez que foi necessário recorrer significativamente ao poder de síntese, impossibilitando também a apresentação do conteúdo de cada uma das entrevistas que poderia ser benéfico para se ter um conhecimento mais pormenorizado do trabalho desenvolvido.

6.5. Investigações futuras

Relativamente ao tema, existiriam mais aspetos a abordar que seriam interessantes para a investigação, e que poderiam ser alvo de investigações futuras, nomeadamente efetuar uma comparação entre os resultados promovidos pela cinoterapia desenvolvida pela GNR e os resultados obtidos por particulares, com o intuito de colmatar falhas e aperfeiçoar o trabalho desenvolvido pelo GIC, se tal se verificasse; efetuar um estudo que averiguasse as vantagens, as limitações e os custos que a GNR teria que suportar para alargar este tipo de programa a nível nacional por intermédio das secções cinotécnicas dos Comandos Territoriais de cada distrito; e efetuar uma comparação entre os resultados obtidos pela cinoterapia e pela hipoterapia.

Bibliografia

i. Metodologia científica

Academia Militar. (2011). *NEP n.º 520/DE, de 30 de junho*.

Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação – Um guia prático e crítico* (1.^a Ed.). s.l.: ASA Editores, S. A.

Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. (4.^a Ed.). Lisboa: Edições 70.

Bell, J. (2010). *Como realizar um projecto de investigação*. (5.^a Ed.). Lisboa: Gradiva.

Carmo, H. e Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação. Guia para auto-aprendizagem*. (2.^a Ed.). Lisboa: Universidade Aberta.

Carvalho, J. E. (2009). *Metodologia do Trabalho Científico – “Saber-fazer” da investigação para as dissertações e teses*. (2.^a Ed.). Lisboa: Escolar Editora.

Fortin, M. (2009). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. (5.^a Ed.). (N. Salgueiro, Trad.). Loures: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas.

Freixo, M. J. V. (2011). *Metodologia Científica*. (3.^a Ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

Ghiglione, R., e Matalon, B. (2001). *O Inquérito, Teoria e Prática*. (4.^a Ed.). Oeiras: Celta.

Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso* (1.^a Ed.). Cascais: Príncípia.

Hill, M., Hill, A. (2012). *Investigação por questionário*. (2.^a Ed.). Lisboa: Edições Silabo.

Quivy, R., Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais*. (J.M. Marques, M. A. Mendes, M. Carvalho, Trad.). (5.^a Ed.). Lisboa: Gradiva Publicações, S. A. (Trabalho original publicado em 1995). (Escrita original em francês).

Sarmiento, M. (2008). *Guia prático sobre a metodologia científica para a elaboração, escrita e apresentação de teses de doutoramento, dissertações de mestrado e trabalhos de investigação aplicada*. (2.^a Ed.). Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

Sousa, M., e Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios - segundo Bolonha*. Lisboa: Pactor.

ii. Livros e artigos

- Abrantes, Pedro. (2011). *Para uma teoria da socialização*. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 21, 121-139.
- Amaral, Diogo Freitas do. (Ed.). (2003). *Curso de Direito Administrativo*. (2ª Ed.). Coimbra: Almedina.
- American Psychiatric Association. (2002). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. (2ª Ed.). Climpse Editores: Lisboa.
- Becker, M. (2003). *O poder curativo dos bichos*. (1ª Ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bocalan. (2013). *Manual Técnico de Terapias Assistidas por Animais. Curso de Especialista e Técnico em Terapias Assistidas por Animais*. Lisboa: Associação Bocalan Portugal.
- Bussotti, E. A., Leão, E., Chimentão, D., Silva, C. (2005). *Assistência individualizada: “posso trazer meu cachorro?”*. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 2, 21-27.
- Kobayashi, C. T., Ushiyama, S. T., Fakih, F. T., Robles, R. A. M., Carneiro, I. A., Carmagnani, M. I. S. (2009). *Desenvolvimento e implementação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário*. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62, 632-636.
- Dotti, J. (2005). *Terapia e animais*. (1ª Ed.). São Paulo: PC Editorial.
- Fontes, José. (Ed.). (2009). *Teoria geral do Estado e do Direito*. (3ª Ed.). Lisboa: Coimbra Editora.
- Giddens, A. (2001). *Sociologia*. (4ª Ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giner, S. (2010). *Sociologia: Nueva edición ampliada*. (Vol. 377). Barcelona: Ediciones península.
- Guarda Nacional Republicana. (1996). *Manual de operações, volume I*. Lisboa: Ministério da Administração Interna.
- Hart, B. L. (1985). *The behaviour of domestic animals*. New York: W H Freeman.
- Kaufman, M. (1997). *Creature comforts: Animal-assisted activities in education and therapy*. *Reaching Today's Youth: The Community Circle of Caring Journal*, 1, 27-31.
- Machado, J. A. C., Rocha, J. R., Santos, L. M., Piccinin, A. (2008). *Terapia assistida por animais*. *Revista científica eletrônica de medicina veterinária*, 10, 1-7.
- Oliveira, M., Pais, M., Cabrito, G., Santos, B. (2006). *Sociologia: 12º Ano*. (1ª Ed.). Lisboa: Texto.

- Rocher, G. (1971). *Sociologia Geral, volume 1 e II*. Lisboa: Editorial Presença.
- Sá, Luís de. (2000). *Introdução ao direito das autarquias locais*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Silveira, N. (1981). *Imagens do inconsciente*. (2ª Ed.). Universidade do Texas: Alhambra.
- Sousa, Marcelo Rebelo de. (1999). *Lições de Direito Administrativo, volume I*. Lisboa: Lex.
- Worsley, Peter. (1992). *Introdução à sociologia*. (4ª Ed.). Lisboa: Dom Quixote
- Zbyszewski, João Paulo. (2006). *O financiamento das autarquias locais portuguesas*. Coimbra: Almedina

iii. Artigos online

- Alves, A. C. M., Rocha, A. C., Fernandes, A. M. V., Castro, C. F. H., Paraíso, P. C. (s.d). *Projeto Cinoterapia*. Belo Horizonte. s.e. Retirado: novembro, 24, 2012, de http://www.animaisterapeutas.com.br/animais_terapeutas.htm%20Acesso%20em:%2005%20agosto%202011%3E.
- Bouvier, S. M. (2005). *Transformações dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica*. (Alain François, Trad.). (Trabalho original publicado em 1994). (Escrita original em francês). Retirado: janeiro, 25, 2013, de <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a05v2691.pdf>.
- Campos, P. R. C. (2009). *O tratamento e ajuda através dos animais*. Retirado: novembro, 24, 2012, de <http://www.slideshare.net/hospvetporto/o-tratamento-e-ajuda-atravs-dos-animais>%202009.
- Fila, D. (1991). *The significance of companion animals to a geriatric vascular case study*. Retirado: dezembro, 22, 2012, de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1984011>.
- Flores, Lenise N. (2009). *Os benefícios da interação homem-animal e o papel do médico veterinário*. Monografia de obtenção do título de especialista de Especialização em Clínica Médica de Pequenos Animais. Porto Alegre: Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Retirado: novembro, 24, 2012, de www.equalis.com.br/biblioteca_online/download_pdf.php?artigo=249.
- Gadia, C., Tuchman, R., Rotta, N. (2004). *Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento*. Retirado: dezembro, 22, 2012, de <http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa10.pdf>.
- Gashu, B. M., Marques, A. P., Ferreira, E. A. G., Matsutani, L. A. (2001). *Eficácia da estimulação nervosa transcutânea e dos exercícios de alongamento no alívio da dor e na melhora da qualidade de vida de pacientes com fibromialgia*. Retirado: janeiro, 5, 2013, de www.fm.usp.br/fofito/fisio/pessoal/amelia/artigos/tens.pdf.

- Klein, M. Z. (2007). *Possíveis benefícios da relação criança/equino na Equoterapia*. Monografia de graduação em psicologia. Biguaçu: Universidade do Vale do Itajaí. Retirado: novembro, 24, 2012, de <http://siaibib01.univali.br/pdf/Mauren%20Zenni%20Klein.pdf>.
- Marin, K. E., Bertuol, P. (2009). *Terapia assistida por animais como recurso terapêutico no processo de envelhecimento em idosos institucionalizados. Curso de fisioterapia*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul. Retirado: novembro, 24, 2012, de <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52516/000851221.pdf?sequence=1>.
- Medeiros, A. J. S., Carvalho, S. D. (s.d). *Terapia assistida por animais a crianças hospitalizadas: revisão bibliográfica*. Retirado: janeiro, 5, 2013, de <http://www.prp.unicamp.br/pibic/congressos/xvicongresso/paineis/058832.pdf>.
- Oliva, V. N. L. S. (2004). *A terapia assistida por animais: o papel do médico veterinário. Boletim informativo N° 35*. Retirado: novembro, 24, 2012, de <http://www.anclivepa-sp.org.br/rev35-01.htm>.
- Porto, R. T. C., Cassol, S. (2007). *Zooterapia uma lição de cidadania: O cão sociabilizador e a criança vítima de violência intrafamiliar*. Revista Discurso Jurídico, 2, 46-74. Santa Cruz do Sul: Universidade Santa Cruz do Sul. Retirado: novembro, 24, 2012, de <http://revista.grupointegrado.br/revista/index.php/discursojuridico/article/view/225/109>.
- Pletsch, P. (2010). *Terapia com animais*. Retirado: dezembro, 22, 2012, de <http://www.arcabrasil.org.br/animais/interacao/terapia2.htm>.
- Tuke, S. (1964). *Description of the retreat*. Retirado: janeiro, 12, 2012, de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1033490/?page=1>.
- Uyehara, A. M. G. (2004). *Benefícios da relação homem x animal*. Retirado: fevereiro, 2, 2013, de <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/acervo/artieop/Geral/artigo20.htm>.
- Vaccari, A. M. H., Almeida, F. B. (2007). *A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas*. Trabalho de conclusão de curso. São Paulo: Faculdade de Enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein. Retirado: novembro, 24, 2012, de <http://siaibib01.univali.br/pdf/Mauren%20Zenni%20Klein.pdf>.

iv. Diplomas Legais

- Assembleia da República. (2005). Lei Constitucional n.º 1/2005, de 12 de agosto. *Diário da República*, 1.ª série-A, n.º 155.

Assembleia da República. (2007). Lei n.º 63/2007, de 6 de novembro. *Diário da República*, 1.ª série, n.º 213.

Governo. (2008). Portaria n.º 1450/2008, de 16 de dezembro. *Diário da República*, 1ª série, n.º 242.

Guarda Nacional Republicana. (2008). Despacho n.º 77/08-OG, de 29 de dezembro.

Ministério da Administração Interna. (2011). Decreto-Lei n.º 126-B/2011, de 29 de dezembro. *Diário da República*, 1.ª série, n.º 249.

Ministério da Educação. (2008). Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro. *Diário da República*, 1.ª série, n.º 4.

v. Teses

Fernandes, Maria. (2010). *O estudo de uma família com uma criança autista*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Apêndices

Apêndice A

Pedido de consulta dos dados pessoais das crianças do AGREMAM

A.1. Ofício de pedido de autorização para consulta do processo relativo aos dados pessoais dos alunos e respetiva avaliação

MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL
EXÉRCITO PORTUGUÊS
ACADEMIA MILITAR

Exmo Senhor Diretor

Conselho Pedagógico do Agrupamento de Escolas de
Mem Martins

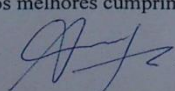
***ASSUNTO: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA CONSULTA DO PROCESSO DO ALUNO
RELATIVO AOS SEUS DADOS PESSOAIS E À AVALIAÇÃO DAS SESSÕES DE CINOTERAPIA***

No âmbito do Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada que estamos a realizar, subordinado ao tema “A cooperação entre a Guarda Nacional Republicana e o município de Sintra: o programa cinoterapia”, temos como objetivo compreender o trabalho que a Guarda desenvolve em conjunto com o Agrupamento de Escolas Maria Alberta Menéres (Mem Martins/Sintra).

Para tal, solicitamos autorização para poder consultar o Processo do aluno relativo aos seus dados pessoais e ainda o referente à avaliação nas sessões de Cinoterapia. Solicitamos ainda poder realizar entrevistas aos docentes, técnicos e encarregados de educação na escola.

O objetivo é recolher o máximo de informação pertinente sobre a cinoterapia enquanto atividade desenvolvida pela Guarda Nacional Republicana, em particular pelo Grupo de Intervenção Cinotécnico, de forma a melhor caracterizar a atividade, servindo como suporte de todo o processo de investigação desenvolvido.

Agradecendo a sua atenção.
Com os melhores cumprimentos,



Aspirante Inf GNR André Samuel Ginete Sobreira
18/04/2013

A.2. Ofício de resposta relativo ao pedido de autorização para consulta do processo relativo aos dados pessoais dos alunos e respetiva avaliação

Pedido de autorização para consulta do processo do aluno relativo aos seus dados pessoais e à avaliação das sessões de cinoterapia

CAP AE Mem Martins [ce@secmemmartins.pt]

Enviado: segunda-feira, 27 de Maio de 2013 11:55

Para: André Samuel Ginete Sobreira

Cc: Maria Teresa [lobato.oliveira1@gmail.com]; Elisabete Moreira [betuscamolly@hotmail.com]

Anexos: logoMECmail.JPG (9 KB)

MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL
EXÉRCITO PORTUGUÊS
ACADEMIA MILITAR

Exmo Sr. Aspirante Inf GNR André Samuel Ginete Sobreira

Relativamente à solicitação formulada, no sentido de recolher a informação pertinente sobre a cinoterapia, informamos que a mesma foi autorizada, à exceção dos elementos do processo do aluno que possuam carácter de sigilo.

Assim, todas as informações devem ser solicitadas aos respetivos Diretores de Turma, através da Professora Paula Nicolau, que articulará convosco toda a ação necessária à recolha de elementos.

Atenciosamente,

Maria Teresa Oliveira

A presidente da CAP



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

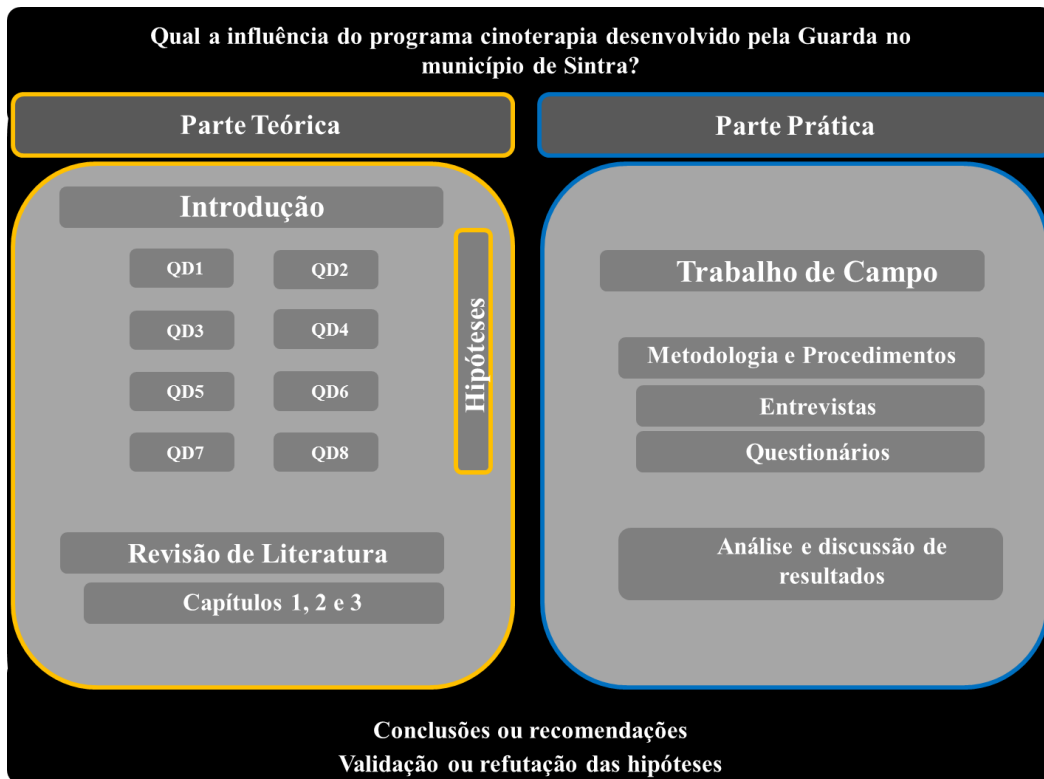
Agrupamento de Escolas de Mem Martins
Rua São Francisco Xavier
2635-195 Rio de Mouro
Tel. 219 229 500
Fax. 219 229 508/7
www.secmemmartins.pt
ce@secmemmartins.pt

Apêndice B

Modelo metodológico e estrutura do RCFTIA

B.1. Modelo metodológico

Figura n.º 24 — Modelo metodológico do RCFTIA



B.2. Estrutura RCFTIA

Figura n.º 25 — Estrutura RCFTIA



Apêndice C

Guião da entrevista



ACADEMIA MILITAR

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

“A cooperação entre a Guarda Nacional Republicana e o município de Sintra: o programa cinoterapia”

Carta de apresentação

No âmbito do Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada que estamos a realizar, subordinado ao tema “A cooperação entre a Guarda Nacional Republicana e o município de Sintra: o programa cinoterapia”, temos como objetivo compreender o trabalho que a Guarda desenvolve em conjunto com o Agrupamento de Escolas Maria Alberta Menéres (Mem Martins/Sintra).

O objetivo da Entrevista é recolher o máximo de informação pertinente sobre a cinoterapia enquanto atividade desenvolvida pela Guarda Nacional Republicana, em particular pelo Grupo de Intervenção Cinotécnico, de forma a melhor caracterizar a atividade, servindo como suporte de todo o processo de investigação desenvolvido.

Desta forma solicito a V. Ex.^a que nos conceda esta entrevista como forma de valorização do trabalho que estamos a desenvolver. Caso conceda esta entrevista, e por forma a garantir os interesses de V. Ex.^a, colocaremos à sua disposição os dados resultantes da análise e da própria entrevista antes da exposição pública do trabalho.

Agradecendo a sua atenção.

Atenciosamente,

Aspirante de Inf GNR André Samuel Ginete Sobreira

Entrevista

1) Dados pessoais e profissionais

Nome	
Idade	
Cargo	
Local Trabalho/Unidade	

Antes de mais, gostaria de agradecer a disponibilidade para conceder esta entrevista. Conforme referido na carta de apresentação, a entrevista faz parte do Trabalho de Investigação Aplicada, sob o tema “A cooperação entre a Guarda Nacional Republicana e o município de Sintra: o programa cinoterapia”, com o qual desejamos concluir com sucesso o Curso de Oficiais da Guarda Nacional Republicana.

Por último, gostaríamos igualmente de solicitar a sua autorização para gravar a entrevista, cujos dados servirão, única e exclusivamente, para sustentar o trabalho de investigação aplicada em desenvolvimento. Após a apresentação do trabalho, a gravação será destruída.

Muito obrigado!

2) Questões

Questão n.º 1: De que forma foi regulamentada a prática da cinoterapia, em termos técnicos, pela GNR em geral e no Grupo de Intervenção Cinotécnico (GIC) em particular? Como e em que condições é realizada a cinoterapia?

Questão n.º 2: No que diz respeito aos meios disponíveis para a cinoterapia, quer humanos, quer materiais e animais, o que lhe apraz dizer?

Questão n.º 3: No seu entendimento haveria alguma vantagem em os militares envolvidos terem uma formação complementar para a prática de cinoterapia?

Questão n.º 4: Os militares que acompanham as sessões de cinoterapia não recebem qualquer tipo de compensação e são todos voluntários. Na sua opinião, o que é que motiva os militares para esta atividade?

Questão n.º 5: Todos sabemos que é importante uma imagem sólida e de confiança nas Forças e Serviços de Segurança. Entende que esta prática contribui para essa imagem? De que forma?

Questão n.º 6: Quais as vantagens da prática da cinoterapia pela GNR? E desvantagens?

Questão n.º 7: Na sua opinião, como é vista a cinoterapia por parte dos pais e encarregados de educação? Qual o impacto que esta tem nas crianças visadas? Já é possível verificar alterações no desempenho das crianças e jovens intervencionados? A que níveis?

Questão n.º 8: Entende que a cinoterapia é uma mais-valia para a cooperação entre a GNR e o Agrupamento de Escolas Maria Alberta Menéres? Como?

Questão n.º 9: É a favor de que a GNR continue a proporcionar este tipo de atividade às pessoas que dela necessitam? Assim sendo, tem alguma proposta no sentido de rentabilizar esta prática, ou outras medidas a implementar com o intuito de desenvolver a cinoterapia na GNR permitindo o acesso ao maior número de utentes possível?

Questão n.º 10: Que tipo de cooperação foi criada entre o Agrupamento de Escolas Maria Alberta Menéres (Mem Martins/Sintra) e a GNR e o município de Sintra? Este tipo de cooperação já foi solicitada por outras entidades?

Questão n.º 11: Além do que foi dito, tem mais alguma coisa a acrescentar sobre este assunto?

Muito obrigado pela colaboração!

____/____/____

Assinatura

Apêndice D

Quadros de análise de conteúdo das entrevistas

Ao longo deste apêndice podem-se conferir os aspetos considerados mais importantes das várias respostas às questões das entrevistas.

Quadro n.º 13 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q1.

E	De que forma foi regulamentada a prática da cinoterapia, em termos técnicos, pela GNR em geral e no Grupo de Intervenção Cinotécnico (GIC) em particular? Como e em que condições é realizada a cinoterapia?
1	<ul style="list-style-type: none"> - “A iniciativa partiu do AGREMAM, sendo que (...) passaria a ser mais um complemento para nós nesta área, aproveitando para rentabilizar alguns cães que já não têm muita atividade”. - “Esta atividade formalizou-se em Protocolo, tendo a duração de um ano e sendo anualmente revalidado (...) contando com a presença de técnicos e terapeutas”. - “Só é realizada pelo GIC, embora, haja 36 locais onde existem cães da Guarda”. - “É realizada semanalmente, de acordo com os militares disponíveis e com as situações operacionais”.
2	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) após (...) um protocolo entre a GNR e a CMS que, <i>in loco</i>, foi através do AGREMAM”. - “O objetivo é realizar alguns exercícios que são complementares às nossas funções”. - “Temos a preocupação de aproveitar os cães que já começam a ficar afastados do serviço”. - “ (...) existe sempre um técnico superior (...) da área do ensino especial (...) sendo efetivada como TAA, apesar de ainda não haver legislação portuguesa, que contemple a utilização de animais” - “Acaba por ser uma ferramenta para que se cumpram objetivos de acordo com a patologia do indivíduo”.
3	<ul style="list-style-type: none"> - “Através de um protocolo promovido entre a GNR e o AGREMAM”. - “A cinoterapia realiza-se uma vez por semana, (...) tendo sempre em atenção as situações operacionais (...)”. - “Cada binómio visa um determinado grupo de crianças, de acordo com a sua doença (...)”.
4	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) através de um protocolo que foi celebrado entre a GNR e o Agrupamento de Escolas de Sintra”. - “ (...) É realizado semanalmente, numa sala de aulas, em que o material está distribuído de acordo com os objetivos”.
5	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) através de um protocolo”. - “Temos sempre um técnico e um cinoterapeuta connosco a acompanhar as crianças”. - “O material é o que nós utilizamos diariamente, pelo que assim não há necessidade de grandes investimentos”.
6	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) acabou por ser um protocolo. Solicitámos à Câmara Municipal de Sintra, e demos início ao projeto (...)”. - “O protocolo decorreu de um projeto que foi financiado pela Câmara Municipal de Sintra.” - “É realizado semanalmente, através de tratadores cinotécnicos da GNR (...)”. - “ (...) conseguimos ter técnicos, um psicólogo, um terapeuta da fala e um terapeuta ocupacional, os quais traçam objetivos de acordo com a patologia de determinada criança”. - “ Acabamos por rentabilizar os recursos que temos”.

Quadro n.º 14 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q2.

E	No que diz respeito aos meios disponíveis para a cinoterapia, quer humanos, quer materiais e animais, o que lhe apraz dizer?
1	- “Temos a ambição que a cinoterapia se alargue a outras Escolas do país, mas é necessário que haja condições, nomeadamente cães, não só aqui no GIC, mas em todos os locais onde existem, e onde essa simbiose se concretize, pois se se entra em esforço e se se vai para além da missão não se torna saudável, portanto, é necessário que exista um equilíbrio para dar resposta a este tipo de atividades”.
2	- “Quanto aos animais, houve uma preocupação inicial, em que foram escolhidos entre nós os cães mais calmos e mais equilibrados (...)”. - “(...) aproveitamento de alguns cães que já estão em final de carreira (...)”. - “Em termos materiais há uma grande dificuldade. (...) seriam necessários mais para construir outro tipo de exercícios”. - “O objetivo também será de futuro ter um leque maior de militares disponíveis para a atividade”.
3	- “Os cães que tentamos disponibilizar são cães já calmos (...) que tenham características como ser brincalhão, sociável (...) já em final de carreira”. - “No que diz respeito aos recursos humanos, o círculo de militares disponíveis para esta atividade é sempre o mesmo. Penso que se deveria manter, mas com um maior número de militares”. - “Penso que deveria haver uma aquisição de meios materiais para podermos alargar os nossos objetivos”.
4	- “Ao nível dos meios materiais, utilizamos o básico, todos os utensílios que empregamos no dia-a-dia com o cão, o “churro”, a “bolinha” e os “pentes””. - “Quanto aos cães, nem todos servem. Têm que ser os cães mais calmos, mais sociáveis e que tenham o nível de obediência básico para interagirem com as crianças. Para isto, aproveitamos os mais velhinhos que vão estando afastados do serviço operacional”.
5	- “Temo-nos apercebido com a evolução das crianças da necessidade de outros meios materiais para fazer face às necessidades (...)”. - “Os cães adaptaram-se muito bem, têm que ser cães dóceis e bastante tranquilos (...) calmos e muito sociáveis”. - “Na minha opinião os cães em final de carreira são os mais aptos e sociáveis para responder às necessidades da cinoterapia”.
6	- “Os professores vão trocando de alunos por motivos de trabalho (...)”. - “Quanto aos meios materiais seria importante fazermos novas aquisições para podermos diversificar o tipo de exercícios a realizar e vamos tentar com que isso aconteça”.

Quadro n.º 15 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q3.

E	No seu entendimento haveria alguma vantagem em os militares envolvidos terem uma formação complementar para a prática de cinoterapia?
1	- “Julgo que sim, não só por razões de enriquecimento dos próprios militares nesta área (...) mas também como forma de ganhar alguma autonomia, e melhorar a nossa intervenção”. - “No entanto, daquilo que é o estritamente cumprimento do que nos foi estabelecido, não é necessário que os militares façam esta formação, ou seja, não é imprescindível para o cumprimento da missão”.
2	- “Neste momento têm aquilo que é o necessário para executar cinoterapia (...) efetivamente uma formação complementar, trará algumas vantagens”. - “É algo já estamos a desenhar (...) umas jornadas, basicamente onde se irão reunir pais, terapeutas e tratadores cinotécnicos, no sentido de trocas de ideias e de formar grupos de trabalho, dando vários contributos, experiências, ideias e comportamentos”. - “Essa formação está a ser já desenhada (...) para poder imprimir mais algum conhecimento e (...) maior cruzamento e (...) interligação no trabalho que é desenvolvido, com o intuito de dar mais ferramentas e mais conhecimento geral aos militares para poderem adequar os exercícios que os cães fazem às necessidades das sessões”. - “O meu objetivo é utilizar a experiência adquirida para (...) uma melhoria acentuada da qualidade prestada em termos de serviço”. - “Sem dúvida que é uma vantagem por já estar a ser trabalhada”.

3	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim, haveria vantagem”. - “ (...) este tipo de trabalho carece de determinado conhecimento ao nível das patologias e comportamentos visados”. - “Tendo esse tipo de formação, seria uma vantagem (...). Por vezes tentamos que o cão faça determinados exercícios, mas chegamos a um patamar em que já não temos conhecimento da probabilidade de reação das crianças”. - “Se tivéssemos formação acabaríamos por melhorar a qualidade do serviço prestado”.
4	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim, para colmatar algumas falhas nossas”. - “Facilitaria mais a interação com os professores e com os profissionais de saúde”. - “Atualmente, somos muito ajudados e orientados pelos professores e pelos terapeutas, o que não seria necessário se houvesse uma formação extra”.
5	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim, deveria haver um investimento por parte da Guarda”. - “Traria mais vantagens ao nível de conhecimentos e ao nível da interação com os miúdos”. - “ (...) adequar o meu serviço da melhor forma possível aquelas crianças”. - “Com uma formação complementar conseguiríamos adaptar melhor os exercícios de acordo com as patologias e promover mais qualidade no serviço que fazemos”.
6	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim, penso que sim”. - “ (...) domínio de algumas problemáticas seria muito mais fácil perceber e adaptar a terapia a cada uma das crianças”. - “Também para eles se sentirem mais seguros aquando da criação de um plano de cinoterapia”.

Quadro n.º 16 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q4.

E	Os militares que acompanham as sessões de cinoterapia não recebem qualquer tipo de compensação e são todos voluntários. Na sua opinião, o que é que motiva os militares para esta atividade?
1	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) resultados na evolução de crianças que precisam”. - “ (...) sentimento de realização pessoal, profissional, com uma entrega ao trabalho fantástica”. - “ (...) evolução das crianças, que não tem preço, até porque são crianças que estão ao abrigo do ensino especial público, e que algumas têm quadros familiares sociais muito complicados, famílias disfuncionais, sendo que assim, os militares veem que conseguem fazer alguma diferença”.
2	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) gratificação de estarem a contribuir para uma melhor qualidade de vida daquelas crianças”. - “ (...) são militares que sabemos que (...) além da sua atividade (...) sabem que se requer um empenhamento, uma disponibilidade extra, porque estas sessões costumam ser duras. Claro que há uma preocupação do comando (...) em termos da justiça e disciplina de os referenciar a nível elogioso”. - “ (...) reconhecimento nosso (...) dos pais e dos professores”. - “ (...) verem os miúdos a evoluir e eles estarem a contribuir (...) para a evolução que os miúdos acabam por ter”. - “ Também o afeto que acabam por criar com eles e com os cães”.
3	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) a parte humana, o saber que estamos a ajudar”. - “ (...) conseguimos ver evolução no nosso trabalho, o que é muito gratificante e acaba por nos motivar a continuar”. - “Apesar de haver empresas civis que fazem este tipo de atividade, e que é pago, para nós é impensável cobrarmos este tipo de serviço”.
4	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) assistir à evolução das crianças”. - “Existem miúdos com grandes dificuldades (...). Depois de aplicados alguns exercícios (...) dizem um simples “bom dia” e claro que é muito motivante para nós”. - “ (...) saber que estou a prestar um serviço gratificante que algumas daquelas crianças não teriam acesso que não pela Guarda”. - “A parte humana também é muito importante, porque sabemos que estamos a realizar uma atividade muito digna e útil para a sociedade”. - “Não há melhor trabalho do que aquele onde vemos resultados e evolução”.
5	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) é a evolução das crianças, dá um gozo enorme ver que o nosso trabalho está a surtir efeito”. - “ (...) notamos que os miúdos estão bastante motivados e expectantes e isso dá-nos uma alegria enorme. É uma sensação única, única mesmo. É muito bom mesmo”.

6	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) o que os motiva a vir, cansados e exaustos, penso que seja a relação empática que criaram com toda a gente”. - “ (...) ver uma evolução decorrente do seu trabalho e observar que esse trabalho produz resultados que podem fazer a diferença”. - “Há evoluções gigantescas. Com certeza que este caminho percorrido também lhes dá gozo, acabando por os motivar, ao se sentirem parte fundamental do sucesso”.
---	--

Quadro n.º 17 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q5.

E	Todos sabemos que é importante uma imagem sólida e de confiança nas Forças e Serviços de Segurança. Entende que esta prática contribui para essa imagem? De que forma?
1	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim, mas tentamos não explorar a imagem (...)”. - “A aposta (...) passa por conseguir socializar os nossos cães e ganhar experiência”. - “ (...) conseguiu ir ao encontro de uma necessidade da formação especial pública (...)”. - “A Guarda sai a ganhar nem que seja só por dar ênfase ao lema “Pela Lei e pela Grei”.
2	<ul style="list-style-type: none"> - “Claro que contribui”. - “ (...) trabalho propriamente dito da atividade operacional (...) de um âmbito mais social (...) acaba por afetar e por ser notório pelos pais, pelos professores, pela câmara, pelos órgãos de comunicação social e por toda essa gente envolvida”. - “ (...) sem sombra de dúvida, que isto tem repercussões, ao nível social, brutais e muito positivas”.
3	<ul style="list-style-type: none"> - “Contribui muito”. - “A Guarda consegue aqui adquirir visibilidade pela positiva”. - “Está próxima do cidadão, neste caso, de pessoas com necessidades especiais (...) sabem que nós estamos ali, não só como Força de Segurança, mas como amigos”. - “A Guarda adquire uma imagem muito positiva, quando sabemos que existem entidades civis que fazem este tipo de serviço e que o cobram, enquanto que nós não o fazemos”.
4	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim, sem dúvida (...) através da interação das Forças de Segurança com os professores e técnicos de saúde e do contacto com as crianças, que acaba por quebrar aquela barreira que as pessoas, por vezes, formam em relação à GNR”. - “São estabelecidos laços próximos e de confiança (...) vêem-nos como amigos (...) tratamo-las como parceiros”. - “Tudo isto contribui para uma relação mais próxima e de confiança entre ambas as partes”. - “ (...) sermos uma Força de Segurança, torna o nosso trabalho mais credível, tanto que anteriormente ao estabelecimento do protocolo, já eram efetuadas sessões de Cinoterapia com uma entidade civil, mas sem sucesso, ficando os resultados muito aquém das expetativas”.
5	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim sem dúvida”. - “ (...) não veem a Guarda apenas como um meio dissuasor, mas como uma força que pratica o “bem” e que estamos cá para ajudar”. - “Cria-se uma relação muito próxima e muito humana”.
6	<ul style="list-style-type: none"> - “Acho que sim, agora consigo ver muito mais a parte humana dos polícias (...)”. - “ (...) nos miúdos por aqui haver uma desmistificação muito grande da Guarda”. - “Acho que o facto de a cinoterapia ser efetuada por uma Força de Segurança, aos olhos da sociedade, traz muito mais credibilidade”.
7	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) permite desmistificar o papel das forças e serviços de segurança, passando uma imagem de humanização na relação com as populações”. - “ (...) permitir uma relação de afeto, de comunicação e de interação entre o aluno e o cão, com resultados”.

Quadro n.º 18 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q6.

E	Quais as vantagens da prática da cinoterapia pela GNR? E desvantagens?
1	<ul style="list-style-type: none"> - “As duas partes ganham (...)”. - “A grande vantagem é ser a custo zero (...)”. - “ (...) estamos a desenvolver uma atividade nobre e ao mesmo tempo a apostar na formação dos cães”. - “ (...) os resultados que estão a ser obtidos para os dois lados, para nós do ponto de vista técnico e para as Escolas ao nível da evolução das crianças”. - “ (...) a imagem, quer dos alunos quer nos pais, e até na própria comunidade escolar, funcionários, professores, direção escolar e a Câmara de Sintra há uma forma de olhar para a Guarda de outra maneira, não é vista apenas como uma força de segurança, mas como um parceiro”.
2	<ul style="list-style-type: none"> - “As vantagens (...) é grátis”. - “ (...) alargarmos o leque de experiências dos nossos militares (...) dar respostas a uma ou outra situação aqui em termos dos cães, do treino e da atividade operacional”. - “ (...) forma de rentabilizar esses cães até ter novo destino, até terem um novo dono ou uma família de acolhimento”. - “A desvantagem (...) afastar os cães daquilo que é a atividade deles e aquilo que lhes é exigido em termos operacionais (...)”.
3	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) enriquecimento de conhecimentos (...) experiência útil, (...) melhoria (...) de serviço”. - “ (...) os benefícios e a evolução decorrentes da terapia, não só para as pessoas, mas também para a Guarda”. - “Quanto a desvantagens (...) nota-se um cansaço físico ao fim de uma sessão, pois além desta atividade temos o serviço operacional”.
4	<ul style="list-style-type: none"> - “A imagem da Guarda (...) torna-se gratificante, aproximando a sociedade das Forças de Segurança”. - “Outra vantagem será a própria evolução dos miúdos, trazendo-lhes benefícios com estas sessões”.
5	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) uma imagem bastante positiva que passa em todos os sentidos. Para nós a realização pessoal”.
6	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) desmistificação do papel da Guarda, e reforçar um dos papéis principais, que consiste em prestar ajuda à sociedade”. - “ (...) socialização que os cães adquirem com esta atividade, que é uma característica (...) fundamental na atividade deles”. - “ (...) é a aproximação da Guarda do cidadão, mostrando-se uma força mais próxima, humana e de confiança”.

Quadro n.º 19 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q7.

E	Na sua opinião, como é vista a cinoterapia por parte dos pais e encarregados de educação? Qual o impacto que esta tem nas crianças visadas? Já é possível verificar alterações no desempenho das crianças e jovens intervencionados? A que níveis?
1	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) veem isto com bons olhos, reconhecendo publicamente os resultados que tem sido obtidos nas crianças”. - “ (...) também há pais que estão completamente despreocupados (...)”. - “Têm-se verificado alterações nas crianças, tendo um grande impacto ao nível da comunicação, da socialização, saúde e estabilização”.
2	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) da parte dos pais é bastante positiva, há uma reportagem já, inclusivamente feita, quando a RTP lá foi e que relata isso, mas também há aqueles que não reconhecem o nosso trabalho”. - “ (...) impacto é muito grande (...) conhecem o nome dos cães e conhecem o nome dos tratadores”. - “ (...) será possível verificar a evolução que eles têm já em termos das suas patologias (...)”. - “ (...) bastantes alterações positivas no desempenho das crianças (...) do seu conhecimento (...) rotina diária (...) socialização (...)”.
3	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim, eles gostam bastante (...) alguns fazem questão de assistir”. - “Abordam-nos e agradecem-nos a evolução dos filhos (...) existe uma grande interação”. - “ (...) há pessoas que têm noção do trabalho que estamos a desenvolver e agradecem-nos. Mas também existem aqueles que pensam que fazemos este serviço por obrigação e não têm qualquer consideração por nós”. - “Sim já é possível verificar alterações. O impacto que a cinoterapia tem nas crianças reporta-se ao nível social, da saúde, da boa disposição, da comunicação e escolar (...)”.

4	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) já tive situações em que os pais quiseram assistir e participar e ver como os filhos interagiam com os cães”. - “Nota-se um agrado por parte deles, abordam-nos e agradecem-nos todo o trabalho que temos com os filhos deles”. - “A cinoterapia tem um grande impacto nos miúdos”. - “ (...) as crianças estão sempre a perguntar quando é (...) que vão estar com os cães. Cria-lhes muita expectativa e ansiedade por interagirem com os animais”. - “Verificam-se ao nível do humor, da comunicação, da socialização, do raciocínio, mas tudo depende da criança intervencionada”.
5	<ul style="list-style-type: none"> - “Temos situações em que os pais nos abordam por os resultados estarem a ser bastante bons”. - “ (...)há pais que compraram cães para terem em casa para interagirem com os filhos, uma vez que se apercebem das suas melhorias”. - “Existem melhorias ao nível da fala, da locomoção, psicomotoras, da socialização, da comunicação e da interação”.
6	<ul style="list-style-type: none"> - “Ficaram incrédulos com a evolução dos filhos”. - “ (...) já compraram um cão depois de se terem apercebido da influência dos cães nos seus filhos”. - “ (...) há evoluções muito grandes (...)”. - “ (...) reduzir o nível de agressividade, proporcionar o controlo de emoções, proporcionar o controlo e redução das estereotipias, bem como aumento da capacidade de comunicação e da boa-disposição”. - “evolução cognitiva, ao nível da contagem e da escrita, o que lhes vai proporcionar uma melhoria ao nível do desempenho escolar, decorrente do aumento de concentração (...)”.

Quadro n.º 20 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q8.

E	Entende que a cinoterapia é uma mais-valia para a cooperação entre a GNR e o Agrupamento de Escolas Maria Alberta Menéres? Como?
1	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim, enquanto se mantiver este equilíbrio, em que para nós não é esforço e vem a favor do que nós precisamos, e para eles vem a favor também do que precisam”.
2	<ul style="list-style-type: none"> - “Se há um projeto (...) se há (...) acaba por haver uma forte ligação, uma estreita ligação e cooperação com a escola”. - “ (...) eles pedem para vir cá ver demonstrações com os cães, alargando o leque de alunos deste agrupamento, portanto, em termos de cooperação e colaboração é bastante estreita”. - “Se houver uma necessidade nossa, de uma cooperação ou colaboração qualquer com a CMS, como é obvio o nosso nome já é conhecido e uma vez que estamos a contribuir positivamente para o município (...) há aqui uma aproximação (...)”. - “ (...) a cooperação vai permitir melhorias tanto no nosso trabalho, como no deles”.
3	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim, é importante para a visibilidade da Guarda e até do próprio Agrupamento (...) acaba por lhes fornecer conhecimentos para lidar com estas crianças (...)”. - “ (...) acaba por também auxiliar a Escola na sua missão escolar de transmissão de conhecimentos e formação dos seus alunos”. - “Quanto à Guarda, mostra que é uma Força de Segurança humana e próxima do cidadão mais comum”.
4	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim, porque, como já referi, contribui para a imagem da Guarda (...) contribuir para um ensino com necessidades especiais”. - “ (...) contribui para a aproximação da sociedade para com as Forças de Segurança e com este tipo de atividades”. - “Facilita a visão da Guarda como um elemento mais próximo e útil para este tipo atividade”.
5	<ul style="list-style-type: none"> - “ (...) mais-valia para a Guarda Nacional Republicana e para nós (...)”. - “Quanto à Guarda, no sentido de mostrar que está em todas as frentes das mais diversas situações e atividades. É uma forma de mostrar às pessoas que nós estamos aqui para as ajudar”.
6	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim”. - “ (...) por ser importante para as crianças saberem e terem um enquadramento do papel que a polícia tem na nossa sociedade”. - “ (...) deu-nos uma confiança muito grande”. - “ (...) permitiu abrir portas para que haja muito mais atividades, uma vez que já está estabelecida

	<p>uma relação de confiança”.</p> <p>- “ (...) mais-valia para outro tipo de projetos que esta cooperação possa dar, quer ao nível da formação, que é um dos objetivos que nós temos, efetuarmos uma parceria de formação entre ambas as instituições, com o intuito de trocar experiências”.</p>
--	---

Quadro n.º 21 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q9.

E	
	É a favor de que a GNR continue a proporcionar este tipo de atividade às pessoas que dela necessitam? Assim sendo, tem alguma proposta no sentido de rentabilizar esta prática, ou outras medidas a implementar com o intuito de desenvolver a cinoterapia na GNR permitindo o acesso ao maior número de utentes possível?
1	<p>- “Sou a favor (...)”.</p> <p>- “ (...) algumas secções cinotécnicas espalhadas pelo país, tentassem promover a cinoterapia nalgumas escolas, tendo sempre em conta a necessidade de dar formação aos militares”.</p> <p>- “ (...) rentabilizar esta situação e expô-la ao Comando da Guarda sem adquirir esforço extra”.</p>
2	<p>- “Sou a favor que a GNR continue a proporcionar este tipo de atividade (...)”.</p> <p>- “ (...) de utilizar recursos que estão em final de carreira (...)”.</p> <p>- “ (...) sendo um tema atual e que ainda não está muito bem desenvolvido em Portugal, e estando a GNR a fazê-lo, e já com alguma experiência adquirida, acaba esta por ganhar com isso e com a imagem, o que é fundamental”.</p> <p>- “ (...) devemos dar passos seguros (...) aumentar a sua qualidade e eventualmente, de futuro, um alargamento (...)”.</p> <p>- “Só após uma estabilização se poderá fazer isto como uma atividade complementar”.</p> <p>- “ (...) no final das jornadas, pelo menos se se cumprir aquilo que eu idealizei, será uma mais-valia e que tiraremos dali resultados muito positivos e quiçá vamo-nos pôr num patamar em que ainda nenhuma associação ou organização não governamental em Portugal ainda conseguiu atingir, uma vez que temos conhecimento teórico em termos de patologias, adquirido através dos terapeutas e conhecimento prático da nossa atividade diária”.</p> <p>- “A congregação destas pessoas todas para um espaço, a fim de discutir esta temática vai ser pioneira, em que a troca de experiências vai ser uma coisa única e que vai fazer melhorar a atividade, em termos de qualidade, brutalmente”.</p>
3	<p>- “Sim”.</p> <p>- “ (...) através da tal formação complementar”.</p> <p>- “Uma outra forma seria o alargamento para outras escolas noutros pontos do país, porque este problema não é só aqui, e para hospitais”.</p>
4	<p>- “Sim, penso que sim”.</p> <p>- “ (...) alargar o espetro das sessões a outras escolas e hospitais”.</p> <p>- “ (...) seria possível alargar a cinoterapia a todo o país, através das secções cinotécnicas espalhadas por todos os distritos. Seria possível, dependendo dos cães e da formação dada aos militares”.</p> <p>- “ (...) formação de cães específicos só para aquele tipo de serviço melhoraria significativamente a qualidade da cinoterapia, nomeadamente através da criação de uma secção específica para aquele tipo de trabalho”.</p>
5	<p>- “Sim”.</p> <p>- “ (...) formar cães mesmo próprios para este tipo de atividade, bem como militares que apenas se dedicassem a esta”.</p> <p>- “ (...) alargamento através da extensão da cinoterapia a nível nacional por intermédio das secções cinotécnicas dos respetivos Comandos Territoriais de cada distrito”.</p>
6	<p>- “Sim, sem dúvida”.</p> <p>- “ (...) acabamos por ser uns privilegiados por ter esta relação com a GNR (...)”.</p> <p>- “ (...) utilizar militares e cães em fim de carreira, o que possibilitaria que eles se dedicassem a tempo inteiro à cinoterapia”.</p> <p>- “ (...) alargar esta atividade a mais dias da semana, podendo ser mais fácil gerir o esforço (...)”.</p>

Quadro n.º 22 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q10.

E	Que tipo de relação foi criada entre o Agrupamento de Escolas Maria Alberta Menéres (Mem Martins/Sintra) e a GNR e o município de Sintra? Este tipo de cooperação já foi solicitada por outras entidades?
1	- “A Câmara Municipal colabora com o financiamento para os programas do ensino especial, acordado entre o município, o Ministério da Educação e as comunidades escolares”. - “ (...) já foi solicitado por outras escolas”.
2	- “A cooperação já foi solicitada”. - “O município disponibilizou uma verba (...)”.
3	- “A cooperação foi criada através do estabelecimento do protocolo”. - “Foi estabelecida uma relação recíproca de confiança”. - “Ao nível do município, através do financiamento dos materiais necessários”. - “Sim, sei que já foi solicitada por outras entidades”.
4	- “A Câmara financiou a parte dos materiais”. - “Foi uma relação próxima e de confiança e com um espírito aberto entre ambas”.
5	- “O município financiou o projeto”. - “É uma interação bastante boa”.
6	- “Apresentámos um projeto à Câmara Municipal (...) foi aprovada e financiada (...) a cinoterapia”. - “Sei que este tipo de cooperação já foi solicitado por outras Escolas”.
7	- “Esta cooperação nasceu do contacto estabelecido entre a Escola Maria Alberta Menéres e a GNR, tendo o Município financiado o projeto”. - “Existem outras escolas que estão a solicitar cinoterapia no trabalho com crianças com necessidades educativas especiais (...)”.

Quadro n.º 23 — Quadro de análise de conteúdo das respostas à Q11.

E	Além do que foi dito, tem mais alguma coisa a acrescentar sobre este assunto?
1	- “É uma coisa de que me orgulho muito, de ter conseguido dar este passo, espero que em breve consiga alargar o programa a outras comunidades que precisem desta ajuda. Para já irá sempre ao encontro do ensino especial público”.
3	- “É continuar. Dentro das nossas possibilidades, até melhorar, por que estamos a realizar um bom trabalho (...) sentimo-nos muito felizes com o trabalho que realizamos. Sabemos que podemos fazer felizes algumas crianças (...)”.
4	- “A questão do alargamento a outras Escolas e da divulgação poderia ser mais explorada”.
5	- “É pena a Guarda não ter apostado neste projeto já algum tempo. Acho que esta atividade deveria ser mais divulgada para outras escolas. Tal como já referi, dever-se-ia formar uma equipa instruída apenas para esta situação”.
6	- “Sei que a Polícia de Segurança Pública já tentou avançar com este tipo de projeto, mas que ainda não conseguiu. A Escola Segura da GNR tem contactos regulares e frequentes com a nossa Escola”. - “Numa das vezes, a PSP (...) entrou em contacto comigo, isto porque queria saber informações acerca de como o projeto se desenvolve, por querer dar resposta a solicitações de outras Escolas dentro do mesmo âmbito”. - “Em relação à cinoterapia, é importante realizar um trabalho em equipa e ter já uma base de trabalho, tendo em conta o conhecimento teórico dos professores e conhecimento técnico dos tratadores cinotécnicos. O trabalho em equipa tem sido espetacular”. - “Comparando com a cinoterapia realizada por particulares e pela GNR, penso que temos agora uma parte relacional muito mais importante. Conseguimos criar uma ligação muito mais próxima com os miúdos. Antes apenas tínhamos um cão e agora temos muitos mais. A disponibilidade e a variedade são muito mais amplas. Também no número de alunos, conseguimos obter uma diferença abismal, alargando o número de intervencionados de quatro para vinte”.

Apêndice E

Questionário



ACADEMIA MILITAR

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

“A cooperação entre a Guarda Nacional Republicana e o município de Sintra: o programa cinoterapia”

Carta de apresentação

No âmbito do Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada que estamos a realizar, subordinado ao tema “A cooperação entre a Guarda Nacional Republicana e o município de Sintra: o programa cinoterapia”, temos como objetivo compreender o trabalho que a Guarda desenvolve em conjunto com o Agrupamento de Escolas Maria Alberta Menéres (Mem Martins/Sintra).

O objetivo do questionário é recolher o máximo de informação pertinente sobre a cinoterapia enquanto atividade desenvolvida pela Guarda Nacional Republicana, em particular pelo Grupo de Intervenção Cinotécnico, de forma a melhor caracterizar a atividade, servindo como suporte de todo o processo de investigação desenvolvido.

Desta forma solicito a V. Ex.^a que me responda a este questionário como forma de valorização do trabalho que estamos a desenvolver. Caso responda a este questionário, e por forma a garantir os interesses de V. Ex.^a, colocaremos à sua disposição os dados resultantes da análise e do próprio questionário antes da exposição pública do trabalho.

A sua participação é voluntária e o anonimato e confidencialidade das suas respostas ser-lhe-ão garantidos.

Agradecendo a sua atenção.

Atenciosamente,

Aspirante de Inf GNR André Samuel Ginete Sobreira

Questionário

1) Dados pessoais e profissionais

Cargo	Técnico <input type="checkbox"/>	Professor <input type="checkbox"/>	Pai/Mãe <input type="checkbox"/>
Género	Masculino <input type="checkbox"/>	Feminino <input type="checkbox"/>	
Idade			
Habilitações literárias			

2) As afirmações que se seguem estão relacionadas com o programa cinoterapia, resultante da cooperação entre a Guarda Nacional Republicana e o Agrupamento de Escolas Maria Alberta Menéres (Mem Martins/Sintra). Para cada uma delas escolha a opção, assinalando com um círculo (O) ou com uma cruz (X) a que melhor corresponde à sua opinião:

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente (DT)	Discordo (D)	Nem discordo/Nem concordo (ND/NC)	Concordo (C)	Concordo Totalmente (CT)

Afirmações	Escala
1. As instituições apostam na cinoterapia em prol dos seus utentes.	1 2 3 4 5
2. A cinoterapia é uma terapia de fácil alcance por parte das instituições.	1 2 3 4 5
3. A cinoterapia enquanto elemento diferenciador é uma mais-valia para as instituições.	1 2 3 4 5
4. Os resultados que a cinoterapia pode originar são positivos.	1 2 3 4 5

5. A cinoterapia desenvolvida pela GNR é efetuada em condições adequadas.	1 2 3 4 5
6. A cinoterapia contribui para um melhoramento de saúde.	1 2 3 4 5
7. A cinoterapia contribui para um melhor desempenho escolar, estimulando o desenvolvimento cognitivo.	1 2 3 4 5
8. A cinoterapia contribui para a adequação do comportamento.	1 2 3 4 5
9. A cinoterapia contribui para um aumento da socialização.	1 2 3 4 5
10. A cinoterapia contribui para um aumento da comunicação.	1 2 3 4 5
11. Os pais e encarregados de educação verificam vantagens na participação dos seus educandos nas sessões de cinoterapia.	1 2 3 4 5
12. A GNR deveria apostar numa formação complementar dos seus militares para a prática de cinoterapia.	1 2 3 4 5
13. A relação criada entre o militar da GNR e a criança/jovem, do ponto de vista reabilitacional, é importante.	1 2 3 4 5
14. A cinoterapia, enquanto atividade, influencia positivamente a imagem institucional da GNR.	1 2 3 4 5
15. A cinoterapia, enquanto atividade, influencia positivamente a imagem do município de Sintra.	1 2 3 4 5
16. Deveriam ser criadas parcerias entre a GNR e outras instituições de forma a rentabilizar a cinoterapia.	1 2 3 4 5
17. A cinoterapia permite reduzir padrões estereotipados de comportamento.	1 2 3 4 5
18. A cinoterapia permite melhorar a gestão dos afetos e das emoções das crianças e jovens envolvidos.	1 2 3 4 5
19. A cinoterapia permite estimular a integração sensorial.	1 2 3 4 5

Muito Obrigado!

Apêndice F

Resultados da análise dos questionários

Tabela n.º 2 — Correlação de Spearman

Correlações																			
	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12	A13	A14	A15	A16	A17	A18	A19
A1	1,000																		
A2	-,179	1,000																	
A3	,044	,354	1,000																
A4	,017	,404	,745	1,000															
A5	,037	,630	,336	,477	1,000														
A6	,435	,237	,155	,452	,188	1,000													
A7	,376	,062	,435	,709	,321	,692	1,000												
A8	-,052	,658	,449	,548	,643	,196	,375	1,000											
A9	,245	,565	,277	,544	,533	,738	,633	,614	1,000										
A10	,372	,455	,134	,338	,399	,817	,521	,430	,879	1,000									
A11	-,180	,627	,431	,472	,523	,279	,266	,620	,409	,408	1,000								
A12	,018	-,124	,594	,227	-,185	-,221	-,027	0,000	-,304	-,300	,222	1,000							
A13	,142	-,205	,573	,388	-,138	-,216	,106	,034	-,209	-,291	-,082	,788	1,000						
A14	,146	-,136	,661	,452	-,081	-,087	,271	-,008	-,180	-,239	,015	,773	,839	1,000					
A15	,552	-,397	,426	,249	-,191	,124	,312	-,157	-,025	-,006	-,330	,499	,700	,727	1,000				
A16	,177	-,097	,740	,374	-,005	-,228	,125	,140	-,160	-,247	-,026	,707	,826	,823	,746	1,000			
A17	,360	,027	,084	-,038	,147	,215	,179	,271	,286	,417	,158	,059	,046	,051	,379	,162	1,000		
A18	0,000	,740	,449	,548	,710	,261	,375	,802	,614	,430	,620	0,000	,034	-,008	-,157	,044	,361	1,000	
A19	,329	,436	,215	,313	,482	,564	,462	,634	,775	,752	,349	-,192	-,129	-,197	,079	-,102	,706	,727	1,000

Tabela n.º 3 — Média das afirmações.

	Média	Desvio Padrão
A4	4,7	0,465
A8	4,67	0,474
A18	4,67	0,474
A11	4,63	0,488
A16	4,63	0,488
A17	4,57	0,655
A12	4,52	0,547
A19	4,52	0,505
A13	4,5	0,691
A9	4,46	0,721
A3	4,41	0,686
A10	4,33	0,845
A14	4,26	0,999
A6	4,15	0,788
A7	4,11	0,948
A15	3,83	1,102
A5	3,57	0,834
A1	3,46	1,005
A2	2,93	0,68

Tabela n.º 4 — Teste de Friedman.

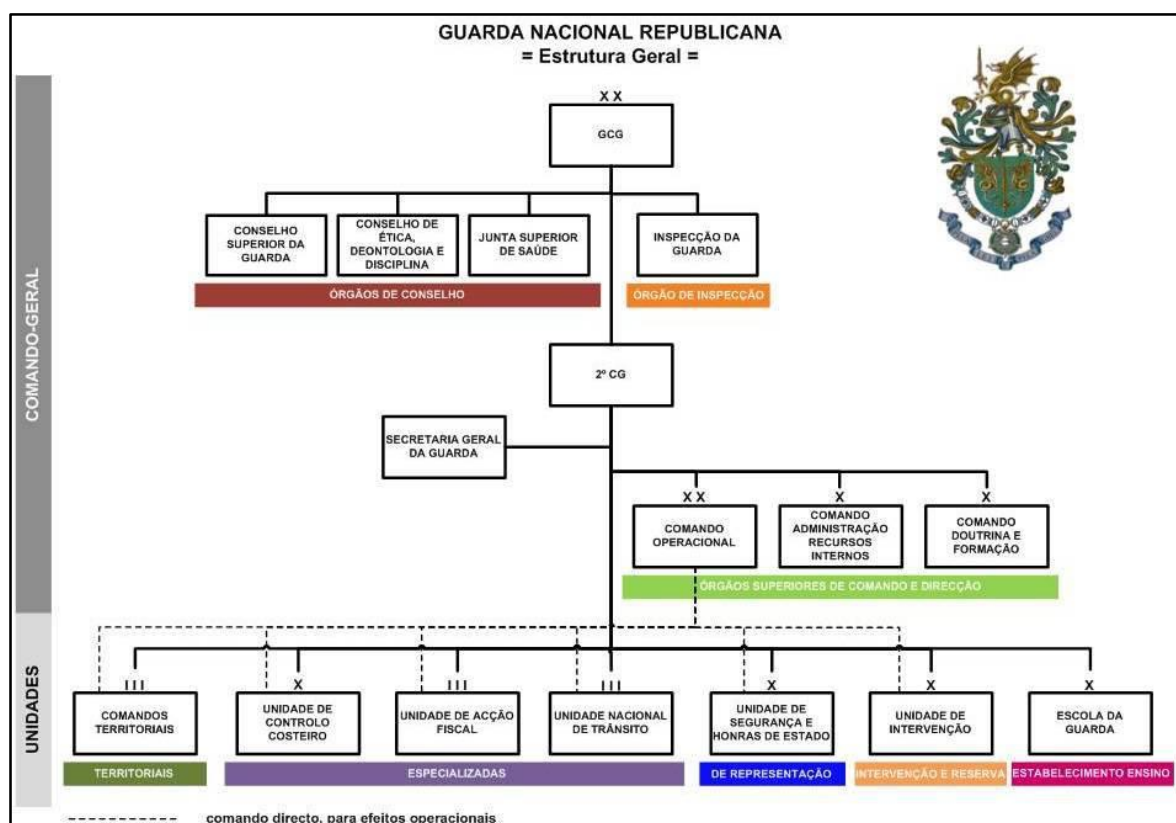
	Média do Rank
A4	12,76
A18	12,53
A8	12,51
A11	12,13
A16	12,05
A17	11,83
A19	11,41
A13	11,38
A9	11,26
A12	11,21
A10	10,58
A3	10,38
A14	9,77
A7	9,26
A6	9,17
A15	7,45
A1	5,80
A5	5,50
A2	3,01

Anexos

Anexo A

Estruturação da GNR

Figura n.º 26 — Estruturação da GNR



Fonte: *Guarda Nacional Republicana*. Retirado: Outubro, 9, 2012, de <http://www.operacional.pt/a-nova-organica-da-gnr/>

Anexo B

Protocolo de cooperação entre a GNR e o AGREMAM



**PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO
ENTRE A
GUARDA NACIONAL REPUBLICANA
E O
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS MARIA ALBERTA
MENÉRES (MEM MARTINS/SINTRA)**

PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO

Entre

A **GUARDA NACIONAL REPUBLICANA**, com sede em Lisboa, no Largo do Carmo, adiante designada por **GNR**, neste ato representada pelo **Comandante da Unidade de Intervenção**, Major-General Luís Francisco Botelho Miguel, com poderes para o efeito, na qualidade de primeiro outorgante;

e

O **Agrupamento de Escolas Maria Alberta Menéres**, com sede na Rua Padre Alberto Neto, Tapada das Mercês, concelho de Sintra, 2725-531 Mem Martins, adiante designado por **AGREMAM** neste ato representada pela **Diretora Executiva do Agrupamento**, Doutora Maria Elizabete Moreira, com poderes para o efeito, na qualidade de segundo outorgante:

Considerando que:

- a) A cinoterapia é um recurso terapêutico inovador, onde profissionais das áreas de psiquiatria, pedagogia, fisioterapia e psicologia, contam com cães adestrados, que agem como coterapeutas auxiliando esses profissionais a trabalharem a fala, o equilíbrio, a expressão de sentimentos e a motivação;
- b) A cinoterapia constitui um recurso alternativo ao tratamento de pessoas com necessidades especiais, designadamente de crianças com perturbações do espectro do autismo e trissomia XXI, oferecendo efeitos e benefícios no processo terapêutico;
- c) No âmbito dos processos terapêuticos a utilização do cão não é comum em contexto hospitalar e/ou em escolas especiais;
- d) O Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro, no seu Artigo 30.º prevê a cooperação e parcerias institucionais para a concretização dos processos de ensino-aprendizagem das crianças com necessidades especiais;
- e) A GNR tem colaborado, no âmbito das suas competências, em programas de responsabilidade social com instituições de ensino;
- f) O Grupo de Intervenção Cinotécnico da Unidade de Intervenção, detém capital intelectual certificado e meios cinotécnicos qualificados para intervenções de diversa índole;

É celebrado e reciprocamente aceite o presente Protocolo, que se rege pelas seguintes Cláusulas:

CLÁUSULA 1.ª

(Objeto)

O presente Protocolo tem por objeto:

- a) Oficializar a cooperação entre a GNR e o AGREMAM;
- b) Estabelecer os princípios e deveres para a realização de sessões de cinoterapia por parte da GNR, no AGREMAM.

CLÁUSULA 2.ª

(Âmbito de aplicação)

As sessões de cinoterapia ao abrigo do presente Protocolo destinam-se a crianças em idade escolar e com necessidades educativas especiais, abrangidas por programas de ensino especial.

CLÁUSULA 3.ª

(Princípios)

1. A cooperação entre os signatários orientar-se-á pelos princípios do respeito mútuo, da reciprocidade e da liberdade de decisão de cada uma das partes quanto ao interesse, à oportunidade e à possibilidade de desenvolvimento das iniciativas específicas no âmbito do exposto na Cláusula 1.ª.
2. Na prossecução do presente Protocolo, serão, em todos os casos, salvaguardadas as disponibilidades de ambas as partes.

CLÁUSULA 4.ª

(Responsabilidades da GNR)

A **GNR** compromete-se a:

- a) Colaborar em todos os momentos no âmbito do disposto do presente Protocolo, e de acordo com o disposto no número 1. da Cláusula 3.ª;
- b) Designar um representante que garanta o acompanhamento do estatuído no presente Protocolo, de acordo com o disposto no número 1. da Cláusula 7.ª;
- c) Proporcionar às escolas do AGREMAM uma sessão semanal de cinoterapia a crianças abrangidas por programas de ensino especial;
- d) Nomear os militares reconhecidos pela Unidade de Intervenção com competências técnico-profissionais, relacionais, comunicacionais e pedagógicas a integrar na equipa multidisciplinar;
- e) Integrar a equipa multidisciplinar responsável pelas crianças do ensino especial, acompanhando diretamente as sessões de cinoterapia;
- f) Colaborar, sempre que solicitado pelo AGREMAM e no âmbito das suas competências, na definição dos planos de desenvolvimento para as crianças do ensino especial;
- g) Selecionar os cães que apresentem as características necessárias para a concretização dos objetivos definidos no plano de desenvolvimento;
- h) Disponibilizar transporte para deslocação das equipas/binómios necessários à concretização do estabelecido no presente Protocolo.

CLÁUSULA 5.^a

(Responsabilidades do AGREMAM)

O **AGREMAM** compromete-se a:

- a) Referenciar as crianças do ensino especial que devem frequentar as sessões de cinoterapia;
- b) Designar uma equipa multidisciplinar constituída por um docente de educação especial, um psicólogo, um terapeuta da fala e um terapeuta ocupacional e outros que entenda como necessários para a realização com eficácia e eficiência das sessões de cinoterapia;
- c) Garantir a presença de um número mínimo e adequado de elementos da equipa multidisciplinar em cada sessão;
- d) Definir o plano de desenvolvimento a concretizar nas sessões de cinoterapia recorrendo sempre que entender aos conhecimentos dos militares da GNR, nomeados de acordo com o disposto na alínea d) da Cláusula 4.^a;
- e) Estabelecer a articulação necessária com o primeiro outorgante para que as sessões de cinoterapia decorram em conformidade com o plano de desenvolvimento;
- f) Disponibilizar o espaço físico e os recursos didáticos necessários para a realização das sessões de cinoterapia, designadamente: escovas, recipientes, artigos de limpeza, brinquedos e recompensas de reforço positivo alimentar para os cães;
- g) Definir um cronograma de sessões de cinoterapia considerando com a disponibilidade dos outorgantes, de acordo com o disposto número 2. da cláusula 3.^a;
- h) Assegurar a existência de um seguro de responsabilidade civil que cubra quaisquer acidentes durante a realização das sessões;
- i) Garantir a autorização expressa e por escrito dos encarregados de educação para a integração dos seus educandos na atividade de cinoterapia.

CLÁUSULA 6.^a

(Intervenção nas sessões de cinotecnia)

- 1. As sessões são individuais e devem decorrer de acordo com o plano de desenvolvimento definido pela equipa multidisciplinar.
- 2. As sessões são semanais com a duração de 15 a 30 minutos por aluno.
- 3. Durante a realização das sessões serão recolhidos som e imagem (fotografia/vídeo).
- 4. A concretização do disposto no número anterior será efetuada mediante autorização por escrito por parte do encarregado de educação do aluno.

CLÁUSULA 7.^a

(Coordenação e acompanhamento)

- 1. Para efeitos de coordenação, acompanhamento e operacionalização do presente Protocolo, será constituída uma Comissão de Coordenação e Acompanhamento composta por um elemento designado por cada um dos outorgantes, que reportarão, respetivamente, ao comandante do Grupo de Intervenção Cinotécnico e ao Coordenador dos programas de ensino especial do AGREMAM.

2. Compete à Comissão de Coordenação e Acompanhamento, designadamente:

- a)** Elaborar um plano de execução do presente Protocolo;
- b)** Definir, em cada ano, o número de crianças a abranger pelas sessões de cinoterapia;
- c)** Estabelecer o calendário e a programação das sessões a levar a cabo em cada ano;
- d)** Elaborar conjuntamente um relatório de apreciação de cooperação no final de cada ano letivo dando conhecimento ao Órgão Superior de Comando responsável pela Formação na Guarda;
- e)** Propor a implementação de medidas corretivas no âmbito dos planos de desenvolvimento em futuras sessões de cinoterapia.

CLÁUSULA 8.ª

(Gestão e Financiamento)

- 1.** Os encargos financeiros decorrentes da execução do presente Protocolo serão definidos pelos dois outorgantes para cada sessão a desenvolver, tendo em conta as obrigações respetivas definidas nas cláusulas 4.ª e 5.ª e tomando como base o princípio da reciprocidade.
- 2.** Os encargos financeiros decorrentes da execução do presente Protocolo no âmbito de cada sessão de cinoterapia a desenvolver, são da integral responsabilidade do AGREMAM.
- 3.** As sessões pedagógicas e outras modalidades de cooperação não previstas no presente Protocolo, mas consideradas de interesse mútuo, serão concretizadas caso a caso e formalizadas mediante proposta de uma das partes e ofício de aceitação da outra parte.

CLÁUSULA 9.ª

(Confidencialidade de dados e informações)

A GNR e o AGREMAM obrigam-se a manter confidencialidade em todos os dados e informações que lhes venham a ser disponibilizados pela outra parte no âmbito da execução deste Protocolo e a não revelar publicamente sem prévio consentimento por escrito da outra parte, quaisquer informações relacionadas com as suas atividades, planos, operações, resultados, bem como as metodologias utilizadas.

CLÁUSULA 10.ª

(Vigência, Revisão e Denúncia)

- 1.** O presente Protocolo conta os seus efeitos a partir da data da sua assinatura, sendo válido por um período de um ano, prorrogável tacitamente por iguais períodos, caso não seja denunciado por qualquer das partes.
- 2.** Durante o prazo de vigência e mediante acordo entre as partes outorgantes, o Protocolo poderá ainda ser modificado, no todo ou em parte, constituindo tais alterações, após formalização, aditamento ao presente Protocolo.
- 3.** As partes poderão denunciar em qualquer momento o presente Protocolo, em caso de incumprimento pela outra parte de alguma das obrigações decorrentes do Protocolo desde que a parte faltosa, notificada por escrito desse incumprimento não reponha o cumprimento das suas obrigações no prazo de 10 (dez) dias após recebimento da comunicação.

4. A denúncia do presente Protocolo poderá ser efetuada em qualquer momento, mediante carta registada enviada à outra parte, com a antecedência mínima de 60 (sessenta) dias sobre a data da produção de efeitos e sem prejuízo das ações de formação e outros projetos ou programas a decorrer ao abrigo do Protocolo.

CLÁUSULA 11.ª

(Assinatura do Protocolo)

O presente Protocolo foi lavrado e assinado em dois exemplares, ficando um exemplar composto por seis (6) folhas rubricadas e devidamente assinadas em poder de cada um dos outorgantes.

Feito em Lisboa, aos ____ dias do mês de _____ de 2012

PELA GNR

O Comandante da Unidade de Intervenção

PELO AGREMAM

A Diretora Executiva

Luís Francisco Botelho Miguel
Major-General

Maria Elizabete Moreira